

A photograph of a stone wall and its reflection in water. The wall is made of rough-hewn stones and has a person standing on it. The water is calm, creating a clear reflection of the wall and the person. The scene is captured in a vertical orientation, with the wall at the top and the water below it.

o duplo

contos sobre os outros eus

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Christina Ramalho

Natal/RN/2021



ISBN 978-65-88011-27-0

CONTISTAS

Ailezz Silva
Ana de Santana
Antonio Marcos dos Santos Trindade
Araceli Otamendi
Geóz Rodrigues de Melo
Gigia Talarico
Homero Carvalho Oliva
Janaína Moreno Matias
Márcia Batista Ramos
Nathaniel Diggory
Rafael Senra Coelho
Rosângela Trajano
Sheila Senes
Tania Werneck
W. J. Solha
Willian Elói

Título Original: *O duplo. Contos sobre os outros eus*

© Copyright 2021 by Christina Ramalho e autores

Todos os direitos reservados. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do/a autor/a, título da obra, edição e paginação. A violação dos Direitos do Autor (Lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Fotografias e arte: Christina Ramalho

Revisão dos/as autores/as e da organizadora

Diagramação: Christina Ramalho

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernando Antonny Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165d Ramalho, Christina (org.).

O duplo: contos sobre os outros eus. / Christina Ramalho (org.). – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2021.
196p.: il.; eBook (pdf).

Vários autores.

ISBN: 978-65-88011-27-0.

1. Literatura. 2. Literatura – textos diversos. 3. Literatura – Crônicas. I. Título.

CDU 821.134

CDD 869.4

SUMÁRIO

Apresentação (Christina Ramalho) – p. 7

Ailezz Silva

O piano – p. 13

Ana de Santana

Segunda – p. 19

Antonio Marcos dos Santos Trindade

Belzalmenu kidmutenu – p. 29

Araceli Otamendi

Un collar de flores blancas y cuentas negras de madera – p. 63

Geóz Rodrigues de Melo

O Sósia – p. 73

Gigia Talarico

La otra – p. 83

Homero Carvalho Oliva

Del tiempo y sus impertinencias – p. 89

Janaína Moreno Matias

Dupla delicadeza – p. 95

Márcia Batista Ramos

La última semana – p. 101

Nathaniel Diggory
Meus olhos alaranjados – p. 115

Rafael Senra Coelho
Um Casanova de conhece pelo Uísque – p. 127

Rosângela Trajano
Meu duplo gosta de gatos e eu de galinhas – p. 147

Sheila Senes
Dupla sorte – p. 153

Tania Werneck
Quem disse que estrelas brilham somente à noite? – p. 167

W. J. Solha
Se Jesus foi a luz do mundo, Virgulino era Lampião – p. 173

Willian Elói
Homens são iguais – p. 185

Sobre os/as autores/as – p. 187



Apresentação

Christina Ramalho

O duplo ou *doppelgänger*, em alemão. Categoria curiosa. Uma pitada de mistério, outra de desconcerto. Certamente, algum medo e muitas histórias cheias de imaginação, como a que nos trouxe Edgar Allan Poe, em seu conto “William Wilson”, de 1839; ou Dostoiévski, em seu romance *O duplo*, de 1846, que inspirou, no cinema, *Partner*, de 1968, do italiano Bernardo Bertolucci, e a adaptação *The Double*, de 2013, do diretor inglês Richard Ayoade. O que significa, afinal, o título deste livro? E de onde veio a ideia de sua realização? Vejamos...

Na matéria de título “Teoria da Conspiração: Doppelgänger, a sua cópia maligna”, publicada na revista *Super Interessante* (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/teoria-da-conspiracao-doppelganger-a-sua-copia-maligna/>), de 14 de dezembro de 2015, encontramos a seguinte explicação para a origem do termo: “A teoria de que todos temos pelo menos um ‘gêmeo’ por aí possui diversas origens. A maioria remonta à cultura alemã – onde, inclusive, surgiu o termo *doppelganger* (que significa “duplo ambulante”). Ele foi usado pela primeira em 1796, no romance *Siebenkas*, do francês Jean Paul (pseudônimo de Johann Paul Richter) em 1796. Nele, o protagonista é convencido por sua cópia a forjar a própria morte para se livrar da esposa”. Além disso, a matéria, entre outros, também nos conta que: “Há uma teoria menos sobrenatural e mais estatística: a de que, entre as 7 bilhões de pessoas na Terra, todo mundo tem um sócio 100% idêntico perdido por aí. Porém, a personalidade seria oposta”. Menciono, ainda, outra fonte.

No artigo “O duplo como fenômeno psíquico” (disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000300012&lng=pt&tlng=pt), assinado por Marta Regina de Leão D'Agord, Marcos Rafael de Oliveira Barbosa, Rukaya Hasan, Rafael Cavalheiro Neves, encontramos uma leitura crítica que aproxima a literatura e a psiquiatria, abordando, à luz de Freud e Lacan, o fenômeno do duplo no romance de Dostoiévski e no conto de Poe. A arte potencializa e amplia o sentido do “duplo”.

Essas duas breves referências – a uma matéria de revista e a um artigo científico – já servem para ilustrar o tema que deu origem a este livro. Fala-se, aqui, de “duplos”. Ailezz Silva, Ana de Santana, Antonio Marcos dos Santos Trindade, Araceli Otamendi, Geóz Rodrigues de Melo, Gigia Talarico, Homero Carvalho Oliva, Janaína Moreno Matias, Márcia Batista Ramos, Nathaniel Diggory, Rafael Senra Coelho, Rosângela Trajano, Sheila Senes, Tania Werneck, W. J. Solha e Willian Elói, cada qual a seu modo, apresentam, nesta coletânea, interpretações, derivações e desdobramentos, baseados

na inusitada e surpreendente experiência do encontro de um ser com seu duplo, cópia ou clone, ou, em alguns casos, na constatação da possibilidade de se aproximarem pessoas a partir de um espelho criativo que consegue projetar uma na outra. Em seus textos, os autores e as autoras que participam deste livro exploram o tema de diferentes formas. Para não ferir a surpresas dos encontros com os contos, prefiro levantar algumas questões sobre o próprio tema. Talvez algumas respostas possam ser encontradas nos contos... Talvez...

Cumpre, inicialmente, dizer que o encontro com alguém que é nossa cópia física exata está mais para maldição que para sorte. Basta conferir as “histórias” que uma pesquisa sobre o termo revela. No entanto, como a literatura tem todas as asas da liberdade, quem sabe esse encontro não pode ter um sentido revelador positivo? Quem sabe não pode nos fazer refletir sobre a capacidade da mente humana de se reinventar a partir de um espelho fantástico, de uma simbologia animal, de um sentido místico? Quem sabe não pode nos fazer rir, a partir da invenção de um conveniente “duplo”? Assim, por que não imaginar que o duplo tanto pode se fonte de tragédias como de comédias? Após essas questões, algo deve ficar claro: as leituras conduzirão leitores e leitoras por sensações bem diferentes. Em alguns casos, a leveza de quase crônicas. Em outros, acontecimentos que parecem saídos de notícias de jornal. Em outros ainda, o mergulho na cena fantástica. Também há espaço para o mergulho em mentes conturbadas, para o encontro com o macabro, para a exploração quase argumentativa do tema.

E de onde veio a ideia deste livro? De uma experiência bastante inusitada, que aconteceu em nosso grupo do *Whatsapp*, quando a foto de alguém fora do grupo trazia o rosto exato de um/a de nós. Essa foto apareceu com o comentário: “Conheço alguém que se parece muito com você!”. No entanto, a foto não era de alguém parecido. Era de alguém exatamente igual! Pronto! Foi o suficiente para se criar um fuzuê no grupo. O que era aquilo? Uma pessoa igualzinha à outra?

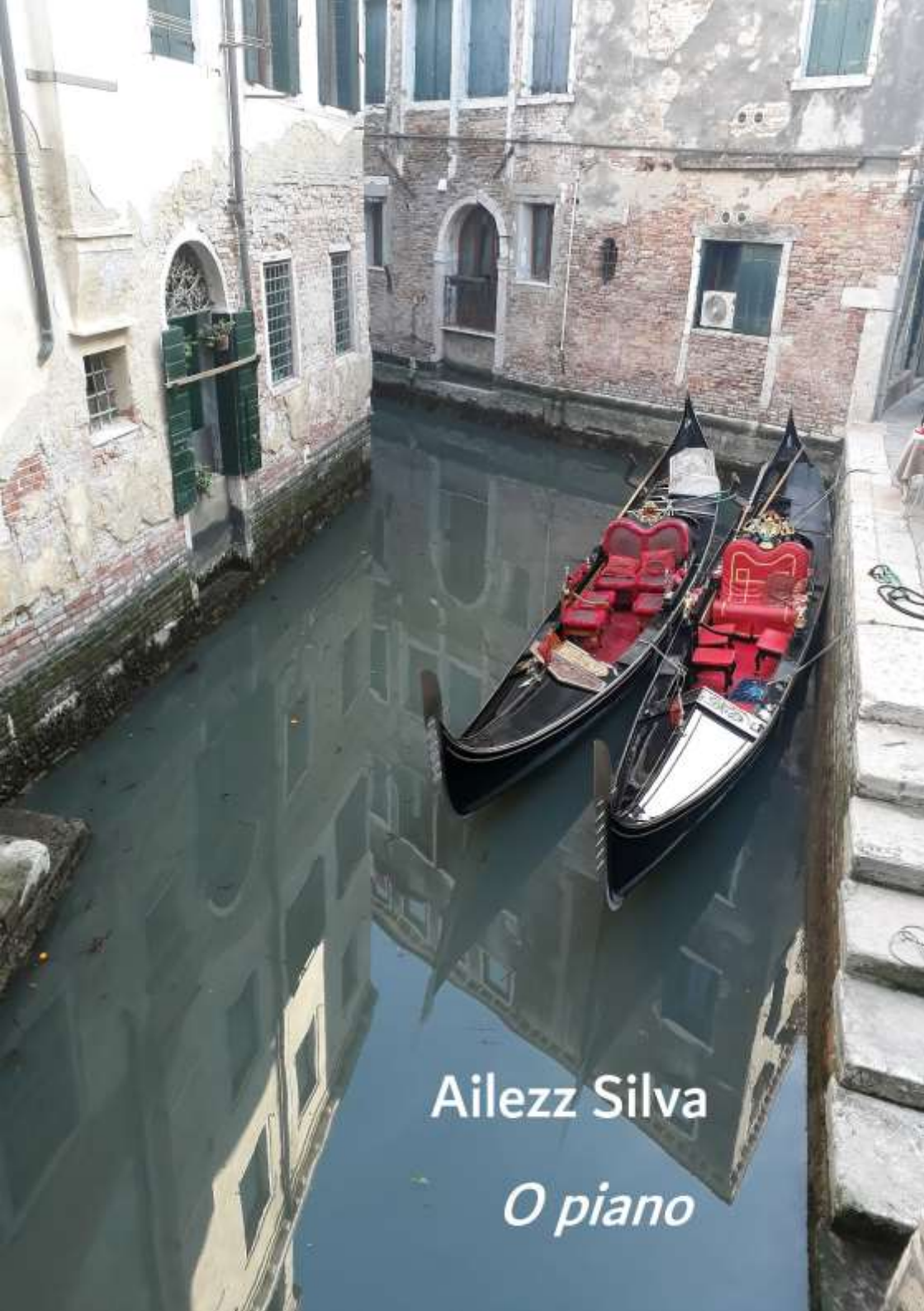
A troca de mensagens foi uma loucura. Até descobrirmos que havia ocorrido, isso sim, uma troca de fotografias, ninguém ficou tranquilo. Quando a verdadeira foto da segunda pessoa apareceu, constatamos que as duas, de fato, se pareciam muito. Como resultado da engraçada (e um pouco assustadora) confusão, após o surgimento da palavra “duplo” com todos os seus mistérios, veio a proposta: “Vamos escrever contos sobre o encontro de alguém com seu duplo?”. Do “vamos escrever” aos “contos escritos”, não demorou muito. E o livro se fez possível. Em alguns casos, nem foi preciso escrever. Bastou resgatar um texto antigo no qual o tema estava plenamente trabalhado. Quem fizer a leitura saberá.

No final, a seção “Sobre os/as autores/as” permitirá que se conheça um pouco das vivências literárias e profissionais dos/as contistas.

Deixo aqui meus agradecimentos a todos/as os/as contistas que abraçaram a ideia e tornaram possível a existência deste *O duplo. Contos sobre outros eus*, que, em seguida, começará a revelar as muitas faces que um tema assim pode gerar quando a palavra assume a função de esculpir rostos.

Fotografias dos espelhos de Veneza introduzem os nomes dos/as autores/as e dos contos e homenageiam uma cidade que, em 2021, comemora 1.600 anos de existência e na qual não faltam possibilidades de encontros com os vários outros que somos nós mesmos.

Que as leituras se façam espelhos de sustos, risadas e reflexões.



Ailezz Silva

O piano



O piano

Ailezz Silva

Viajando no meu eu, vivi adversidades que sofri sem medir, por intransigências inocentes.

Menina órfã de mãe aos sete anos, atravessei no escuro o momento de transição difícil de uma criança que começa a desvendar os mistérios da vida.

Os caminhos da meninice para a adolescência me machucaram, mas a vida me levou por outras trilhas, as das boas amizades, que, somadas aos conselhos de um bom pai, me fizeram uma andeja sempre de frente erguida à procura de compreender o que a vida queria de mim.

Nessa caminhada conheci o meu único amor. Juntos contornamos obstáculos impossíveis, que só um verdadeiro amor pode transpor. Mas, maturando o que guardava em mim, foi aflorando a força do querer mais. Olhei-me no espelho da minha verdade, e mesmo envelhecida como uma roseira que já embelezou o mundo brotando muitas rosas; me vi na força da mulher que pariu muitos filhos com as suas bondades e exemplos, e viveu certos delírios, que lhe deram a sabedoria do que é um amor incondicional. Amei sem distinção, perdendo.

Nas viagens, ao visitar museus, aflorou o que guardava em mim: o deslumbramento pelas artes. E enquanto venho elucidando o que a vida quer me revelar, vou descobrindo um pouco em cada porta que abro.

Conhecendo aos poucos a complexidade das artes, com sede de aprender, vou degustando doses de sabedoria, embriagando-me mais e mais.

Confesso que sou estimulada por pessoas que admiro e que dizem admirar o meu envelhecer jovem. É nessa troca que existe um mistério digno de nota: sempre que estou me alquebrando, aparecem gênios, como o da lâmpada de Aladim, com convites para saciar um dos meus desejos, que é o conhecimento da literatura. São convites que aguçam meus guardados silenciosos.

Anos atrás, em uma viagem à capital histórica Salvador, hospedada no então hotel Quatro Rodas, fiquei na suíte Jorge Amado, que dividia a cobertura do hotel com a suíte Zélia Gattai. Lembro-me bem das placas em bronze com os nomes do belo casal de escritores, e acho que recebi fluidos amorosos ao me sentir privilegiada e eriçada no ambiente que testemunhou o grande amor de um casal tão famoso, amor que deve perdurar na eternidade.

Havia naquela suíte uma aconchegante sala de visitas muito bem decorada, mas o que me chamou mais a atenção foi o piano. Sentei-me no banco forrado de veludo verde e, sem cerimônia, tentei tocar, lembrando o que deixei de aprender por rebeldia (essa história fica entre parênteses, com a tristeza do arrependimento). Ao ouvirem os poucos acordes que toquei, os que me acompanhavam não compreenderam a música, e nem poderiam, pois estava tocando só para mim. A situação parecia uma resposta do tempo me punindo por meio daquele momento de ilusão.

Para não ficar só na lembrança, fui fotografada tocando com elegância. Vestida de vermelho, com colar e brincos de pérolas, sentia-me uma pianista eminente dialogando com o tempo.

Ao fechar o piano, no reflexo da laca preta, vi outra Ailezz olhando para mim, com saudade do que foi, na mocidade, uma morena admirada, que teve o privilégio de ouvir, no piano de um admirador, uma interpretação oferecida a ela: a canção “Marina” do compositor baiano Dorival Caymmi.

Coincidência ou não, os baianos me cercavam com as suas maestrias.

No sonho reparador, na linda suíte, sentindo-me sugestionada pelas lembranças vividas, vi a outra Ailezz me olhando ao tocar no piano a música “Resposta ao tempo”, dos autores Aldair Blanc e Cristóvão Bastos. Só que ela tocava na minha versão, lembrando o desejo secreto que guardo em mim.

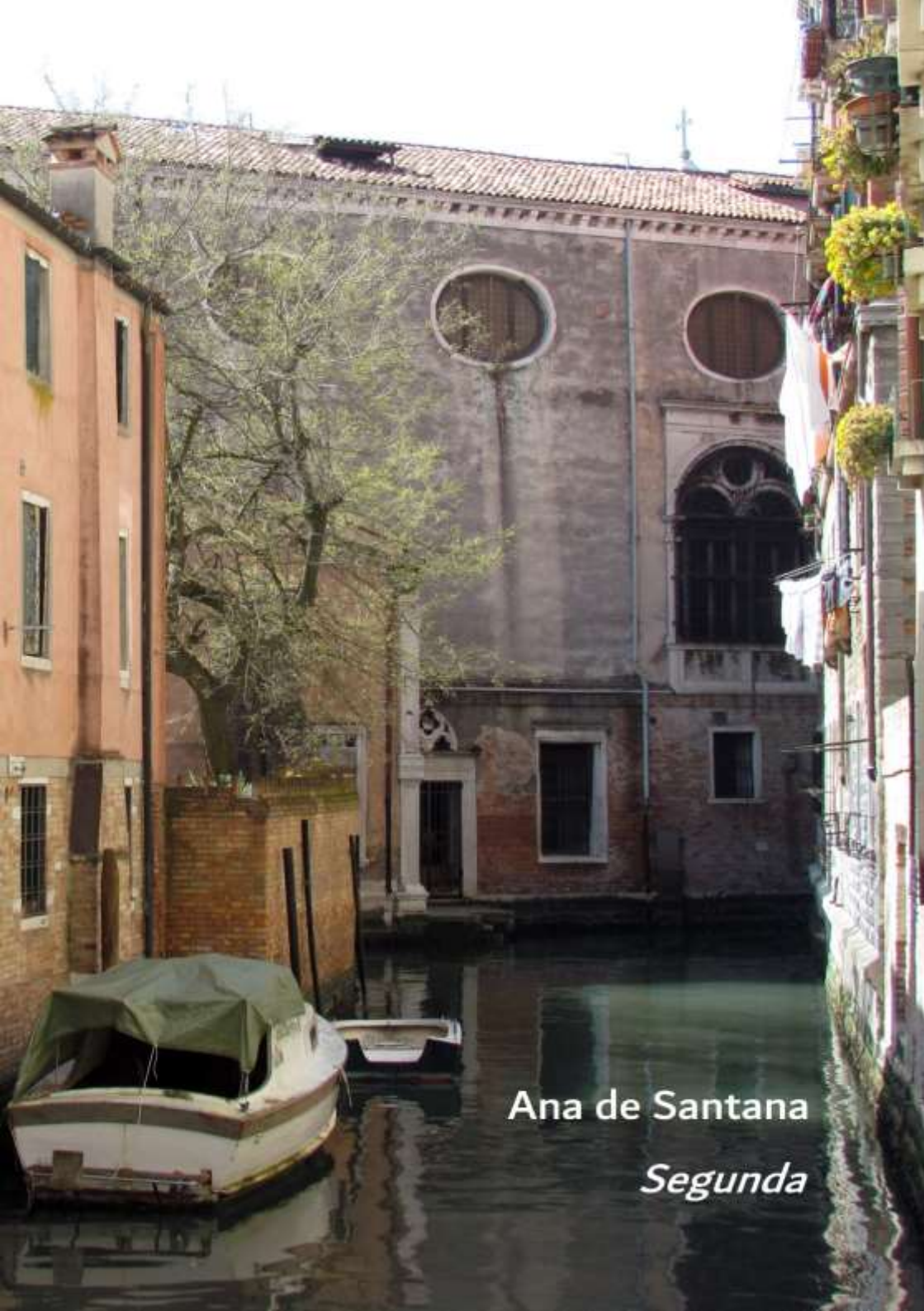
A outra Ailezz, ao me ver, lembrando-se de mim, convidou-me para dividirmos o banco do piano e tocarmos juntas. Mas as nossas mãos paralisaram, e apenas nossas vozes se fizeram ouvir, contando nossas histórias e sonhos não realizados por motivos não revelados pela vida.

A Ailezz pianista falou dos aplausos que gostaria de receber nas apresentações, vestida lindamente por estilistas famosos; das viagens por países, nos quais gostaria de ser recebida com tapetes vermelho; dos amores que lhe cobririam de presentes e carinhos em lindas noites de amor...

Nós duas compartilhávamos o mesmo desejo de conhecer Paris e de visitar o Palácio de Versalhes. Uma desejava admirar as obras de arte, a arquitetura e os belíssimos jardins do palácio idealizado pelo rei Luís XIV. A outra sonhava tocar num concerto na galeria dos espelhos do palácio.

Mas a pianista, pensando na velhice, sentiu que só lhe sobraria a frustração de não ser amada e amar como gostaria, e de não deixar filhos para eternizá-la. Então, refugiou-se no íntimo da outra Ailezz, que se sentia amada. A Ailezz que se lembrava dos filhos que brotaram do seu grande amor e podia acordar feliz com sua verdade, a que dispensa aplausos passageiros. A que, acima de tudo, era agradecida pelos aplausos imorredouros dos filhos, do seu único amor e dos amigos queridos.





Ana de Santana

Segunda



Segunda

Ana de Santana

Normalmente, faxineira não descansa enquanto não acaba a faxina. Teve períodos na vida que eu trabalhava em seis ou sete casas, uma por dia. Em quase todas, eu pegava no batente às 7h e não parava para descansar enquanto tinha serviço. Se eu inventasse uma paradinha, não conseguia sair às cinco da tarde. Eu me esforçava para sair o mais tardar nesse horário, porque todas as clientes moravam na zona sul e eu sempre morei na zona norte. Precisava pegar dois ônibus. Se saísse mais tarde, ia o caminho todo em pé. Aí era de lascar, estava um bagaço de cansada e não podia nem me sentar. Se largava o serviço mais cedo, antes do ruje-ruje, dava para ir sentada pelo menos no primeiro ônibus.

Durante um ano, na casa da segunda-feira, as coisas eram diferentes. Não me ocupava o dia inteiro com a faxina. Depois do almoço, eu tinha, obrigatoriamente, duas horas de descanso. Não podia adiantar o serviço, mas também não podia me deitar. Se quisesse tirar um cochilo, até podia, desde que sentada. Tudo isso por causa do refluxo. O da minha patroa.

Dona Neide tinha 70 anos quando eu comecei a trabalhar para ela. A coitada sofria de uma azia miserável já há algum tempo. Só faltava cuspir fogo, principalmente depois do almoço. Ainda hoje é assim. É refluxo. O médico explicou que quem tem essa doença não pode se deitar nas duas horas seguintes após comer. O certo é ficar sentada. Mas quem disse que a patroa faz isso? Faz nada. Eu, que não tenho o tal do refluxo, é que tenho que esperar as duas horas para poder deitar ou fazer algum movimento que cause o retorno dos ácidos. Enquanto isso, a patroa dorme.

Dá-me nos nervos ficar parada vendo tudo por fazer. Às vezes, vejo internet, faço lista de compras ou as palavras cruzadas da patroa. O

que mais leio mesmo são encartes de supermercado. Aqui têm muitos. Leio todos para me ajudar a fazer a lista do que preciso comprar para abastecer a despensa da patroa. Fora isso, tenho que picotar papel. Isso é tarefa dela, foi a fisioterapeuta que recomendou, mas sou eu que corto a pilha de jornal e encartes.

Há alguns anos, comecei a trabalhar mais tempo na casa de Dona Neide. Comecei indo só um dia, depois passei para dois. Mas a fisioterapeuta achou que minha patroa precisava cortar mais papel para melhorar o movimento das mãos. E como uma família para quem eu trabalhava me dispensou porque não podia mais me pagar, Dona Neide me contratou para ir mais um dia realizar diversas tarefas. Agora são três dias intercalados. Às quartas-feiras, durmo no serviço, porque outra patroa é quase vizinha, então economizo no ônibus. Nessas noites, enquanto assisto à novela, aproveito para cortar papel. Dona Neide até começa a cortar junto comigo, mas logo adormece. No dia seguinte, enquanto tomamos café, conto todo o capítulo e apresento a produção do papel antes de seguir para a próxima faxina. Tem semana que encho três sacos de 50 quilos com papel picado.

Dona Neide me paga para eu ser uma espécie de cópia, tipo uma identidade falsa. Não apenas sigo as orientações dos médicos dela, eu também saco o dinheiro da aposentadoria da patroa e provo as roupas para a costureira fazer os ajustes antes de finalizar a peça. Também experimento os calçados que a patroa quer comprar. Quando não posso fazer as coisas por ela, faço junto. Meu cabelo, por exemplo, tem o mesmo corte e o mesmo tom que Dona Neide usa. Eu nem gosto muito de ter que descolorir os cabelos para poder alcançar o louro cinza, mas a patroa quer assim, então aceito.

Foi por ir aceitando as decisões da patroa que acabei me envolvendo com as maluquices dela. A pior de todas foi um envolvimento amoroso. Tudo aconteceu porque ela aprendeu como entrar em um site de relacionamento. Eu nem sei como funciona, mas o fato é que ela se passou por mim. Não que ela tenha usado meu nome. Não.

De jeito nenhum. Ela disse o próprio nome e se descreveu, omitindo apenas a idade. A loura cinza natural não falou da profissão, nem da sua condição de viúva. Apenas disse que tinha um pouco mais que um metro e sessenta, que gostava de ler e de organizar a casa. Acrescentou a um interessado que também gostava de política e que desde a viuvez de Lula sonhava em namorar com ele. Pois não é que o homem ficou entusiasmado com isso? Disse-lhe que era fã do ex-presidente. Até já havia feito uma música para o ex-presidente. Se já havia gostado dela sem nem saber de sua preferência política, depois da revelação, então, estava caidinho.

A partir daí, os dois foram, pouco a pouco, estreitando o relacionamento até chegar a um ponto que se encontravam diariamente para conversar. Depois trocaram os números do celular. Ao ver a insistência do cara para que ela lhe mandasse um vídeo, Dona Neide pediu que eu o fizesse no lugar dela. Não aceitei. Perguntei-lhe por que não marcava uma chamada de vídeo, assim se conheceriam ao mesmo tempo. Ela não aceitou, mas concordou em perguntar ao homem o que ele achava da ideia. Quem disse que ele topou? Ao contrário, deu milhões de desculpas para não aparecer. Isso aliviou minha patroa, porque se ele a visse estragaria os planos dela. E que planos eram esses?

Eu só descobri depois, mas Dona Neide, usando seu próprio nome, colocou no perfil uma foto em que aparece de rosto colado com o meu. Desse modo, criava a ilusão de que ela era a mais nova, ainda que não afirmasse isso. Confiava na ideia recorrente de que uma idosa não teria nada a fazer num site de relacionamento. Eu não sei o que ela fazia, mas atraía homens de todas as idades para conversar. Não se demorou na conversa com ninguém, até se interessar pelo tal fã de Lula. Ela gostava de discutir assuntos polêmicos como liberação da maconha, aborto, relações entre pessoas do mesmo sexo e inclusão social, além de falar sobre cultura, principalmente música e cinema. Ela não tinha as mesmas ideias que ele, era menos conservadora, mas achou que se discordasse muito dele, a conversa

poderia não ir muito longe. Não que abriria mão de dizer o que pensava, mas preferiu ir devagar.

A conversa com o lulista se repetiu quase todos os dias, por cinco semanas. Comecei a ficar curiosa. Nos dias de faxina, passei a fuçar o computador que a patroa deixava aberto. Acreditava que ela havia esquecido de sair do site ou não se preocupava em deixar tudo ligado, porque confiava que eu não iria bisbilhotar. Acrescentei mais uma tarefa à rotina: sempre dava um jeito de ler as mensagens. Aos poucos fui me inteirando sobre o que Dona Neide pensava sobre vários assuntos. Gostei de saber que ela, apesar de muito religiosa, não me condenaria se soubesse que já fiz um aborto. Muito menos que se escandalizaria se soubesse que eu era do tipo pouco fiel aos companheiros que tive na vida.

O que eu não gostei nadinha foi de uma mensagem em que ela dizia que era cuidadora de idosos. Ora, se ela estava na foto comigo, evidentemente, o cara ia achar que estava conversando com qual das duas? Comigo, é claro. Aumentei o nível de monitoramento das mensagens.

A cada semana, Dona Neide aprofundava a conversa. O grau de intimidade entre ela e o homem, que ela chamava no início de Nilton e depois de Niltinho, que também passou a chamá-la de Neidinha, cresceu assustadoramente. Sim, fiquei muito assustada quando vi que ela havia passado o número do próprio telefone para ele. Pior: que ela havia passado seu contato para combinarem um encontro. Na condição de cuidadora, função que passei a acumular com a de diarista, eu precisava impedir aquela sandice. E se o homem fosse um criminoso? De jeito nenhum que eu podia ser cúmplice de uma coisa daquela. Mas como dizer à patroa que eu não permitiria aquela loucura? Ela saberia que eu andara bisbilhotando, que espiava as mensagens trocadas com o desconhecido. Precisava de um plano para evitar aquele encontro sem que ela percebesse que eu havia espionado a vida dela.

Antes que eu conseguisse bolar qualquer coisa, Dona Neide veio falar comigo sobre o encontro. Contou-me tudo que eu já sabia, mas me surpreendeu com algo que eu não esperava. Ela me disse para eu preocupar, pois não pretendia ir ao encontro. Por um momento, respirei aliviada até que ela me disse: “eu não vou, quem vai é você”. Por um momento, fiquei paralisada. Que loucura era aquela? Ela havia passado de todos os limites. Eu não concordaria com aquela maluquice. E depois, meu nome não era Neide, eu não era Neide. E éramos bem diferentes, a começar pela idade. A farsa seria logo descoberta, avisei.

— Não será. Sabe por quê? Porque apesar de Nilton ver duas mulheres em uma foto, uma velha e outra bem mais jovem, ele espera que a mulher com quem conversa seja a jovem. E por quê? Simplesmente porque na cabeça dele, uma velha não entraria num site de relacionamento, não teria ideias avançadas sobre temas polêmicos, não seria nem mesmo bem articulada. Não, uma velha para ele, e também para você e meio mundo, é uma carta fora do baralho, uma pessoa incapaz de alguma influência ou de, pelo menos, despertar o interesse de um homem.

Verdade. O que ela estava dizendo era a mais pura verdade. Ele nunca pensaria que Neidinha era a idosa da foto. E é claro que ela sempre soube disso. Então por que não se fez passar logo por mim completamente? Por que não usou uma foto minha apenas, sem dividir a cena com ela, por que usou o próprio nome e não o meu ou um pseudônimo? Aliás, por que usou uma foto, uma foto real, e não uma figurinha qualquer? Eu nunca teria respostas para essas perguntas. Nem depois do tal encontro.

Sim, não consegui evitar que minha patroa cometesse o desatino de se encontrar com um desconhecido. Mas também só concordei porque, afinal, ela não iria sozinha e o encontro seria em um shopping, onde o homem, que era cantor, faria uma apresentação. Não corríamos risco.

No dia do encontro, cortei mais papel do que de costume, acho que era o nervosismo. Catei umas mil vezes algum fio branco aparente. Não em Dona Neide, que parecia estar tranquila, mas em mim mesma. Besteira minha, porque havíamos retocado a raiz do cabelo dois dias antes. Os tons ficaram bem próximos, como sempre. Também pintamos as unhas da mesma cor: um nude rosado da Risqué, chamado de Energia. Comemos coisas leves no almoço para não ter perigo de diarreia: um franguinho grelhado, salada e arroz. Eu queria comer um pouco de feijão, mas ela falou que lhe dava gases. Acrescentamos Nutren Senior ao leite que tomamos no jantar, sem mais nada. Detalhe: esse suplemento é para pessoas acima de 50 anos, mas eu ainda não havia chegado aos 40.

Chegamos ao shopping às 20 horas, meia hora antes do horário marcado. As duas vestindo jeans pantacourt e blusa branca de mangas curtas, ela em popeline e eu em malha. Como não gostava de sandália para idoso, a patroa, como sempre, calçava tênis branco. Dizia que era mais confortável e seguro do que aquelas marmotas que faziam para gente velha. Eu preferia uma sandália com um pequeno salto quadrado. Fomos direto para a praça da alimentação e nos sentamos em uma mesa ao lado do pequeno palco, sorrindo em nosso batom da cor do esmalte. Como nos aproximamos pela lateral, o cantor não percebeu de imediato nossa presença. Então pudemos observá-lo um tempo.

O tal Niltinho parecia ter uma idade próxima à minha. Os cabelos grisalhos já despontavam nas laterais, onde os fios eram cortados bem rentes ao couro cabeludo, que estava mais cheio no topo da cabeça. Nada de bigode, apenas um cavanhaque discreto. Voz aveludada, jeito de cantar como quem acabou de levar dois pares de chifre. Que roedeira era aquela? Achei logo que o cara devia ter levado um pontapé e por isso havia entrado em um site de relacionamento. Precisava arranjar alguém para tapar o vazio da solidão, só podia.

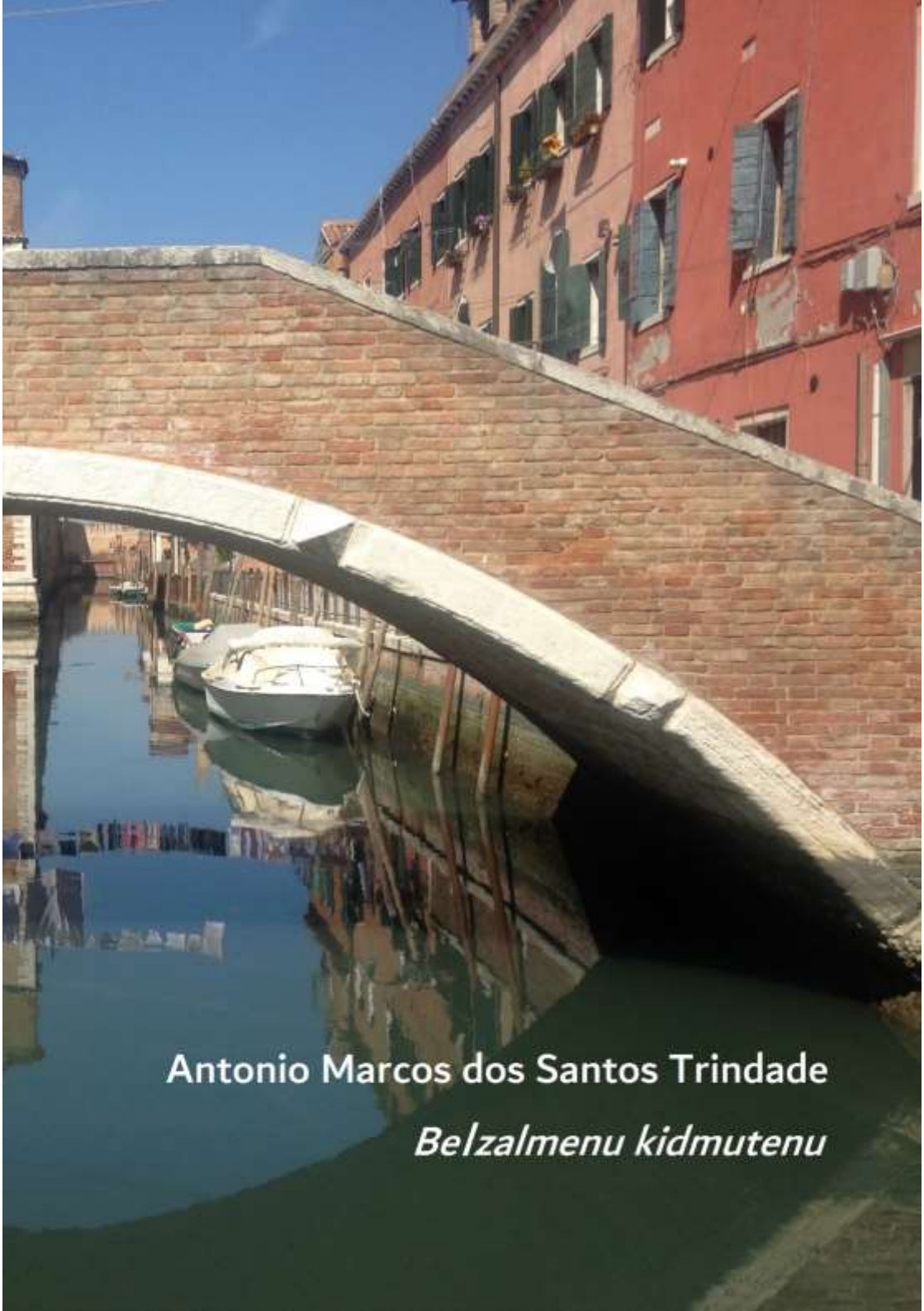
“E daí?”, me disse Dona Neide quando lhe contei minha impressão. “Você também levou e botou chifres e pontapé”. Sim, mas não fui atrás de tapar buraco com ninguém. “Grande coisa! Não se arrisca nunca, é uma medrosa. Até quando traiu alguém não foi por iniciativa sua”. A senhora está enganada, não é por medo que eu não vou atrás de ninguém, é porque não quero machucar quem quer que seja. “Que mentira! Nunca disse não a nenhum pretendente e certamente não foi para não machucar a criatura”.

Calei-me. Não tinha quem pudesse com Dona Neide. Aceitei o chope que ela pediu para nós duas e ficamos assistindo ao show. Gostei do repertório. Niltinho cantava de um tudo. De Marília Mendonça a Marisa Monte, de Bartô Galeno a Chico César. Mas nenhuma internacional, pelo menos não enquanto estávamos ali. Será que não sabia cantar em inglês? Antes de expressar a pergunta, Dona Neide falou que ele tinha um vídeo na internet cantando em italiano. Não deu tempo de perguntar alguma coisa sobre o assunto porque o cantor anunciou o intervalo e veio em nossa direção. Cumprimentou Dona Neide e se dirigiu a mim como se já soubesse quem eu era: “Finalmente ficamos cara a cara, você não imagina minha satisfação”. Acho que gaguejei para dizer apenas que sentia o mesmo que ele.

Foi a maior saia justa da minha vida. Minha patroa que conversava com ele sobre tudo, preferiu ficar em silêncio, limitando-se a responder a alguma pergunta. Eu mesma fiz algumas para trazê-la para a conversa, mas o cantor só lhe perguntou como ela estava e o que tinha achado do show e se tinha alguma música preferida que gostaria que ele cantasse quando voltasse ao palco. Fora isso, dedicou-se totalmente a mim, puxando conversas que havíamos tido antes na internet. Quer dizer, conversas que ele teve com Dona Neide, não comigo. Algumas eu até reconhecia porque havia lido as mensagens, mas outras eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando. Depois ele percebeu que ainda não sabia o nome da senhora que me acompanhava, a mesma da foto, aquela de quem eu era

cuidadora. Voltou-se para mim e me disse: “Neide, você ainda não me disse o nome da senhora que lhe acompanha. É a mesma da foto, não é? Parece mais jovem pessoalmente”. E minha patroa respondeu em cima da bucha: “Você podia ter me perguntado, mas deixa que eu mesma respondo: eu me chamo Segunda. Maria Segunda. E não pense que considero um elogio você me dizer que pareço mais jovem”. Emudeci. Ela estava dizendo meu nome. Como danado eu iria desfazer aquela mentira? Não desfiz. Quando ele voltou ao palco, fomos embora.

No dia seguinte, ainda era dia de faxina na casa de Dona Neide. Depois que cortei um bocado de papel, ela voltou do descanso e me chamou. Fomos ao computador. Ela havia mandado uma mensagem para Nilton e marcado de conversar com ele naquele horário. Achei que ia esclarecer a situação. Que nada! Conversou com ele tudo que eu não consegui. Deu um show de sabedoria. Eu ali do lado aprendendo tudo. A senhora antecipou para mim coisas que talvez eu só aprendesse com mais idade. Passei a prestar mais atenção no envelhecimento. Tinha coisas sem sentido como cortar papel para depois jogar fora, mas tinha também um jeito de empilhar os tempos de modo alternado. Dona Neide parecia querer dosar uma experiência acumulada ao longo de sete décadas com a novidade. Talvez eu não tivesse sido muito útil nisso, não acrescentava muito ao que ela conhecia da vida. Talvez por isso, foi buscar em Niltinho um canal para trocar conhecimento, sei lá. Ou talvez, quisesse apenas criar para mim a oportunidade que eu não sabia criar. Qualquer que tenha sido sua intenção: passamos a viver assim: as duas trocando de papeis. Não damos conta de viver sendo uma pessoa só. Então, minha patroa dialogava com Nilton todos os dias e eu dormia com ele uma noite na semana. As conversas acabaram, mas até hoje, ele me chama de Neidinha. E talvez eu seja mesmo Neide. Neide Segunda.



Antonio Marcos dos Santos Trindade

Belzalmenu kidmutenu



Belzalmenu kidmutenu

Antonio Marcos dos Santos Trindade

“O Mistério sabe-me a eu ser outro... [...].”

Fernando Pessoa

Cadê você? Apareça, apareça, vamos! Onde você está? Oh! seu maldito, venha, não tenha medo, não vou lhe fazer nada, só queria olhar sua cara demoníaca olho no olho e lhe dizer o quanto você é responsável pela minha agonia! Venha, eu estou aqui, apareça, vamos! Meu Deus, será que tô ficando louco mesmo? Não! Com certeza, não! Não estou louco, esse desgraçado é que quer me enlouquecer! Desde que apareceu pela primeira vez para mim, em meus 12 anos, quando precisei ficar internado naquele hospital durante meses por aquela doença que não sabia exatamente qual era e na verdade ainda hoje não sei bem, pois ninguém me explicava, ninguém jamais me explicou... Só me lembro de mamãe indo me visitar aos domingos, me levando biscoitos que ela passava discretamente para mim, me orientando que os colocasse embaixo da cama para não deixar as enfermeiras perceberem porque não era permitido... Oh! como me alegrava vê-la chegar com seu sorriso doce e consolador! Mamãe era a única alegria ali, que eu saboreava com tanto mais gosto quanto por saber que só poderia gozar de sua presença amiga de domingo a domingo... Vivi uma solidão tão aterradora naquele lugar, em meio aqueles meninos rudes que me achavam estranho, extremamente tímido, retraído e solitário, um “retardado”, como eles diziam, para o qual a única diversão eram os poucos livros que me permitiram levar para a internação... Entre esses livros, meus três preferidos sem dúvida eram aqueles que tia Elizabeth, a irmã de papai, que conheceu um americano aqui, casou com ele e foi morar nos Estados Unidos, me deu, quando veio nos visitar e apresentar seus dois filhos, o então pequeno William e a bela Ophelia... Esses livros estão comigo até hoje, *A Odisseia*, naquela

versão em prosa de Antônio Pinto de Carvalho, *A Divina Comédia*, naquela versão também em prosa preparada por Hernâni Donato com ilustrações de Gustave Doré, ambos publicados pelo Círculo do Livro, e *Amar, Verbo Intransitivo*. Oh! como esses livros me confortavam naqueles momentos angustiantes que vivi naquele ambiente insuportável... Graças a Deus as enfermeiras não implicavam com eles! Ao contrário, elas até gostavam de me ver quietinho na cama completamente imerso neles quase o dia inteiro, como quem vivia numa realidade à parte com um interesse e uma paixão fora do comum, enquanto os garotos “normais” se divertiam jogando futebol de mesa e assistindo televisão à tarde inteira... Sim, eu era realmente um menino delicado, quase efeminado, não tenho vergonha de dizer... Pelo menos era o que às vezes eu flagrava os outros meninos sussurrarem entre si pelos corredores, quando passava por eles cabisbaixo... Mamãe sempre me dizia que eu erguesse a cabeça e fizesse amizades, que era bom ter amigos, mas para mim isso era uma tarefa tão difícil! Não sabia como me aproximar dos outros e o que agradava aos outros meninos, suas diversões tão comuns, não me atraía absolutamente em nada, achava tudo tão chato e desinteressante... E essa sensação de estranhamento piorou ainda mais naquela noite em que tive aquela visão esquisita, em que vi você chegar pela primeira vez igualzinho a mim, com a mesma roupa, o mesmo penteado, a mesma feição, a mesma altura e o mesmo olhar... Fiquei apavorado! No início, o choque foi tão grande que perdi a voz e me cobri com o travesseiro, me escondendo como se tivesse visto um monstro... Sem mamãe lá para me proteger, a única pessoa legal era aquela enfermeira novinha, tão gentil e delicada, que me perguntava o que estava acontecendo como quem estivesse realmente preocupada... Como não conseguia dizer nada, engulhava ao tentar falar, balbuciava alguma coisa e começava a chorar... Ela, toda amorosa, vinha e alisava minha cabeça, me dizendo para não ter medo... e eu me lembrava da Beatriz de Dante e da Elza Fräulein de Carlos... Mas depois ela ia embora e, em seu lugar, ficava aquela velha grosseira

que vasculhava minha cama, encontrava e confiscava os biscoitos que mamãe me dava e saía me ameaçando que não repetisse mais isso, porque da próxima vez ela ia proibir a visita de mamãe...Eu ficava com tanto medo que isso acontecesse que até pedi à mamãe que não me levasse mais biscoitos, para que ela não fosse impedida de me ver...Não falei pra mamãe de você... Fiquei receoso de que ela achasse que eu estava realmente ficando louco... e, depois dessa primeira aparição, você realmente sumiu e não apareceu mais durante semanas, até retornar naquela outra noite em que, enquanto nos preparávamos para dormir, no momento em que a enfermeira rabugenta apagava a lâmpada, vi novamente você entrar em nosso quarto coletivo, sorrindo um sorriso irônico e caminhando resolutamente em minha direção...Fiquei tão aterrorizado que comecei a gritar e gritei tanto que precisaram me dar um remédio superforte pra dormir, pensando que eu estava tendo um surto de loucura...Não era loucura, eu via você com clareza, por mais louco que isso fosse, e sei que é, pois suas aparições me perseguiram a vida toda... Hoje, aos cinquenta anos, preso aqui nesse apartamento entulhado de livros para tudo quanto é lado, na sala, nos quartos, no corredor e até no banheiro, sem conseguir sair sequer para ir comprar pão na padaria da esquina, por causa dessa síndrome de pânico que acabei adquirindo depois que Joyce se foi, tenho clareza de que você é real e de que não estou louco...Vamos, apareça novamente, seu desgraçado, vamos, cadê você? Você é a causa de tudo isso! Até hoje me lembro, quando recebi alta do hospital e voltei pra casa... Meus irmãos e minha irmã me receberam como se eu fosse um alienígena, olhando para mim como se eu tivesse lepra... Certa vez, ao sair do banheiro, ouvi Wilson sussurrando baixinho para Edgar "ele sofre dos nervos, não mexa com ele, coitadinho, já lhe basta ser um esquisitão!"... Ao me verem, assim que fechei a porta do banheiro, batendo-a com força propositalmente para eles perceberem que eu estava saindo, fingiram que falavam de outra coisa e começaram a rir como se fossem atores profissionais... Me senti um estranho em meu próprio lar... O mesmo ocorreu naquele dia em que, ao vê-lo se aproximar de mim por trás de minha irmã

Giulietta, deixei cair os pratos das mãos, fazendo-os se espatifarem perto dela, assustando-a e até lhe machucando a perna; ela foi implacável comigo: me chamou de "Seu imbecil, desmiolado, preste atenção no que está fazendo!". Fiquei arrasado, saí da frente dela, e da sua, por trás dela, e corri dali para fora de casa, e pelos quarteirões do bairro afora, até me encontrar bem longe, quando me sentei para descansar naquele canteiro, pus minha cabeça entre as pernas e chorei, decidido a não voltar mais para casa... Foi quando mamãe foi se aproximando de mim, primeiramente enquanto uma sensação, pois eu estava de cabeça baixa, com os olhos fechados, apenas chorando e sentindo, quando pressenti sua presença vindo em minha direção... Aos poucos, fui levantando a cabeça e a vi chegar acolhedora e preocupada, me dizendo "Tá tudo bem, vamos pra casa!", e eu voltei, agarrado à cintura dela e cabisbaixo... De vez em quando erguia um pouco a cabeça, olhava de soslaio e via papai nos esperando a distância, meneando a cabeça, mais chateado do que preocupado comigo.... Ainda fiquei muito tempo em casa de meus pais...Depois que voltava da escola, ficava praticamente o tempo todo trancado no quarto, ouvindo música e lendo sem parar até a noite chegar, enquanto meus irmãos iam brincar lá fora e Giulietta ficava assistindo telenovela... A vida ia passando e, para mim, se resumindo apenas a isso: viver com os fantasmas, meus compositores e escritores preferidos... No quarto, ficava horas lendo, sentado na cadeirinha de balanço de vime, que mamãe me deu de presente de aniversário... Desse quarto, que era para mim um verdadeiro refúgio, saía somente para almoçar, o que fazia apressado em meio ao barulho de meus irmãos junto com minha irmã, todos falando sempre ao mesmo tempo e brigando sem parar...Depois que almoçava correndo, voltava ao meu mundo de sonhos e fantasias, onde passava horas sozinho, ao som dos mestres barrocos, que eu tanto amo até hoje, e estudando incansavelmente...Depois de feitas as tarefas de casa, eu então relaxava e ia pra parte que mais me agradava: ler meus poetas preferidos, escritores ocultistas e livros e livros sobre cosmogonias, religiões e magia... Assim, eu vivia minhas odisséias imaginárias na companhia de arqueólogos visionários em busca de cidades

perdidas, como Heinrich Schliemann, e de filósofos alquimistas à procura da pedra filosofal, como Nicolas Flamel, os quais, para mim, junto com meus poetas e romancistas preferidos, eram meus verdadeiros heróis...Vivi nesse meu mundinho alternativo, como se ele fosse o único digno de ser chamado de real... Bom, pelo menos, era o único mundo real para mim, pois o outro, o mundo fora do quarto, eu o considerava sem nenhum valor... Papai não cansava de reclamar pra mamãe “Depois que chega da escola, ele passa o dia todo lendo! Não sai do quarto, não procura amigos! Ora! desse jeito esse menino vai acabar é ficando louco mesmo!”. Mas mamãe sempre me protegia... Às vezes ia até me levar lanche no quarto, um copo de suco de laranja ou de abacaxi com biscoitos...Ela costumava dizer que eu só iria sair de casa quando estivesse formado, com um bom emprego e arrumasse uma boa companheira para cuidar de mim...E eu devo dizer que realmente isso aconteceu... Me formei, comecei a ensinar e, de fato, tive muita sorte, quando conheci, logo no terceiro ano de trabalho naquela Universidade particular daqui de Juiz de Fora, a primeira mulher que marcaria minha vida, Evelin... Pronunciar seu nome agora, nesta angústia desgraçada em que me encontro aqui, me faz sentir tantas saudades, que não sei se vou aguentar... Mas o que é isso, seu idiota?! Controle-se! Seja forte! Oh! mas é esse maldito que me confunde! Ele quer me enlouquecer! Ah! mas você não vai conseguir não, desgraçado! Por que ele não me aparece agora? Venha, assombração! Venha, para que eu finalmente dê conta de você... Argh! mas ele vai aparecer! Ah! ele vai... e, quando o fizer, eu o pego de uma vez por todas! Ó Evelin! Como sinto sua falta ao meu lado! Me lembro que, no dia em que nos vimos pela primeira vez, estávamos voltando das férias... De repente, quando, na gritaria no refeitório, cheio dos alunos e alunas e de suas vozes jovens ecoando agradavelmente pelo ar, do nada, virei certeiraamente o rosto para um outro rosto bem longe de mim, como se soubesse exatamente o que estava fazendo, aconteceu: olhamos penetrantemente nos olhos e, a partir dali, não conseguíamos mais nos separar... Não demorou muito, talvez duas ou três

semanas apenas, para começarmos a dormir e a sonhar juntos também, em momentos verdadeiramente encantados... Isso até você aparecer, você mesmo Ser das Trevas, desgraçado! Escuridão!... Sim, apareça agora, então! Vamos, maldito! Venha, Mefisto duma figa! Estou lhe esperando, venha! Apareça! Ó Evelin, você era tão meiga... Me lembro que ela tinha acabado de se formar em Psicologia e aquele era o seu primeiro ano como professora... Nossa rotina se resumia a meditar, trabalhar e amar... Passávamos a tarde toda na Universidade praticamente sem nos ver, o que ocorria apenas à noite, quando chegávamos em casa e íamos jantar, conversando sem parar... Falávamos de tudo: primeiramente sobre como foram as aulas, se os alunos gostaram... depois, pulávamos desses assuntos para outros que iam surgindo aleatoriamente, desde Jung, a Bíblia, a Kabbalah, o I-Ching, até os mitos babilônicos e hindus, a relação entre Rabelais e os Goliardos, entre o Tarô e a Torá, o Tao e o Zen, enfim... era como se nos conhecêssemos há séculos, um encontrando no outro sua verdadeira alma gêmea... Depois do banho, começávamos então os preparativos para o "maithuna" – era assim que ela gostava de nomear nossas relações... O ritual era religiosamente preparado: no chão, esticávamos o tapete sobre o qual colocávamos os colchonetes – pois Evelin não gostava de "praticar" (era como ela falava...) na cama –, depois espalhávamos as almofadas, colocávamos o vinho em cálices consagrados e aí então começávamos... Bebíamos o vinho, conversávamos bastante, rindo feito crianças, e somente depois de todo esse preâmbulo, é que passávamos finalmente a nos amar noite adentro até o nascer do sol, quando então dávamos uma paradinha, ela deitava a cabeça em meu peito, respirávamos fundo e depois mergulhávamos num silêncio contemplativo bem demorado... Depois nos levantávamos, fazíamos a saudação ao sol e outros ásanas e terminávamos ficando alguns minutos, um ao lado do outro, na posição da flor de lótus... Após isso, sentados no tapete mesmo, comíamos alguma coisa e depois íamos dormir até praticamente às 11 horas, quando acordávamos e começávamos a nos preparar para o trabalho... Vivemos essa rotina beatífica durante

uns dois anos, até você voltar a me atormentar com suas aparições repentinas, seu maldito desgraçado!... Para não assustá-la, fazia de conta que não o via e tentava viver uma vida normal, mas...infelizmente você, ser maligno, sim, você acabou sendo mais forte do que eu e começou a me desequilibrar, aparecendo às vezes até durante as aulas, como ocorreu naquele dia em que, ao vê-lo de súbito no fundo da sala olhando para mim clinicamente, eu me desequilibrei totalmente e saí nervoso, dizendo para os alunos que estava me sentindo mal... Evelin soube do ocorrido e foi atrás de mim em casa, mas me encontrou num tal estado de desequilíbrio que pensou em me levar ao hospital, o que neguei enfaticamente, alegando que era apenas uma enxaqueca e que logo passaria... O problema é que você não parou de me aparecer, seu desgraçado! E assim esse tipo de cena acabou se repetindo muitas vezes, deixando Evelin superapreensiva em relação ao que estaria acontecendo comigo... A gota d'água de suas preocupações ocorreu naquela noite em que você apareceu, seu maldito! Nós vivíamos momentos tão sublimes... Mas, como sempre, você conseguiu estragar tudo, seu miserável!... Me lembro muito bem como foi: fizemos tudo como sempre fazíamos, com o detalhe de que, naquela noite, em vez do vinho, Evelin trouxe um narguilé que preparamos com haxixe, e aí sim, apenas após fumarmos e começarmos a rir bem relaxados, é que começamos a nos amar...Porém, depois de um tempinho, comecei a sentir um certo incômodo... Pedi para pararmos um pouco nosso ritual... Ela não entendeu, ficou intrigada, perguntou se eu não estava gostando, respondi que não era isso, que estava amando, mas que... "Então o quê?!", ela voltava a perguntar, mas eu não sabia responder o que havia... Era uma sensação estranha, como se, além de nós dois, houvesse outra pessoa pela casa... Me lembrei que, quando chegamos em casa, falando e rindo sem parar dos momentos engraçados ocorridos durante as aulas, eu havia apenas encostado a porta, sem fechá-la de chave... Imaginei então que alguém poderia ter entrado, pisando mansinho, e que estaria vindo em nossa direção... Pedi licença a Evelin, me levantei e fui, nu

mesmo, ver se havia alguém na cozinha, quando então me deparo com quem? Hein?! Hein?! Com...você, seu maldito! Demônio desgraçado! Perdi de tal forma o equilíbrio que comecei a quebrar a cozinha toda, querendo acertar você, gritando para você ir embora dali de uma vez por todas, que eu iria matá-lo! Que me deixasse em paz!... Foi então que Evelin apareceu nua e assustada, me perguntando o que estava acontecendo, e eu dizendo que era você, um demônio que me perseguia desde criança e que eu pensei que tinha ido embora de uma vez, depois que eu a conheci e passei a amá-la...Mas não! "Ele está exatamente ali, diante de nós dois, veja! Ele está sorrindo diabolicamente para nós, ah! Olhe lá! Argh! Eu vou matá-lo!!!" E Evelin se assustou bastante com aquilo, começou a chorar com as mãos na cabeça, a andar pela casa sem saber o que fazer, enquanto eu gritava e jogava a cozinha pelo ar... Ela pedia para eu parar, mas eu continuava, cada vez mais desequilibrado e violento... Finalmente, ela se vestiu correndo e saiu desesperada, me deixando para nunca mais voltar... Depois que fui me acalmando, ao ver a cozinha toda de pernas pro ar, e me dando conta de que Evelin tinha ido embora, ainda saí nu pelas ruas gritando o seu nome...Só parei quando vi as casas vizinhas acenderem as lâmpadas e as janelas começarem a se abrir, aí acabei me dando conta de que estava nu e então voltei pra casa... Nunca mais a vi...Mas não desisti dela! No dia seguinte ao ocorrido, soube que ela havia saído da Universidade sem dar nenhuma explicação ou deixar alguma notícia sobre para onde teria ido...Ninguém sabia de nada ou não queria me dizer algo sobre ela, para onde fora, se voltaria... A procurei por tudo quanto era lugar... "Mas parece que ela foi definitivamente embora de Juiz de Fora, quebrando a promessa de viver eternamente comigo em meus mares...Não! eu a afogaria em minhas águas agitadas e instáveis, ela percebeu... e acabou sem forças para entrar no trem da minha vida, ficando presa à grade de ferro da estação de sua própria vida, preferindo, a avançar, recuar...", pensei comigo, arrasado... Depois disso, também saí da Universidade e, insistente, ainda fui tentar ver se a reencontrava, indo procurá-la, alguns dias depois dessa noite terrível, nas praias da Vila de Trindade, em Paraty, no Rio de Janeiro,

onde costumávamos ir aos finais de semana, para viver momentos de plenitude e profunda paz, em cachoeiras e caminhadas divinas.... Mas ela não estava em nenhum lugar daqueles para onde costumávamos ir, quando estávamos juntos... Nem nas cachoeiras nas quais costumávamos nos banhar, nem nas pedras, onde ficávamos sentados contemplando o pôr do sol... Nunca mais... Nunca mais a vi... Morri por um longo e lento ano... E tudo por sua culpa, seu amaldiçoado! Demônio maldito! Acabei ficando finalmente sem ela, uma mulher maravilhosa! Companheira, amante...amiga...Um verdadeiro anjo em minha vida! Por causa desse término tão doloroso, fiquei sem me relacionar novamente com outra mulher durante pelo menos o quê? ... três anos! Sim, foram três anos em que me isolei de tudo e fui viver lá em Pirenópolis, numa chácara deliciosa e solitária no meio do mato... Vivia sem querer saber de celular, televisão, computador, Internet ou que fosse do mundo on-line... Às vezes, deixava o notebook desligado quase o dia todo... Na verdade, o que eu queria mesmo era estar realmente off-line, apenas acordar e respirar, fazer meus ásanas e depois sentar em meditação por horas...Passava o tempo todo sozinho entre livros, eucaliptos, vento, estrelas e solidões siderais... Contudo, havia momentos realmente difíceis...Como naquela noite, em que, eu naquele lugar ermo, sem vizinhança, no meio do mato, naquela casinha com apenas um quarto, um banheiro e uma sala, onde só havia uma cama e um sofá rasgado, um fogão e uma geladeira bem velhos, e meus livros, espalhados por estantes, pelo chão e pelo sofá... Naquela noite me lembro que estava terminando de ler *A Divina Comédia*... Embora já o tivesse lido há muito tempo, não me lembrava exatamente das sensações, tão opulentas e sinestésicas, do Canto final do poema, quando Dante finalmente chega ao Paraíso, ciceroneado por Beatriz, e contempla os nove céus – o da Lua, regido pela inteligência dos anjos, onde estão os bem-aventurados que fracassaram ao cumprir seus votos, vencidos pelas tentações mundanas... O de Mercúrio, regido pelos arcanjos e onde se encontram as almas dos que fizeram o bem não por amor a Deus, mas por interesse... O de Vênus, habitado pelos

amantes...O do Sol, onde se reúnem os sábios...O de Marte, das altas virtudes, onde ficam os crentes... O de Júpiter, onde gozam a bem-aventurança pelo que fizeram na Terra os espíritos justos... O de Saturno, onde se encontram os espíritos místicos... O das Estrelas Fixas, onde se encontram os espíritos triunfantes, e o nono, o dos Serafins, que contém os sete coros angelicais... Acima desses nove céus, coroando-os, os anjos formam a Rosa Mística, em cujo centro está a Virgem Maria!... Dante não encontra palavras para traduzir o que contempla aí: tudo é uma pletora de luzes, cânticos, beatitudes! Como diz Donato, "Tudo é contrário ao Inferno!". Tudo é magnífico e maravilhoso! Sei que essa descrição ptolomaica e geocêntrica que Dante fez do Paraíso, colocando a Virgem Mãe no centro da Rosa Mística, pode não estar certa, segundo outras doutrinas, mas não importa! Para mim, o que importa é que ele, vencedor, conseguiu mostrar no poema que alcançou perceber, em sua contemplação meditativa, a verdade da Criação, e, por ela, a indescritível majestade e magnificência do incognoscível Criador!...Eu estava estupefato com as imagens! Parei a leitura, fechei o poema, fechei os olhos por uns instantes, respirei fundo e me levantei para colocar um pouco mais de vinho na taça, quando, de súbito, você me aparece, saindo por trás da geladeira, para em minha frente e me encara como se me desafiasse! Fiquei nervoso, com medo, saí da casa e fiquei do lado de fora, entre os eucaliptos, o vento frio da noite e o céu estrelado... Olhava para as estrelas e gritava ensandecido, jogando pedras na casa para que você fosse embora... Mas os gritos não adiantavam nada, você não saía da casa e ninguém me ouvia, não havia ninguém ali, nem um vizinho sequer a quem eu pudesse recorrer, pra pedir ajuda... Havia apenas eu, com minhas visões, minhas lembranças e meus medos...Peguei uma pedra e entrei às apalpadelas em casa, me preparando para jogá-la em você... Mas, surpreendentemente, você não estava mais lá, e passou, daí em diante, um bom tempo sem aparecer mais, até aquele dia fatídico no Vale do Matutu, em Aiuruoca (quanto tempo depois? Acho que mais ou menos uns sete meses...). Mesmo sem você aparecer para me atormentar nesse período, andava muito depressivo e ansioso,

começando a pensar seriamente em suicídio... Foi quando resolvi ir a Aiuruoca à procura de mestre Zezinho...Ouvira falar muito dele lá na Universidade, "que era um mestre, que curava tudo!". Fui para Matutu, então, e fiquei na casa do Maurício, para quem estava trabalhando como tradutor desde que saí da Universidade da qual ele é um dos sócios... Ele soube que eu saíra da Universidade e, como somos muito amigos, acabou me chamando para trabalhar com ele numa editora que acabara de fundar... O trabalho era bom porque eu o podia fazer onde estivesse, sem precisar estar em Juiz de Fora para realizá-lo... Assim como eu, Maurício também é um estudioso do oculto... Ele e sua esposa são leitores ávidos de Helena Blavatsky, Julius Evola, Éliphas Lévi, Samael Aun Weor, Aleister Crowley, Gurdjieff, Rajneesh e de tudo que se relacione a tantrismo, ioga, meditação, eneagrama, essas coisas... Ficávamos horas, na casinha mágica que eles têm lá no Matutu no meio daquela natureza espetacular, falando sobre música, literatura, cura, autoconhecimento, o universo, mistérios maiores e menores... Maurício e Adele me disseram que mestre Zezinho trabalhava com ayahuasca e eu topei ir à casa dele... Quando chegamos lá, fiquei impressionado: era uma casinha, bem pequena mesmo, mas confortável, perto de uma cachoeira bem dentro do mato, num lugar absolutamente aprazível, silencioso, só se ouvia o som da cachoeira, um som que apaziguava nossas almas...Também me chamavam a atenção, na casa, um crânio de boi pendurado no teto e os artesanatos feitos com troncos de árvores...Eram figuras de esfinges, gnomos, carrancas, essas coisas, as quais se espalhavam pelo chão da sala e até no banheiro... Na sala havia também estantes abarrotadas de livros sobre ocultismo... Perto da porta havia uma cadeirinha de balanço de vime, posicionada como se estivesse contemplando as árvores lá fora... Ao ver essa cadeirinha, me lembrei na hora da que mamãe tinha me dado de presente... Mas o espaço mais gostoso da casa de mestre Zezinho, o que mais me chamava a atenção, era sem dúvida uma varanda que ficava na frente, bem embaixo de uma figueira centenária... Fiquei aí por três dias nessa morada de fadas... No terceiro, ao acordar, mal abri os

olhos e dei bom dia ao mestre, ele me disse, peremptório: “Se prepare que hoje cê vai ser iniciado, vai ter miração...”. Fiquei um pouco apreensivo, não entendia por que o mestre estava insistindo para eu tomar ayahuasca no ritual meio xamânico, meio cristão que ocorreria, sob sua direção espiritual e a de Maurício, nessa noite no meio da floresta... Já que estava aos seus cuidados, obedeci, fiz tudo que mandou, bebi, cantei, dancei, mas não tive nenhuma miração... Maurício, conduzindo o ritual – era ele quem dava o chá e puxava os cânticos acompanhado de um violão –, enquanto tocava, não parava de olhar para o mestre e para mim... O mestre dançava ao meu lado, tocando um chocalho indígena e sorrindo para mim, sem eu nada entender... Já não aguentava mais tomar ayahuasca... Depois do sexto ou sétimo copo, não me lembro bem, comecei a me sentir mal, fiquei meio tonto, embora ainda lúcido, porém de repente olhei para o mestre e o ouvi, como quem ouve um sussurro, dizer, em câmara lenta, “Olhe ao seu lado, ele está com você, dançando ao seu lado, embora apenas eu, Maurício e você possamos vê-lo, as outras pessoas não o veem porque estão mergulhadas em suas próprias mirações!...”. Olhei para o meu lado esquerdo e você realmente estava lá, como se fosse minha sombra... Curioso, nesse dia não senti sua presença como um demônio, uma perseguição, mas como uma espécie de guardião, de “guia”, como depois me explicaram o mestre e Maurício... Seja como for, não fiz as pazes com você, seu maldito!... No dia seguinte, depois do café da manhã, após ouvir as explicações do mestre e de Maurício, agradei a hospitalidade deles, os cuidados que tiveram comigo e fui embora sem olhar para trás... Ia comigo, porém, uma sensação incômoda, de que as coisas não eram exatamente assim como eles haviam me explicado, dizendo que você era um espírito guardião, que estava me orientando em minhas escolhas... Ora essa! Minhas escolhas! Quem senão eu as tem feito? Eu, apenas eu e não algum guardião “protetor!”. Ora essa! Aliás, se você fosse meu protetor, por que toda vez que eu estava perto de me acertar na vida, encontrando uma companheira com quem partilhá-la, você aparecia e estragava tudo? Hein?! Seu mal-assombro! “Protetor!”, Protetor um cacete! Você é uma perseguição, seu ser

nefando! Como você seria meu protetor? Hein? Como?! Se, além de Evelin, você fez fugir de mim também o segundo anjo que apareceu em minha vida... Lílian... Ó Lílian, você sim, foi quem realmente (quase) me curou... E digo quase porque, quando já estava quase vivendo como uma pessoa comum, um ser sem rosto no meio das multidões baudelairianas (sendo esses momentos, quando me encontrava com Lílian entre as pessoas no meio da gritaria das feiras, talvez os melhores de minha vida triste...e digo os melhores, depois dos vividos com Evelin, justamente porque, no tumulto maravilhoso das feiras, com Lílian ao meu lado como um anjo guardião, eu conseguia, por alguns instantes, saí de meu oneroso eu e contemplar a beleza da vida, epifanicamente...), quando tudo parecia estar bem, no entanto, você acabava aparecendo e estragando tudo, ó ser maléfico e diabólico! Foi assim que você fez depois que voltei de Matutu... Maurício havia me pedido que eu fosse a Brasília resolver um problema da editora... Quando retornei e lhe entreguei os papéis que fora buscar lá, ele passou a insistir comigo para que, além das traduções, eu desse prioridade ao término de meu livro... Então fiz o que ele disse...Voltei para Pirenópolis e finalmente consegui terminar meu épico, *Os nagonautotús*, a saga de Urculino e sua família... Maurício o publicou no ano seguinte...Graças a Deus foi um sucesso! Um ano depois, a editora já falava em traduzi-lo para o inglês, francês e espanhol... Foi nesse momento, quando o trem de minha vida voltava aos trilhos, que se deu meu encontro com Lílian... Ele aconteceu naquela noite de autógrafos aqui em Juiz de Fora, organizada por Maurício... Nessa noite, reencontrei minha família que não via há anos...Papai já havia se aposentado e tanto Wilson e Edgar já eram pais, quanto Giulietta já era mãe – Wilson tem dois filhos, o Fernando e o Luís, Edgar tem um, o Oscar, e Giulietta tem duas meninas lindas, a Clarice e a Rachel... Foi uma noite emocionante essa em que reencontrei papai e mãe e conheci meus sobrinhos, sobrinhas e...Lílian...Me lembro que, ao chegar a vez dela na fila, ela veio em minha direção, me entregou o livro para que eu o autografasse e me perguntou, irônica: "E então, como faço para conhecer Urculino?...". Fiquei sem saber o

que dizer... Pensei em Flaubert e deixei escapar essa: "Urculino c'est moi!". Ela deu uma verdadeira gargalhada e, a partir daquele momento, eu e Lílían éramos um só, inseparáveis... Depois de nos acertarmos, peguei minhas burundangas e fui com ela morar em Olhos d'Água, num lugarejo bem sossegado e distante de tudo, em Alexânia/Goiás, para onde ela estava planejando ir morar por um tempo, para administrar uma das três pousadas que herdara – as outras duas ficavam, uma em Paraty, outra em Pirenópolis – e escrever seu próximo livro infantil... Fui com ela sem pestanejar! E com Lílían encontrei um pouco da paz com a qual tanto sonhava e que só experimentei, por tão pouco tempo, quando estive com Evelin... Lílían começou minha "educação sentimental" tirando de mim toda essa obsessão por ocultismo que me acompanhava desde a adolescência... Ela dizia que tudo isso não dava em nada, era tudo bobagem... e arrematava: "Dedique-se apenas à literatura! E nunca se esqueça do que disse Casaubon no finalzinho d'*O Pêndulo do Foucault*, 'Compreende-se tudo quando não há mais nada para se compreender...'" E foi isso mesmo que fiz e, ao fazê-lo, fui realmente feliz, pelo menos por um tempo... Até, até você, seu... desgraçado! Demônio maldito! Até você voltar a me importunar de novo! Minha rotina com Lílían na pousada era um sonho... O próprio lugar era de uma beleza feérica... Lílían tinha uma equipe que tomava conta dos negócios das pousadas, o que nos permitia sair para ir tomar banho nas cachoeiras da região e caminhar por trilhas ermas e deslumbrantes, onde nos amávamos avidamente... Diferentemente de Evelin, em vez de "maithuna", Lílían chamava de "brincar" às nossas relações... Seja como for, o fato é que eu amava brincar com ela... Depois de terminarmos, tomávamos banho na lagoa entre as pedras e voltávamos leves para o jipe dela... Na pousada, eu preparava um café para nós, enquanto ela fazia um de seus pratos prediletos, falando sobre o poder curativo das ervas, a linguagem criptografada das árvores e o cântico cromático dos cristais... Ela sabia de tudo! Conhecia o céu como se já tivesse ido lá... Falava das galáxias, das constelações, dos planetas e de buracos negros com uma intimidade de uma astróloga astrônoma... Depois do jantar,

nos sentávamos em silêncio, cada um ligava o seu notebook e começávamos a escrever... Eu estava trabalhando muito numa tradução que deveria entregar dentro de mais ou menos um mês e ela estava escrevendo seu décimo segundo livro infantil, uma estória sobre um menino que descobre o poder que tem, depois de viver uma série de desventuras em busca do próprio pai, que desconhecia... Nossa vida era serena e harmoniosa, um verdadeiro idílio... Bom, isso até você começar a me perturbar de novo, maldito! Eu ia tão bem... Lillian me amava, eu podia sentir isso no jeito carinhoso com que ela me tratava... E eu acreditava que não sairia jamais de perto dela, que estaria sempre ao seu lado... Ela não tinha filhos e não pensava em ter; o que, para mim, não era um problema pois, como ela, eu não queria transmitir "...a nenhuma criatura o legado de nossa miséria...". Mas as coisas começaram a mudar a partir daquele dia em que você apareceu na cachoeira, maldito demônio! Sim, você tinha que aparecer pra estragar tudo? Tinha?!... Não podia ter me deixado ser feliz? Viver em paz? Hein?! Filho da puta! Por quê?! Por que você sempre me aparece quando estou me acertando na vida, hein?! Por quê?! Por quê, seu desgraçado?! No dia em que você reapareceu em minha vida para destruí-la, estávamos sozinhos na cachoeira, tomando banho nus, como sempre fazíamos... O dia estava lindo e nós dois estávamos felizes como crianças, rindo o tempo todo... Mas, ao sairmos da cachoeira e começarmos a nos vestir para voltarmos para a pousada, vi você se aproximar por trás das pedras... No início, não acreditei e pensei que era minha imaginação, fiz de conta que não o vi, mas, ao olhar novamente, vi seu olhar demoníaco nos mirando como se fosse um bandido se preparando para nos atacar... Lillian percebeu minha mudança de humor e me perguntou, preocupada, o que estava acontecendo, se eu estava bem, se vi algo que me preocupou... Para não envolvê-la em minha loucura, respondi que não era nada, que eu pensei que tivesse visto uma cobra, mas fora engano... "De todo modo, é melhor voltarmos para pousada...", concluí... Durante o caminho, Lillian não parava de falar, "Sua mãe ligou, disse que estão todos bem, que seu pai, depois da aposentadoria, só pensa em

pescar e jogar dama, mas não encontra ninguém para jogar com ele... Depois ela perguntou se você está feliz, se eu estou cuidando bem de você... Eu disse que ela não se preocupasse porque eu estava cuidando direitinho de seu filhinho amado... Ela disse que um de seus sobrinhos, acho que o Fernando, filho do Wilson, havia perguntado pelo tio escritor... Disse também que Edgar estava abrindo uma loja nova... e que sua sobrinha Clarice disse estar com saudades do titio...". Mas, enquanto ela falava, eu praticamente não prestava atenção ao que ela dizia, embora procurasse dar a impressão de que estava lhe ouvindo... Ao chegarmos à pousada, ela precisou se reunir com sua equipe, e a reunião demorou horas... Quando acabou, ela veio me dizer que precisava ir a Pirenópolis e a Paraty, resolver problemas das pousadas, que eu ficasse bem, que, se precisasse de algo, falasse com as meninas da equipe etc... Ao me despedir dela, senti novamente aquela incômoda sensação, vivida anteriormente com Evelin, de que algo iria acontecer comigo mais uma vez... e temi. De fato, a ausência de Lílían foi muito difícil para mim, não conseguia escrever nem traduzir nada e passava horas e horas receando que você reaparecesse, seu miserável! Sem Lílían por perto, voltei a sentir depressão e, pensando em vencê-la, comecei o péssimo hábito de cheirar, pensando que, com isso, conseguiria voltar a escrever, o que foi uma péssima ideia, sobretudo porque, além do pó, comecei também a beber whisky sem nenhuma moderação, e isso me afetou significativamente... Isso ficou claro naquela noite em meu quarto, altas horas da noite, apenas o abajur aceso, eu tentando escrever no notebook feito um possuído quando, de repente, do nada você aparece diabolicamente em minha frente, me dando um baita susto... Eu comecei a gritar com você, furioso... "Saia daqui! Vamos, maldito! Não! Dessa vez, você não vai me desequilibrar!". Infelizmente, meus gritos fizeram com que todos na pousada acordassem e viessem ao meu quarto saber o que estava acontecendo... Percebendo que estava novamente perdendo o equilíbrio, me acalmei... Respirei fundo e, embora você continuasse diante de mim, olhando-me fixamente como um demônio, respirei mais uma vez profundamente para tentar me acalmar e então abri a

porta do quarto, tranquilizando a todos, pedindo-lhes desculpas e dizendo que não fora nada, é que havia pensado que alguém tinha entrado em meu quarto, mas fora apenas um engano, que me perdoassem a gritaria...Percebi que todos, tanto as meninas da equipe de Lílían quantos os hóspedes, fingiram aceitar as desculpas, mas seus olhares me pareciam dizer outra coisa, que a desculpa não havia colado e que todos estavam achando que eu fosse louco para gritar daquele jeito sem motivo altas horas da noite, naquele lugar tão calmo... Percebi que precisava fazer algo com você e resolvi que não o temeria mais, nem gritaria mais com você, para não correr o risco de perder Lílían... Quando ela retornou, percebeu que eu era outro, em vez daquele homem alegre e bem humorado que ela conhecera, eu havia me tornado um cara sério, ensimesmado e grave...Percebi que Lílían ficou perplexa com minha mudança...Ela não cansava de me perguntar o que tinha acontecido, se alguém na pousada havia me tratado mal enquanto ela viajava, se havia ocorrido alguma coisa com meus familiares, enfim, "O que está acontecendo, pelo amor de Deus?!". Mas eu sempre tergiversava, alegando que era uma enxaqueca terrível que me perseguia às vezes, "Apenas isso, por favor, não se preocupe!...". Mas, aos poucos, por minha culpa, começamos a parar de ir às cachoeiras... Ficávamos em casa trabalhando, Lílían andando de um lado pro outro, resolvendo as coisas das pousadas...Até de nos amar avidamente havíamos parado por minha causa, pois meu estado de espírito não inspirava um clima propício...E, sem perceber, eu estava me tornando cada vez mais taciturno e carrancudo, totalmente imerso na leitura do *Livro do desassossego*, do Bernardo Soares, cuja leitura intensa me deixava sem dormir...E, sem perceber, eu estava ficando distante de tudo à minha volta, até, ó meu Deus!, até da própria Lílían...Infelizmente continuei com o mal hábito de misturar cocaína com whisky para ver se melhoraria o humor, mas sem dúvida foi muito pior...Uma noite, em nosso quarto, em frente ao espelho da penteadeira, Lílían se penteava lentamente, lindíssima, vestida num babydoll vinho transparente, sensualíssimo... Enquanto se penteava, ela falava sobre o livro do João Ubaldo, *A casa dos budas*

ditosos, sem dúvida alimentando a esperança de que, naquela noite, voltássemos a nos amar selvagememente como antes, mas...de repente, depois da segunda carreira e do terceiro copo de whisky, ao me levantar da cama e ir abraçá-la pelas costas, de repente, olhei para o espelho e...não vi meu reflexo! Fiquei atônito! Lílian percebeu, perguntou o que houve...Procurei me controlar, mas, para piorar, depois de alguns instantes, vi você se aproximar por trás da penteadeira, olhando-me vitorioso, com seu riso diabólico! Não consegui me controlar e saí bruscamente da frente do espelho...Ela parou de se pentear e me perguntou o que havia acontecido para eu me comportar daquela maneira... Eu não falava nada, olhava para ela, olhava para você e acabava colocando as mãos na cabeça, gritando "Oh! não! De novo, não! Maldito! Vá embora! Vá, desgraçado! Saia daqui, vamos, vá!". Lílian ficou trêmula, pensou que eu falava com ela, eu procurei lhe explicar, segurei os seus braços com força e lhe disse, nervoso "É ele, Lílian, o demônio que me persegue desde criança! Ele está aqui, olhe! Por trás da penteadeira! Esse maldito roubou até meu reflexo no espelho! Veja! Não tenho mais reflexo! Meu Deus! O que sou eu agora? Um vampiro?! Socorro! Será que estou virando um demônio como ele?!". Lílian me fez sentar na cama, disse que não era verdade, que ela via perfeitamente meu reflexo no espelho, que eu devia estar impressionado com alguma leitura que andava fazendo...Começou a me perguntar se eu havia voltado a ler sobre ocultismo, disse-lhe que não, que não era leitura, que eu o via, nitidamente, que ele estava ali a nos mirar como uma fera maldita! Então de repente peguei o criado-mudo e o arremessei no espelho da penteadeira, fazendo-o se espatifar violentamente, voando cacos de vidro para tudo quanto era lado! Pronto! Foi o estopim! Depois disso, foi uma celeuma só, os hóspedes da pousada começaram a bater na porta do quarto, perguntando o que estava acontecendo, se Lílian estava bem, se eu a estava machucando...Ameaçaram arrombar a porta, se não abrísssemos, e, como não abríamos, eles gritavam sem parar.... Foi um verdadeiro inferno....Acabaram arrombando a porta e, ao entrarem no quarto, viram Lílian cobrindo o rosto com os braços,

assustada e encostada à parede, chorando, enquanto eu estava com as mãos sangrando, por pegar cacos de vidro e jogá-los em você, desgraçado!...Só me lembro da ambulância chegando, os enfermeiros tentando me acalmar, mas sem conseguir, eu totalmente desequilibrado e violento...Somente depois que me amarraram numa camisa de força é que conseguiram me levar para o hospital psiquiátrico...Eu gritava que isso era proibido, que não se usavam mais esses métodos, que iria denunciar, que eu não estava louco, que tudo isso era por causa de um demônio que estava no quarto, me espreitando malignamente, como fazia desde minha infância e, além de tudo, agora roubava também meu reflexo no espelho... "Meu Deus, não tenho mais reflexo! O que sou agora, um monstro, um vampiro?! Ah!ah!ah! olhem para mim, eu sou o Conde Drácula! Ah!ah!ah! cuidado, eu vou pegar vocês! Venha, maldito! Eu vou matá-lo! É ele, minha sombra, esse filho da puta! Foi ele quem roubou meu reflexo e quer roubar também minha alma! Ele é um demônio, esse maldito desgraçado! Me soltem! Vamos, seus imbecis! Me soltem!...". Mas ninguém me ouvia, e, enquanto me levavam para a ambulância, as meninas da equipe de Lílian a abraçavam e consolavam, protetoramente...Ao chegar ao hospital psiquiátrico, me entupiram de remédio e, assim drogado, acabei ficando dias e dias...Quando Lílian foi me visitar, não sei quantos dias após aquela noite infernal, naquele lugar horrível para onde me levaram, até hoje não sei nem onde fica, ela viu uma cena terrível: eu estava num quarto apertado, com os punhos e tornozelos amarrados à cama, a cabeça inchada parecendo com a de Frankenstein, os olhos esbugalhados e vermelhos e totalmente drogado...Mesmo assim, embora não estivesse reconhecendo ninguém, assim que ela entrou no quarto, onde havia, além do meu, mais três leitos, com outros doentes apenas deitados, mas não amarrados à cama como eu, mesmo assim, eu a reconheci de imediato e, tentando esboçar um sorriso, que meu rosto desfigurado insistia em desfazer, eu lhe gritei "Marie, je vous salue, Marie!". Lílian correu para mim com os braços abertos, derramando lágrimas enquanto tentava me abraçar...Como eu estava amarrado, ela pediu ao enfermeiro mal-educado para me

soltar, “Faz favor, eu me responsabilizo por ele!”... E o enfermeiro com aquela lenga-lenga: “Não posso, não tenho ordens...”. Lílian falou alto e com firmeza, até que chegaram outros enfermeiros e me soltaram... Aí sim, ela me abraçou, me disse que tudo ficaria bem, que ela me tiraria dali, que chamaria minha mãe...Porém, ainda precisei ficar algumas semanas naquele lugar horrível, até Lílian conseguir autorização para me internar em um lugar mais bem estruturado...Ela me trouxe pra Juiz de Fora, para uma clínica psiquiátrica particular, onde recebi um tratamento mais humano... Depois que me transferi para esse lugar, Lílian foi informar à mamãe o que estava acontecendo comigo... Embora eu ainda estivesse sob pesada medicação, ficando quase o dia inteiro meio inconsciente, quando mamãe entrou no quarto, embora não conseguisse articular palavra, senti uma alegria semelhante àquela que sentia quando ela ia me visitar aos domingos naquela minha primeira internação... Papai também havia ido, mas os enfermeiros não permitiram que ele entrasse para não haver muita agitação no quarto... Ainda fiquei alguns meses internado e só aos poucos fui voltando ao normal...Me lembro que um dia, ainda me recuperando, percebi que apenas mamãe vinha me ver...Perguntei então por Lílian, em minha confusão mental insistindo ainda em chamá-la de Marie, não sei por que razão... Mamãe não quis responder...mas, depois de eu tanto insistir, acabou dizendo que ela havia viajado e que não iria poder aparecer durante um bom tempo, mas que eu não me preocupasse que ela mesma cuidaria de mim como sempre fez... De fato, mamãe cuidou de mim o tempo todo...Embora ela não pudesse ficar lá comigo, pois não era permitido, todos os domingos ela ia e me levava...biscoitos! Mas nunca mais vi Lílian e, quando eu tentava perguntar por ela, percebia que mamãe procurava me consolar, dizendo que ela não iria mais poder voltar, que teria ido a uma viagem, fora do Brasil...Embora ainda estivesse meio inconsciente, nesse dia senti um vazio e uma revolta que assustou mamãe...Então me deram novamente aquela injeção que me deixava totalmente drogado e eu acabei indo dormir... Quando eu já estava perto da semana de receber alta, apesar de estar ainda meio grogue, Wilson,

Edgar e Giulieta foram me visitar com meus sobrinhos e sobrinhas...Papai também fora e eu percebi que ele agora era outro homem, havia se tornado uma pessoa mais serena e amorosa... Embora não conseguisse falar, eu chorei quando ele alisou minha cabeça e me disse suavemente (pela primeira vez em minha vida, eu acho...), "Oh, meu filho amado, sinto tanto orgulho de você...". Pra mim, foi algo novo, ele sempre fora tão frio comigo, nunca imaginei que pudesse gostar de mim, muito menos sentir orgulho de um filho desajustado como eu...Talvez se justificasse ele sentir orgulho de Wilson, Edgar e Giulieta, pois todos tinham constituído família e eram bem sucedidos nos negócios...enquanto eu era um "esquisitão", como Wilson disse uma vez a Edgar...Mas papai disse mesmo que eu era seu filho amado e que ele tinha orgulho de mim e isso, não sei se ele sabe, me ajudou muito a querer voltar do mundo sombrio onde eu psicologicamente ainda estava...Depois que recebi alta, fui morar novamente com papai e mamãe... Meu quarto ainda tinha a mesma cama, o mesmo armário, a mesma estante e o mais importante...minha cadeirinha de vime!...A única coisa nova no quarto era um computador que papai havia comprado para quando eu pudesse voltar a escrever e que acabei trazendo para cá...Depois de uns meses, eu já podendo receber visita, Maurício e Adele foram me visitar...Eu já estava reconhecendo as pessoas, aos poucos voltava a articular os pensamentos e de fato fiquei muito feliz quando os vi...Maurício disse que o livro ia de vento em popa, que já estava na terceira edição, com uma tiragem enorme e que as traduções já estavam quase concluídas...Fiquei ainda mais feliz quando ele me disse, antes d'eles irem embora, "Deixei um adiantamentozinho com sua mãe, depois ela lhe fala sobre isso com mais calma, o importante agora é que você se recupere...Melhore logo, porque queremos publicar seu novo livro o mais rápido possível, ouviu?...Vê se não vai demorar muito a voltar a escrever, combinado?...". Eu sorri e lhe prometi que logo logo ele teria notícias sobre meu novo livro... O trem de minha vida parecia estar voltando novamente para os trilhos...Mamãe cuidava de mim com aquele desvelo costumeiro, e até papai começou a ser atencioso comigo...

Ele me chamava para jogar dama, o que eu fazia meio sem jeito... Percebendo minha dificuldade no jogo, ele brincava, dizendo "Mas que escritor é esse que não sabe jogar uma simples dama? Olhe aí, perdeu mais uma...". Às vezes, enquanto almoçávamos, ele falava que eu deveria ir com ele a uma pescaria...Eu dizia que iria, mas que ele tivesse paciência, pois ainda estava me recuperando...Nos momentos de silêncio, enquanto mastigávamos durante o almoço, eu então olhava para ele e pra mamãe, sem que eles percebessem, observando seus rostos já bem envelhecidos, a pele enrugada, os cabelos já ficando bem branquinhos, e, ao notar essas marcas do tempo, eu ria levemente, vivendo esses momentos como se estivesse sonhando...Mas você não desistiu de mim, desgraçado! Apesar de nunca mais ter me atormentado, você estava lá, à espreita, esperando uma oportunidade para me desestruturar novamente, eu sei! Você é o meu castigo! Maldito desgraçado! Então por que não me aparece agora, hein?! Venha, demônio das trevas, venha! Ah! por que esse maldito não me aparece agora? Meu Deus, meu Deus! Ainda hão de ver meu nome estampado numa manchete de jornal, "Escritor se enforca em seu próprio apartamento!". É isso, não é?! É isso que você quer, não é?! Ah! mas você não vai conseguir não, seu filho da puta, maldito desgraçado! E você não vai conseguir porque agora eu sou amado! Veja! Meus pais me amam! Eu tenho um lar! Não sou um louco abandonado! Veja, demônio duma figa! Veja, seu desgraçado! Bom, uma coisa tenho que admitir...De fato, você me deixou em paz por todo esse tempo que vivi com meus pais... Só voltou a me perturbar, desgraçado maldito, quando um novo anjo apareceu em minha vida... minha doce Joyce! Ó Joyce, por que você foi embora? O que lhe fiz, anjo?! Por favor, diga! O quê?! Volte pra mim, por favor! Me perdoe! Volte, eu imploro!...Sem você, eu vou enlouquecer! Esse maldito vai me enlouquecer! É isso que ele quer! Volte, Joyce, por favor! Só o seu amor pode me proteger dele! Por favor, volte!... Ó meu Deus! Faz já seis dias que ela não vem me ver, sem ela sei que não vou aguentar! Volte, Joyce, eu suplico... Ela nunca aceitou minha proposta de vir morar aqui comigo... Talvez pelo fato de cuidar da mãe, Dona Gláucia, que enviuvou há uns três

anos...Só pode ser isso, porque os filhos não se opuseram a que ela viesse...Afinal, o mais velho já é casado mesmo e o mais novo já é noivo e está se preparando para ir morar com a futura esposa, até apartamento já compraram!...Sei que ela é mulher séria, advogada e cheia de responsabilidades...Mas eu também sou um cara sério...Ó meu Deus, faça-a entender isso e voltar pra mim, por favor! Sem ela não sei se vou aguentar a companhia maligna dessa criatura das trevas me perseguindo...Ela é tão forte e ao mesmo tempo tão suave, com aquele jeitinho de falar que derrete qualquer um...Me lembro que nosso primeiro encontro foi tão bonito, tão familiar...E eu reconheço que devo tudo a Dona Gláucia...Ela é muito amiga de mamãe... As duas se conheceram na igreja e, de vez em quando, Joyce costuma levá-la para visitar mamãe... E foi exatamente numa dessas visitas que nós nos conhecemos...Me lembro que, ao descer do carro e entrar na casa de mamãe, ela segurava Dona Gláucia pelo braço e a conduzia com um cuidado que me impressionou...Percebi logo que era filha amorosa e que, portanto, deveria ser também mãe amorosa e mulher amorosa...Nesse dia em que ela e Dona Gláucia foram visitar mamãe, papai tinha saído para prostrar com seus amigos da vizinhança, aposentados como ele e com quem ele costumava jogar dama... Em casa só estávamos eu e mamãe... Assim que se acomodaram na sala, mamãe me chamou para conhecê-las, me apresentando como seu filho mais novo, "O escritor da família...", ela disse orgulhosamente... Joyce olhou para mim e me disse "É um prazer, escritor...". E eu, ao fixar meus olhos nos dela, percebi na hora que ela seria o próximo anjo a quem eu iria amar perdidamente...Sentei para conversar com elas, mas não conseguia dizer nada... Na verdade, meu interesse ali era apenas olhar Joyce nos olhos e lhe falar, sem dizer palavras, que eu estava sentindo que esse encontro com ela anunciava que o trem de minha vida voltaria novamente aos trilhos... Terminada a visita, Joyce conduziu cuidadosamente Dona Gláucia ao carro e eu e mamãe as acompanhamos... Antes de o carro partir e de elas irem embora, porém, Joyce me olhou como quem soubesse que, a partir dali, nossas vidas estariam entrelaçadas... Então passamos a nos ver

regularmente... No início, ainda um pouco sem jeito, ela ia à casa de mamãe com a desculpa de que levava um presente de Dona Gláucia, mas depois passou a se sentir mais à vontade, deixando essas desculpas de presente de lado e assumindo que de fato estava ali para...me ver... Mamãe, percebendo tudo e gostando do que estava acontecendo – pois admirava muito Joyce, por ser, como costumava dizer, “mulher séria, religiosa, boa filha e boa mãe...” –, acabava sempre nos deixando sozinhos na sala... Mas Joyce não era nada fácil de conquistar...Resistia inexpugnável às minhas investidas, ao mesmo tempo me dando corda, mas se mantendo a uma distância que me incomodava... Passamos semanas assim, até eu conseguir lhe roubar um primeiro beijo na boca, um breve mas delicioso primeiro beijo... Toda essa dificuldade de aproximação, contudo, me fez perceber que, apesar de não sermos incomodados nem por papai nem por mamãe, eu precisaria de mais privacidade para namorá-la... Então aluguei este apartamento, trouxe minhas brefaías para cá e me senti pronto para recomeçar a vida!...Ainda continuava, como ainda continuo, tomando a pesada medicação para os nervos, mas agora pelo menos minha relação com meus pais está ótima... Por tudo isso, comecei a pensar que estava ganhando a confiança de Joyce...Na primeira vez em que veio para cá, ela se assustou com os livros pelo chão, em caixas e por tudo quanto é lado...Brincando, me lembro que cheguei a dizer “Mas só há livros nesta casa?!...”. Eu expliquei que acabara de me mudar, que ainda estava organizando tudo, mas que, dentro em breve, ela ficasse tranquila que o apartamento estaria todo em ordem...De fato logo consegui arrumá-lo, mas os livros continuaram espalhados por todos os cantos... Ela vinha me ver todo dia... Nós então jantávamos e ficávamos até tarde, falando sobre os filhos dela, sobre seu falecido pai, Dona Gláucia e a amizade dela com mamãe... Mas, quando eu me aproximava mais, ela resistia e começava a dizer para irmos com calma, que ela primeiro queria ver se eu era realmente um bom homem para recomeçar sua vida amorosa, essas coisas... Decidido a conquistá-la de todo jeito, não medi esforços para lhe provar que sou um homem do bem... Pensando nisso, resolvi fazer uma visita a Maurício na editora para lhe apresentar o argumento de meu novo

livro... Ele ficou empolgado, perguntou se já tinha alguma coisa escrita, eu disse que umas poucas páginas apenas... Ele então me pediu que trabalhasse mais nele e adiantasse o seu término, porque eles estavam querendo publicá-lo ainda este ano...Disse a ele que não se preocupasse, que eu me dedicaria totalmente ao projeto e que, quando menos ele esperasse, o livro estaria pronto...Saí da editora entusiasmado...Aos poucos minha vida voltava a se organizar e o mais importante, vendo que eu voltava a trabalhar com regularidade, minha relação com Joyce começava a se estabilizar... É claro que notei o quanto ela é diferente de Evelin e Lílian... Ela não bebe nem fuma e, embora seja supersensual, é ao mesmo tempo bastante tímida e até um pouco pudica... Passamos meses namorando à antiga, apenas como bons amigos... Somente depois de eu ter insistido tanto e tê-la convencido de que sou digno de seu amor, é que ela finalmente cedeu... Naquela noite afortunada, ela com aquele vestido preto justinho, com uma abertura lateral que mostrava um pouco de suas belas pernas torneadas e um decote excitante que deixava entrever seus seios convidativos, é que consegui que ela finalmente baixasse a guarda e se entregasse a mim!...Mas me lembro que, somente após ligar para Dona Gláucia e Augusto, seu filho mais novo, avisando que não dormiria em casa, é que ela se permitiu “fazer amor” comigo (é assim que ela gosta que eu fale, nem “maithuna” nem “brincar”, como diziam Evelin e Lílian, mas “fazer amor”, é assim que ela chama o ritual...). E assim ficamos, “fazendo amor”, sem culpa e sem medo, até o sol nascer.... Depois dessa primeira vez, nossas vidas se tornaram uma só...Nos víamos todos os dias apenas à noite...À tarde ela ia ao escritório e eu ficava aqui escrevendo sem parar...Ao voltar do escritório, ela passava em casa, falava com Dona Gláucia e com Augusto e, somente então, é que vinha para cá... Jantávamos, conversávamos um pouco e então nos amávamos até de madrugada...Depois ela deitava a cabeça um pouquinho em meu peito e ambos ficávamos completamente silenciosos e contemplativos, eu me sentindo novamente no céu dos céus de Beatriz... Perto de amanhecer, o sol nascendo, ela se

levantava, se vestia e ia pra casa...Eu me levantava também e a levava até a porta, nos beijávamos e nos despedíamos com ela me prometendo que voltaríamos a nos ver à noite... Essa rotina durou quase nove meses...Quase porque, no finalzinho do oitavo, eu fui visitar mamãe e papai e algo decisivo aconteceu...Eles me perguntaram como eu estava de morada nova, se estava gostando, como estava a escrita do novo livro e, principalmente, como estava com Joyce... Feliz da vida, lhes dava as boas-novas, tranquilizando-os e deixando-os orgulhosos de mim...Ao final da visita, mamãe me chamou a um cantinho e discretamente me passou um bilhete perfumado, num envelope rosa belíssimo, decorado com uma flor de lis...Ao pegá-lo, antes mesmo de mamãe me dizer, senti logo a presença de Lílian...E de fato mamãe confirmou minha impressão...Ela me disse que Lílian lhe entregou o envelope enquanto eu estava internado, lhe pedindo que só me entregasse depois que minha vida fosse voltando ao normal...Senti um tremor no coração, mas procurei disfarçar pra mamãe não perceber...Fingi estar tranquilo com o bilhete, disse à mamãe que o leria no apartamento com mais calma, beijei mamãe e papai e me despedi deles, prometendo a papai que nossa pescaria não demoraria a acontecer, mas que ele tivesse um pouquinho mais de paciência...Mas, devo confessar, fiquei perturbado com o bilhete desde o momento em que o toquei...Dirigia olhando-o, de quando em quando, no banco da frente onde o coloquei como se fosse algo sagrado...Mas sua presença me incomodava...Era como se ali estivesse não apenas um bilhete mas...a própria Lílian...Ao chegar aqui, joguei no sofá alguns livros que trouxe da casa de mamãe junto com o bilhete e fui correndo para o quarto me preparar para lê-lo... O abri religiosamente, como se fosse um frágil papiro da antiguidade que precisaria ser manuseado com extremo cuidado... Inalei a fragrância suave do perfume que Lílian costumava usar quando estava comigo, evocando cenas de minha convivência com ela... Percebi que estava bastante emocionado...Depois de todo ritual para abri-lo, finalmente inspirei e comecei a lê-lo: "Meu pequenino, se você está lendo este bilhetinho agora, conforme orientei Dona

Conceição, é porque certamente já está melhorzinho...Fico feliz por isso...Seu amor foi um idílio para mim, vivemos momentos mágicos, sagrados mesmo... Mas infelizmente, pequenino, nossas vidas, sem que soubéssemos exatamente por que razão, seguiram caminhos diferentes...Apesar disso, por favor, não se revolte nem se entristeça... Lembra do que eu costumava lhe dizer, que a vida sempre tem razão?... Pois é...Agora eu própria estou repetindo essa frase para mim mesma, como se fosse um mantra, para poder suportar sua ausência...Estou em Portugal...Precisei vir para cá, para cuidar dos negócios da família, em breve enviaremos alguém para administrar as pousadas aí do Brasil...Quanto a mim, não sei se retornarei, provavelmente não... Mas não importa, nosso amor não acaba com a nossa separação, ele continuará em nossos corações e nas lembranças maravilhosas que guardamos um do outro... E, o mais importante, saiba que eu continuarei a amá-lo no amor de Dona Conceição e no de cada mulher que você venha a conhecer. Em cada uma delas meu amor estará lá, abençoando sua nova união...Por favor, seja feliz! Promete? Apenas isso é o que lhe peço...Não direi mais nada, porque as palavras me doem, direi somente que você é e será sempre meu pequenino menino-homem, inesquecível em sua pureza e beleza... Com amor, sua eterna Lílian!"... Ao terminar de ler, percebi que estava com o rosto banhado de lágrimas, me senti fraco, nervoso, profundamente carente e um tanto...revoltado... Não consegui me acalmar e comecei a ficar preocupado...Tomei os remédios dos nervos e tentei me controlar, mas sentia que precisava urgentemente da presença de Joyce, para me restabelecer do impacto emocional provocado pelo bilhete de Lílian... Enquanto Joyce não chegava, eu caminhava de um lado pro outro, agitado e ansioso... Antes mesmo do horário em que ela costumava chegar, perdi a paciência e acabei ligando pra ela... Ó meu Deus! mas nessa noite, Dona Gláucia não se sentiu muito bem e Joyce precisou ficar em casa cuidando dela...Procurei disfarçar meu desespero, para que Joyce não percebesse o estado de nervos em que me encontrava...Me despedi desejando melhoras para Dona Gláucia e pedindo a Joyce que viesse no dia seguinte logo que pudesse, se

possível antes do jantar, alegando que não era por nada, apenas porque estava morrendo de saudades... Porém, parece um coisa, nos dois dias seguintes, Dona Gláucia ainda não estava muito bem e precisou que Joyce ficasse em casa cuidando dela... Joyce me ligou e disse que nem estava indo para o escritório, que só iria sair de casa quando Dona Gláucia estivesse realmente um pouco melhor.... E eu fui ficando cada vez mais tenso e ansioso... Pegava no bilhete de LÍlian, o relia uma, duas, três vezes, o colocava de lado, depois o pegava de novo, o recolava de volta no lugar e ficava caminhando agitado, pressentindo que algo não estava indo bem... Aumentei consideravelmente a dose dos remédios tarja preta, ansiolíticos e outros, que vinha tomando desde a internação, mesmo sem consultar o médico, pensando que isso me acalmaria... Mas parece que não foi uma boa ideia... Comecei a pensar em você, novamente, seu desgraçado! Por mais que lutasse para não fazê-lo, comecei a sentir sua presença demoníaca se aproximando de mim outra vez e comecei a desesperar... Nesses três dias sem Joyce não consegui comer nada, nem me banhar e nem mesmo dormir... Não escrevi nem conseguia fazer nada... Percebi que começava a me desequilibrar novamente... Quando Joyce apareceu, na noite do quarto dia depois da última vez que nos vimos, abri a porta do apartamento para recebê-la parecendo um louco, estava tomando remédios controlados numa dose excessiva há três dias e me encontrava, sem perceber, com os cabelos desgrenhados, a barba por fazer e os olhos vermelhos parecendo um demônio... É claro que Joyce se assustou, mas o que a assustou mais foi a forma como a recebi... Ao abrir a porta, vi claramente você por trás dela, seu maldito! Você olhava pra mim como se dissesse "aaah! olhe quem está aqui novamente!"... Ato contínuo, antes de dizer oi a Joyce, a puxei violentamente para dentro do apartamento pelo braço esquerdo... Ela ficou superassustada com meu comportamento e me perguntou o que estava acontecendo... Fiz sinal de silêncio... De repente, parei, comecei a respirar fundo e, após alguns segundos, comecei a fazer a postura da árvore, apoiando-me na perna direita, enquanto flexionava a esquerda e a apoiava na direita, mantendo o joelho esquerdo para baixo, ao mesmo tempo em que fazia círculos

no ar com as mãos...Depois me persignava e esfregava o polegar da mão direita no meio do peito e o indicador na boca e na testa várias vezes, abaixando e levantando a cabeça feito um louco... e explicando que isso eram mudrás, “gestos esotéricos que eu faço para me acalmar e para afastar o mal”... Depois disso ficava andando e falando sem parar sem olhar pra Joyce e, enquanto andava de um lado pro outro, ia lhe explicando que entendi tudo, que eu havia rasgado o véu de Ísis, e que a Criação havia se revelado para mim, mostrando-me que é no diálogo entre mim e meu próximo que está minha salvação... Descobri também que, ainda que eu esteja neste corpo, composto de medula, ossos, gordura, carne, sangue, pele, epiderme, tronco, peito, braços, pés, costas, cabeça e membros, eu sou o eu-sou-em-mim no sol central de minha ignorada alma, onde se localiza o trono de meu ser real, uno, permanente, puro, eterno e imutável, e que nem minha calma, nem minha ânsia, nem meus medos, angústias, pensamentos, lembranças, expectativas, sentimentos ou emoções são de fato o que eu sou, pois “Tudo isso são apenas fragmentos meus, Joyce! Em minha unidade interior, eu sou luz, luz, luz, somente luz, entende?! Eu sou a luz do mundo!”, disse-lhe, fechando os olhos e abrindo os braços, como se estivesse falando para uma multidão... Ela se mantinha encostada à parede, apreensiva e morrendo de medo do que estava presenciando...Mas eu nada percebia...E continuava andando pra lá e pra cá, enquanto fazia esses gestos esquisitos... De súbito parei, olhei pra ela e fui em sua direção devagarzinho... De repente, comecei a olhar prum lado e pro outro, como se verificasse se havia alguém nos espionando... Depois de me certificar de que não havia ninguém, me aproximei dela e lhe sussurrei: “Fui visitado por Arthur Bispo do Rosário na noite passada, Joyce... e ele estava acompanhado do anjo Gabriel! É isso mesmo! Ele apareceu pra me dar um recado importante, vindo do próprio Criador...”. Nesse momento, Joyce cada vez mais assustada, me aproximei dela lentamente, encostei meu rosto no seu e lhe disse baixinho... “Joyce, eu fui escolhido, recebi uma missão sagrada...”. Depois me afastava dela abruptamente, gritando “O Bispo me disse, Joyce! Gabriel estava ao seu lado confirmando quando ele me disse ‘vai, meu filho, ser escritor na vida, reconstrua

o universo, faça dele um lugar feliz!!!...'. Pensei em Urculino e em sua Urtopia na hora! Pensei em Maurício! E em Dante! Você vê, Joyce? Compreende o que aconteceu?! Eu vou reconstruir o universo com meus livros! Farei tudo com perfeição! Não há mais razão para se preocupar! O mundo está salvo, eu vou redimi-lo!...Vou reescrever o que há!... Serei a voz do que clama no deserto!...". De repente parava de falar, ficava uns segundos em silêncio com os olhos fechados e depois me aproximava novamente dela, lhe agradecendo, dizendo-lhe que foi ela quem me fez descortinar o céu, "Babalon, Joyce! A vagina é a porta pra Deus! Portal do Céu dos Céus de Beatriz! Babalon, a porta do sol!". Não percebia como estava assustando Joyce e continuava falando e gesticulando loucamente sem parar...Enquanto eu me mantinha nesse delírio, Joyce aproveitou e foi saindo de fininho, arrastando-se pelas paredes, sem que eu percebesse...Ela abriu a porta devagar e, enquanto eu continuava possesso, ela se foi...Ó meu Deus! Perdoe-me, Joyce! Eu a assustei! Por favor, perdoe-me, querida, por favor! No dia seguinte mamãe ligou, dizendo que Joyce tinha entrado em contato com ela, lhe dizendo que eu não estava bem, que precisava de ajuda, que mamãe precisava vir me ver porque só ela saberia me ajudar...Percebendo a voz preocupada de mamãe, para não piorar a situação, procurei acalmá-la, lhe dizendo que estava tudo bem, que fora apenas uma briguinha de casal, mas que, logo logo, Joyce voltaria a me ver, era só um desentendimentozinho, coisas de namorados, "a senhora sabe como é...". Mamãe acreditou, disse que papai também ficou preocupado, que, qualquer coisa, ligasse imediatamente pra ela e que eu não esquecesse de tomar os remédios...Me despedi dela, tranquilizando-a e pedindo-lhe que dissesse a papai que em breve eu estaria pronto para nossa pescaria...Porém a ligação de mamãe me deixou mais tenso ainda...Pra piorar, comecei a sentir um medo incontrolável de sair do apartamento e assim me sinto um prisioneiro aqui, sem conseguir botar sequer o pé pra fora há seis dias já! Maldito! Maldito! Tudo é culpa sua! Desgraçado! Maldito! Foi você! Foi você, seu demônio desgraçado! Mas eu não fiz o pacto com você não, Mefisto duma figa! Não sou pactário não, viu?! Eu sou é luz! Olhe pra mim, sou um filho amado em quem o pai se

compraz...Veja, maldito desgraçado! Eu não vou com você! Vou é com Margarida! Sim... e com Evelin...com Lílian e com você, Joyce, ó Joyce!... Incrível, Joyce! Deus é incrível, creia-me! Não se preocupe, meu amor, não irei com ele não! Não serei conduzido por você, ser maligno! Venha agora, desgraçado! Venha! Apareça, vamos! Apareça agora! Você não apareceu quando Joyce chegou?! Então venha agora novamente, vamos! Eu o invoco, venha, maldito, ser das trevas! Venha! Ó meu Deus já faz seis dias que estou assim, sem tomar banho nem dormir, só tomando remédio... Evelin... Lílian... Joyce... Cadê vocês? "Estão todos dormindo...dormindo, profundamente...". Joyce! Ó Joyce, volte, por favor! Eu lhe imploro! Não se assuste comigo, irmana freiosa! Venha, por favor, volte! lalalalamaialalalabaia! Abwun d'bwashmaya ialalalamaialalalabaia! Paaai! Paizinho! Ó Pai, por que sois tamanha ausência em mim?! Por quê?! Por que sois um vazio em meu peito fatigado, ó Pai! Eli, Eli, lammá sabactâni? Nadlém nadlém nadlém! Satcitananda nadlém! Nadlém nadlém nadlém! Sou eu cadáver adiado que procrio, maldito? Sou? Sou? Nããããã! Vinde a mim, ó vós que estais descansados e descomprometidos, e eu vos darei do mel da divina inquietação... Ó meu Deus, meu Deus, por que me escolheste?! A minha alma engrandece ao senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador; porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada! Faça-se em mim conforme tua vontade! Eis aqui, Pai, o meu pouco tão existir! Por quê, Joyce? Por quê?! E como eu sei de tudo com tanta clareza?! Minha razão me ofusca! Eu nunca fui louco! Louco? Nunca! Como?! Como tudo é claro para mim?! Hein, Arthur?! Porque sou escritor? Sim! Tudo me foi revelado! As trevas não prevalecerão! Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas! Eu venci! Meu Deus! Por favor! Mamãe, papai...Dante! Tragam Joyce de volta pra mim!... Venha, demônio maldito, apareça, fonte de todo meu erro! Não vou lhe fazer nenhum mal, prometo...Só quero olhar nos seus olhos demoníacos e lhe dizer que eu sou luz, nada me atinge...Sou um filho

de Deus! Eu consumarei a obra do Pai!... “Os céus proclamam a vossa glória, ó Pai! E o firmamento anuncia as obras de vossas mãos!...”. Vencerei! Sim! Pisarei na cabeça de Tiamat! Nadlém nadlém nadlém! Ananda nadlém! O caos não prevalecerá! Nadlém nadlém nadlém! Mas você, espírito maligno! Você! O que farei com você?! Quem é você?! Você não é nada! É apenas uma ilusão! O mal não existe, ouviu? Você conhece santo Agostinho? Hein?! Não existe! É somente a ausência do bem e nada mais! Apenas isso! O mal é a ausência do bem!...Você não existe, seu desgraçado! Ouviu?! Não existe! Nem por um minuto eu tomo você por uma verdade real...Você é uma mentira, um fantasma de meu espírito doente... “Pode ser que a maldade seja apenas ausência de liberdade e falta de saúde da alma...”. Mas a Vitória é minha mãe! Você não entende... Ainda não sei como me livrar de você, vejo que ainda será preciso sofrer sua presença maligna algum tempo, mas vou descobrir, diabo desgraçado!...Você é minha alucinação...É a encarnação de minhas piores inclinações...É isso mesmo, você é apenas a encarnação de minha pior parte, de meus piores pensamentos, sentimentos e ideias...É isso que você é, maldito, apenas uma sombra...Apareça, vamos, apareça! Oh! apareceu finalmente?! Aaah! que bom! É isso aí...Muito bem, agora sim, poderemos conversar como “amigos”...Aproxime-se, venha, não tenha medo, não vou lhe fazer mal, venha, isso, venha...Agora que finalmente você teve coragem para aparecer, atendendo ao meu pedido, lhe direi quem eu sou, venha cá, seu maldito desgraçado, vou esganá-lo de uma vez, venha... Ah! Ah! Venha, eu... vou... vou es...ga...ná-lo... Aaaaaaaaaaaaaaahhh! Eu... vou... Aaaaaaaaaaaaaaahhh! Na...dlém! Na...dlém! Na...dlém! Aaahhh! An...an...daaaaaaaaaaaaaaahhh!!!



Araceli Otamendi

Un collar de flores blancas y cuentas negras de madera



Un collar de flores blancas y cuentas negras de madera

Araceli Otamendi

Kilómetro 58 de la ruta XX (Ramal Pilar). Una quinta próxima a Don Torcuato.

A las 10 de la mañana visitaría la quinta de un cliente para decorársela. El arquitecto le había dado todos los datos a Julia. A la gente así, como él tenés que hacerle un trabajito fino, había dicho Daniel, el arquitecto. Un trabajito fino, siempre es lo mismo.

Mientras tenga plata para gastar y se la decoro como yo quiero y Daniel que se joda, que trabaje con lo de afuera, si total de decoración no sabe nada. Tiene un mal gusto horrible, pero él cree que sí, que sabe. Le faltan años a ese pibe, bueno, no tan pibe, pero menor que yo es.

Un taxi no es difícil de encontrar a las ocho de la mañana en Callao y Corrientes, pero hoy no sé qué pasa. No viene ninguno.

Paró un taxi, un peugeot. Es muy lejos, señora o señorita, no sé, dijo el chofer mirándola a través del espejo. Pero si usted quiere, si está dispuesta a pagar una cifra, lo arreglamos, y yo la llevo, no tengo problema, y mientras charlamos, dijo con una sonrisa que no me gustó nada.

Julia evaluó las consecuencias de quedarse o bajarse. La cara del hombre no le gustaba mucho pero el cliente estaría esperándola, si no llegaba a tiempo después se pelearía con Daniel. Bueno, sí, está bien. Arreglaron el precio. Parecía contento con sus anteojos negros, negros, sí ¿por qué? No eran verdes, eran negros.

Su pelo oscuro peinado hacia atrás, sus manos movían hábilmente el volante. Auto nuevo, pensaba, olía a perfume fuerte, como de pinos, limón, una mezcla. Y además con música. Tiene buena onda – dijo ¿no le parece? Mientras, aceleraba por Corrientes hacia el bajo aprovechando una seguidilla de semáforos en verde.

Así preparaba el terreno para una conversación intimista, pensaba Julia mientras buscaba en la cartera los anteojos de sol. Usted no me va a creer si le cuento algo – dijo el chofer que más que un chofer parecía un cafishio desocupado o algo así.

Usted no me va a creer si le cuento que yo recién traje una mujer de ahí, de donde usted va. Miraba a Julia por el espejo y sonreía. Ya conocía esa técnica. Una mina grande, dirá después, me la levanté, se jactará ante los demás. Se hace el recio, como Robert de Niro en una película, lo único eran esos bigotes tan espesos, casi como un cepillo. No deja de mirarme. Si no fuera porque tengo que vivir del interiorismo me bajaría ahora mismo. ¿Y esta música?

¿De qué onda me habla? No entiendo nada de ondas, ni buenas ni malas. Me estará calculando la edad. Tendré que seguirle la corriente sino el viaje se tornará insoportable. Me mira y se ríe. De la guantera saca un atado de cigarrillos y extrae uno, lo enciende y da una pitada. Exhala el humo y comprueba a través del espejo que lo estoy mirando. Me mira y se ríe. ¿Fuma? No le molesta ¿no?

Dijo esto mientras aceleraba a fondo por la avenida del Libertador.

Ya estábamos en Retiro y hacía calor. Qué día divino. Agosto suena horrible, como a mufa, a muerte, qué sé yo, pero el sol calentaba la piel y podía sentirlo en los brazos y en la cara. Subió el volumen de la música y la comenzó a mirar insistentemente por el espejo.

Perdoname que te tutee pero sos tan joven ¡hummm! Podrías ser mi hermana ¡qué mentiroso! Ya se tomó confianza ¿quién se la dio? Yo no. Sabés, estoy tan cansado que me usen de psicoanalista. Porque

vos sabés estoy un poco alterado por lo que me pasó hoy, vas a ver. Dejame que te cuente.

Julia se resignó, se acomodó en el asiento, puso los dedos de las manos entre las ondas del pelo y largó algo parecido a un suspiro. Tendré que dejarlo, que me cuente. Lo voy a tener que escuchar, le dijo y no me gusta que me tuteen. Vos sabés, – hizo caso omiso – la mina, digo la chica. Bueno, vos me entendés. Yo venía de hacer otro trabajo que tengo, sabés, sino no se puede vivir. Los anteojos, ese marco lo reconozco, son demasiado caros para que pueda comprarlos un tipo así, pero nunca se sabe. El coche es nuevo, parece que hizo pocos kilómetros y está tan limpio por dentro, no parece un taxista cualquiera. Debe ser algo más, pensaba Julia.

Libertador derecho hasta subir por la General Paz y tomar por la Panamericana. Y no me lo vas a creer. Y dale con el tuteo. Me empieza a contar una historia que yo no sé, usted ¿qué pensaría? Voy a tener que aguantar la perorata ¿hasta cuándo?

Y quién será este mister Günter Player. No me lo imagino. La tarjeta sólo dice el nombre. El apellido debe ser inglés y el nombre alemán. Sé que es extranjero.

La casa tiene color por las fotografías que me dio Daniel. Una sola planta, por fuera ladrillo a la vista. Daniel se ocupó del techo. Por dentro paredes de piedra y ladrillo, dos hogares, uno en el dormitorio, pisos de ladrillo y mármol. Dos baños, uno con sauna y otro con hidromasaje. Un dormitorio en suite con sala de música y un piano de cola. Eso lo refaccio como que me llamo Julia. Si quiere tocar el piano que se inspire en el living. Es un disparate haber ubicado ahí un piano, una lástima, aunque Daniel se reía mucho cuando se lo dije.

Cocina chica, muebles de madera. Ahí no hace falta refaccionar. Dos livings en desnivel con arcadas. Muchas ventanas, podré lucirme con las cortinas. Sí, trabajo tengo de sobra. Los muestrarios de telas, a ver dónde los puse. Dos revistas de decoración por si pregunta detalles. Tengo varias ideas para lograr que esa casa sea un lugar

donde valga la pena vivir. Alfombras, ya veremos si son necesarias. Uno de los baños lo haría estilo art deco, me encanta. ¿No la molesto con la conversación? No, para nada. Por suerte, mientras él habla puedo pensar en otra cosa. La mujer parecía decir la verdad. Yo entiendo a las mujeres ¿sabe? Tengo calle, se nota ¿no? No por nada nací en Buenos Aires. Y me dejó helado, me dejó. Porque tipos así hay muchos ¿de qué habla? Era intérprete de inglés y alemán y al español ¿sabe? Una mujer culta, a mi me gustan así, aunque yo soy un bruto, qué va a hacer, uno no pudo estudiar pero me las rebusco igual. Y no podía parar de llorar, que las esclavas, que la selva, que el avión, qué sé yo todo lo que dijo.

Es un delirante, me da miedo viajar con tipos así ¿se habrá drogado? Sin embargo tiene el pulso firme y buenos reflejos. Pudo esquivar con destreza un ford que venía picando por ahí atrás y que se adelantó por la derecha cuando el taxi le dejaba paso.

Las casitas chatas y el olor a campo. Dentro de un rato me liberaré de este imbécil y podré hacer mi trabajo. A la tarde tendré tiempo y Daniel tal vez me invite a comer o al cine. Creo que se dio cuenta de las redes que le tendí o me las tendió él a mi. No sé, me tiene atrapada y es tan joven, bueno no tanto, quizás algunos años pero ahora está de moda y después de todo soy libre, no tengo que rendirle cuentas a nadie, que ya eso lo pasé hace bastante. Y usted no lo creería pero para mí sí, la mujer decía la verdad. Dijo que el tipo la invitó a la quinta con el pretexto de unas traducciones. Cuando llegaron todo estaba bien hasta que la invitó a dar una vuelta en la avioneta que guardaba en un galpón. Una vuelta por ahí cerca y nada más. La mujer se confió. Al principio todo era normal o casi. Trabajar con extranjeros era algo común para mi. Vienen a montones a este país y concretan los negocios más variados. Pero si hay más capitales extranjeros invertidos en propiedades que nadie se imagina. Tenía que traducir unos papeles porque viajaba al día siguiente, me había mostrado el pasaje y quería dejar todo en orden. Me pidió que lo acompañara a ver su propiedad, que había guardado unas escrituras

en la caja fuerte y fuí. Me mostró el avión que guardaba en una especie de garage camuflado y ahí me dijo si no quería dar una vuelta. Me explicó que el avión lo había comprado al vender un mercedes cuando estuvo trabajando en el país hacía un tiempo. Era una avioneta. Parecía nueva. En avión viajé muchísimas veces pero en avioneta era la primera vez. Una vuelta, ver el campo. La vegetación mucho más exuberante, tierra roja, caudales de agua. Habrían pasado dos horas desde que salimos de Don Torcuato. Le dije que aterrizara o me tiraba, que por favor me dejara ir. Y él reía, reía mucho. Creí que estaba loco. No me escuchaba. Estaba prisionera de él, él comandaba la maldita avioneta, por qué había subido, no me lo perdonaría nunca. Le rogué por lo que más quería y comenzó a descender. A pesar de todo hizo un buen aterrizaje. Si hubiera sabido que la avioneta tenía tanta autonomía de vuelo no hubiera subido nunca. Sin duda sabía lo que hacía el loco éste. Y ahora vas a ser la cuarta. Me lo dijo en alemán cerrado, alemán del norte, me dije, pero lo entendí. Ahora me mata, la cuarta víctima. Será un destripador y comencé a correr. Al fondo se veía una casa redonda con techo de paja. Aparecieron dos mujeres de piel muy oscura vestidas con túnicas blancas. Sus dientes relucían. Lo abrazaron. Me quedé escondida detrás de un árbol hasta que alguien tocó mi espalda. Grité con horror. Apareció otra mujer también vestida con una túnica blanca. Ven, ven, me dijo. Ahora me mata, es un maniático, me dije. ¿Adónde correr? ¿Por dónde escapar?

Me dejé conducir hasta la casa. No podía pensar. Estaba asustada. El se había tirado sobre una especie de hamaca paraguaya sostenida por dos ganchos clavados en las paredes de ladrillo, enfrentadas y las tres mujeres lo rodeaban. Una le acariciaba la cabeza, otra le besaba las manos y la otra le hacía masajes en los pies. Tenía puesto un collarde flores blancas y cuentas de madera negras. Y ahora, ¿qué pensaba? Vení, acercáte, dijo él. ¿No entendés? Son mis esposas, mis esclavas, y vos vas a ser la cuarta. Te elegí porque sos distinta, sos de ciudad, sos civilizada, lo que necesito ahora. Pero si la esclavitud se

terminó, pensaba. Serás feliz con nosotros, no te faltará nada. De vez en cuando llegan amigos míos y los tendrás que atender. Pero esto es un prostíbulo y usted es un tratante de blancas, le dije. Un degenerado. Las tenés de esclavas, hijo de puta. No había palabras para expresar la indignación que sentí en ese momento. Y corrí, corrí, hasta que encontré un camino de tierra roja y esperé un largo rato hasta que vi un auto. Y así llegué haciendo dedo. La mujer lloraba. Hay tanto depravado suelto, usted sabe. Lo miraba. Faltaba poco. Los días de semana hay poco tránsito por la Panamericana. Qué cuento, qué fábula me está contando. Hay tipos que no saben cómo impresionar a una mujer sino dan miles de vueltas. Menos mal que falta poco. Me mira y sonríe. Quiere ver la impresión que me ha hecho. Y vos sabés Daniel, veníamos por la Panamericana a ciento veinte por lo menos y empieza a describir la casa. Una sola planta, pisos de ladrillo y mármol, pileta de natación. Y usted ¿cómo sabe que la casa tiene pileta? Te juro que me daba miedo. Es que me lo dijo la mujer, la que le conté ¿o no se acuerda? Y los baños, sabe la vida que se debe dar. Y sauna y no sé qué más tiene. Te juro Dany que me moría por dentro pero no se lo quería demostrar. Y hay tipos que viven así. Les gusta darse baños de espuma, hidromasaje o cómo se llame. Yo lo ví en las películas, ahora que tengo el video. Ahí no pude más. Iba demasiado lejos, le dije. Pero ¿no se le va la mano? ¿No le parece que exagera? Pero ¿cómo sabía del sauna y el hidromasaje?

¿No le parece que ya me dijo bastante? Vos sabés Dany me miraba y se reía. Y los bigotes se le movían con una mueca de satisfacción. Seguramente era un sádico, y experimentaba un malsano placer hablándome de todo eso. No veía la hora de llegar a esa casa pero el miedo había crecido en mí. Pero oiga si usted ya tiene la misma cara de la mujer de antes. Qué cretino. No me mire así. Le estoy contando una historia. ¿A qué hora tiene que llegar a la casa, a Villa Bonita?

Pero si yo no le dije nada que la casa se llama así. Entonces te juro, Dany, estaba pálida. Cómo sabía todo el tipo ése. Y fue cuando en ese momento se desvió por un puente, ya no me acuerdo en qué

kilómetro era. Y me imaginé, Dany, me imaginé. Y cuando llegamos, no sé qué pasó. Me abrió la puerta del taxi y apareció él, mister Günter Player, tan rubio y la piel colorada como la cola de un mono mandril y parecía que se había bebido veinte whiskies, no sabés el olor que tenía y vestía un pantalón de hilo color crema y una camisa que hacía juego y en la cabeza un sombrero de paja. Y el taxista no se iba, me esperaba y me guiñaba un ojo y mister Player no se podía tener en pie, el olor a whisky que volteaba y recordé que el taxista me había contado que la mujer le había dicho que el tipo de la historia, el tratante de blancas parecía navegar en alcohol. Y empecé a morirme de miedo. Saqué las muestras que tenía en el bolso y tomaba medidas por aquí y por allá, y Dany, vos no sabés, me dijo que me quería mostrar algo afuera y yo estaba como paralizada y quería escapar y no podía y vos sabés, me fuí caminando rápido, atravesé los dos livings y llegué a otro cuarto y casi me muero porque ahí tenía una especie de pileta de más de dos metros de profundidad, eso no era un hidromasaje común, te juro que pensé que me iba a ahogar ahí. Bueno insistió en que lo acompañara afuera, y yo deseando escapar y me muestra un galpón y vos no me dijiste nada ¿por qué? Apretó un botón y se levanta una puerta y ahí estaba la avioneta y me decía en inglés que había sido piloto de la segunda guerra y si quería probar que me llevaba a dar una vuelta ¿por qué no me dijiste que fue piloto de la segunda guerra? Y yo lo veía al taxista que me hacía señas desde afuera como si supiera lo que estaba pasando y se subió al avión y se puso un collar de flores blancas y cuentas de madera negras y ahí me acordé de la mujer y del cafishio y salí corriendo y vos sabés Dany, el miedo que tenía de que me llevara a la fuerza y entonces corrí como si me sacaran el aliento, ay! Y salté por arriba de un cerco y estaba el taxista que me esperaba y se reía el idiota. Y por lo menos me dije, saldré de aquí aunque me dé un poco de miedo, no si era miedo sino inquietud, extrañeza, qué sé yo. Vos sabés, Dany, enfiló otra vez por un camino de tierra cerca de un cementerio y te juro que rezaba y prometía hacer algo bueno, no sé todo lo que pensaba en ese momento pero quería escapar sana y

salva. Ni bien salimos por la Panamericana el tipo saca de la guantera un collar de flores blancas y cuentas negras de madera y se empieza a reir con frenesí, y estaría loco, yo no sabía más nada y tenía ganas de arrojarme del auto pero íbamos a ciento veinte por lo menos y el tipo se reía cada vez más y empezó a sacarse los bigotes que tenía pegados, los anteojos, la peluca ¿cómo no me dí cuenta, Dany? Y no sé qué más pasó, si me tiró un spray, algo para que me durmiera y me desperté sentada en la Plaza San Martín, frente a Retiro. Te juro Dany, no sé qué pasó después.

Aterrorizada estaba. Pero Dany ¿cómo no me dijiste que mister Player era un tipo tan extraño? ¿Por qué no me hablaste de él, del avión ¿por qué? ¿qué tenés ahí?

(Dany saca de un maletín un collar de flores blancas y cuentas negras de madera y se lo pone). ¿Pero vos también Dany? ¿por qué? Dany, no, no, y Julia salió corriendo despavorida de miedo mientras Dany reía a carcajadas.

Buenos Aires, 1987



Geóz Rodrigues de Melo

O Sósia



O Sósia

Geóz Rodrigues de Melo

A cabeça de Alberto está encostada na janela enquanto seus olhos estão fixos na paisagem que muda intermitentemente. Sem perceber, começa a fazer um jogo mental silencioso: fita um elemento da paisagem, como uma árvore, montanha ou rio, e tenta descobrir com que formato este elemento da paisagem se assemelha. Quando não sabe ao certo, ergue um pouco mais a cabeça, olha para as nuvens e logo vê uma tartaruga, uma casa ou um sapato. Tenta se lembrar da última vez em que havia feito esse jogo infantil, mas não consegue.

Com um pouco de força, abre a janela. E se delicia ao sentir o vento batendo em seus cabelos. Fecha os olhos e inspira o ar puro. Não demora muito e todas as suas dúvidas e preocupações cessam por um instante.

Ao abrir os olhos, vê um espectro horripilante segurando uma foice e apontando diretamente para ele. Lembra-se de imediato que é deste modo que é retratada a personificação da Morte pelo imaginário coletivo e um calafrio percorre toda a sua espinha.

Neste instante uma mão feminina bate três vezes suas costas. Ele levanta-se subitamente.

– Desculpe, irmão Alberto. Não queria te assustar. Poderia fechar a janela? – pede gentilmente a passageira atrás dele.

Atônito e com o coração acelerado, Alberto responde:

– Certamente, irmã Verônica.

– Obrigada. Eu não me dou muito bem com o frio.

O terreno é bastante íngreme, o ônibus se move a uma velocidade muito baixa. Alberto coloca pela última vez a cabeça na janela, e, ao olhar para trás, vê uma enorme árvore morta. Ri aliviado do poder criativo de sua mente. Por fim, a janela é fechada. Senta-se na cadeira ao lado, e não olha mais para a paisagem. Contudo, não consegue esquecer a imagem atemorizante da sinistra criatura apontando para ele. Mentalmente pragueja:

– Maldita brincadeira!

Estavam no ônibus havia várias horas. Para o tempo passar, de vez em quando entoavam uma canção. Alberto se atrapalhava constantemente, pois fazia pouco tempo que tinha entrado na vida da igreja. Essa era sua primeira viagem com a congregação e ainda não sabia bem o que esperar. Finalmente chegaram a seu destino: uma chácara que pertencia a um casal de membros da igreja.

Retiraram do ônibus colchões e cobertores, utensílios de cozinha, duas enormes caixas de isopor contendo verduras e carne congelada, além de vários quilos de feijão, arroz e macarrão.

Ao olhar para o relógio de pulso, percebeu que já passava das dez horas. Os homens ficaram alojados na sala de estar e cozinha, e as mulheres nos quartos. Reuniram-se na sala de estar e, após uma prece coletiva, foram dormir.

No dia seguinte acordaram cedo. Ninguém ficava parado, a cada membro era atribuída uma tarefa. À tarde prepararam uma enorme refeição.

Começava a escurecer. Ivan caminhava a esmo pelas ruas da cidade. Gotas de suor juntavam-se percorrendo os traços de expressão em sua testa caindo diretamente em seus olhos o que lhe causou uma forte dor. Ele retirou o excesso de suor que se juntava acima da sobrancelha e voltou a percorrer seu itinerário.

Em seus pensamentos, se lastimava pela falta de sorte que o perseguia desde sempre. Estava desempregado e seus débitos cresceram exponencialmente. Acabara de ser despejado de seu apartamento e não pôde levar nada, pois, de acordo com a senhoria, as suas coisas serviriam para pagar parte do aluguel. Saiu atordoado apenas com a roupa que vestia.

Sempre que algo o incomodava, costumava fazer algum passeio e logo lhe vinha à mente a solução para o seu problema. Dessa vez não estava funcionando. Ele, contudo, insistia: mesmo exausto, continuava andando.

Há algum tempo percebia uma estranha sensação em sua barriga e se deu conta que estava com fome. Colocou a mão nos bolsos e confirmou o que já sabia: estavam vazios. Olhou para frente e viu uma enorme fila.

A entrega da refeição começara há algum tempo. Vários mendigos e sem-tetos juntavam-se formando uma enorme fila. Cada pessoa recebia um prato de sopa e um pão. Para muitos deles, essa seria a única refeição do dia.

Percebia-se a enorme satisfação estampada no rosto dos membros da igreja. Próximo ao fim da entrega deixaram Alberto entregando a sopa sozinho e foram cuidar de outros afazeres, seja recolher o lixo que se formava, seja pregar a quem estava disposto a ouvir ou mesmo conversar entre eles sobre o evangelho.

Ele está encurvado. Vira-se para Ivan, a última pessoa da fila, que pacientemente espera a sua vez. Eles olham um para o outro e veem o irmão gêmeo que nunca tiveram. Ivan nada diz, ainda absorto pelo acontecimento, enquanto Alberto coloca a mão em sua própria face em seguida aponta para seu sócio e quase gaguejando diz:

– Seu rosto é igual ao meu!

– É verdade...Vamos nos sentar ali – apontando para o banco da praça.

– Eu já ouvi histórias de pessoas fisicamente iguais que se encontraram, mas nunca pensei que fosse verdade. É incrível encontrar meu sócia – comenta Alberto.

– Eu pensava que sócias só existiam em obras de ficção.

– É um sinal de Deus. Ele tem um plano maior para todos nós.

Ivan lembra-se de sua fome e ali mesmo inicia sua refeição.

– Eu nada sei dos planos de Deus. Eu me chamo Ivan. E você?

– Eu sou Alberto. Eu também não sabia nada dos planos de Deus. Mas minha própria vida é um testemunho: Não tenho família. Depois que meus pais morreram, eu me entreguei aos negócios. Só me preocupava em ganhar dinheiro, mas minha vida não tinha significado. Isto mudou depois que encontrei Jesus. Minha vida se resume nas palavras de Paulo: Mas hoje já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim.

Ao mesmo tempo em que saciava sua fome, Ivan ouvia atentamente a tudo que Alberto dizia.

– E o que vai fazer agora, entregar todos os seus bens para Jesus? – perguntou ironicamente.

– Ainda não, irmão Ivan.

– Ivan! Me chame apenas de Ivan.

– Perdão! Apesar de estar na igreja há pouco tempo, tornou-se um hábito chamar as pessoas de irmão ou irmã. Respondendo à sua pergunta: não é fácil vender tudo que se tem e viver apenas com o necessário, ainda sou considerado um homem rico. Você nem imagina o trabalho que estou tendo para vender uma de minhas casas. Assim que arranjar um comprador, doarei o dinheiro para a igreja. Eu moro há mais de duzentos quilômetros daqui e sinto que a longa viagem que fizemos de ônibus não foi nada perto do reconfortante trabalho voluntário que fazemos. Amanhã logo cedo retornaremos para nossos lares reanimados em Cristo.

Ivan se desequilibra ao tentar levantar do banco.

– Você está bem? – questiona Alberto com preocupação sincera.

– Me deu uma tontura. Tem um banheiro público logo ali adiante. Você me acompanha?

– Certamente. Quer se apoiar em mim?

– Não será necessário.

Seguem em direção ao banheiro. Ivan abre a porta e parece se desequilibrar novamente.

– Você não está bem. Deixe-me te acompanhar – comenta Alberto atenciosamente.

Passam pela estreita porta.

– O cheiro não é dos melhores. Acha que tem gente? – pergunta Ivan.

– Deixe-me olhar.

Alberto verifica cada porta.

– Não tem ninguém. A privada da última porta está limpa.

– Por favor, veja se tem água? – pergunta com o tom de voz mais baixo que o normal.

Alberto abaixa-se e abre a torneira da pia. A pressão da água é forte e respinga no espelho. Nesse mesmo instante, Ivan passa o braço direito em volta do pescoço de Alberto segurando com a mão direita o bíceps do braço esquerdo, ao mesmo tempo em que com a mão esquerda empurra a cabeça de Ivan para baixo com bastante força na “pegada”.

A vítima tenta desesperadamente livrar-se do mata-leão. Coloca as mãos no antebraço de Ivan, tentando, sem obter êxito, livrar-se do estrangulamento. Em seu momento final, a horrenda personificação da Morte aparece no reflexo do espelho. Seu desespero aumenta e ele finalmente sucumbe.

Percebendo a imobilidade de Alberto, Ivan finalmente o libera de seu golpe mortal. O corpo sem vida cai no chão do banheiro. Ivan cuidadosamente fecha a torneira da pia.

Neste instante entra um dos membros da Igreja que vê o corpo sem vida e se espanta ao perceber que seu assassino tem as mesmas feições de Alberto. Sai em disparada e pouco segundos depois encontra dois membros da igreja e perplexo grita:

— O irmão Alberto foi morto por um homem que é igual a ele.

Os três homens seguem em direção ao banheiro enquanto Verônica, que ouvira tudo, retira seu telefone do bolso e liga para a polícia.

Neste instante, Ivan sai rapidamente do banheiro, pensa em correr, mas estava exausto por causa da caminhada de horas sem parar. Sua traiçoeira atitude drenou o restante de sua força, mas, sem alternativa, resolve enfrentar os três homens e após uma série de socos e pontapés finalmente cai no chão.

A polícia chega, toma o depoimento de todos e finalmente leva o assassino preso.

Dois anos depois...

Um jornal amassado é deixado no mesmo banheiro em que o fatídico crime foi cometido. A seção policial transcreve a resposta de Ivan, dada ao promotor de justiça quando este indagou, durante o seu julgamento, o motivo dele ter cometido crime tão vil:

— Estava desesperado naquela hora. Não tive tempo para pensar. A loucura havia se apossado de mim. Depois, refleti muito e hoje sei de dois motivos para meu crime: o primeiro é que Alberto estava entregando para uma igreja tudo que tinha e não achei isso certo. Algumas pessoas têm tudo e não sabem aproveitar o que têm... Já o segundo, e acredito que este seja o maior, é que quando criança li o Príncipe e o Mendigo e compreendi que, na vida real, o mendigo

mataria o príncipe e tomaria seu lugar para sempre... Mas essa história foi feita para crianças, e esse final jamais poderia ser o final de um livro infantil. O caso é que eu entendi o que deveria ser feito. Claro que eu nunca pensei que algo assim pudesse acontecer. A vida não foi justa comigo, ou não soube lidar com os problemas, não sei ao certo. Mas e se...?”





Gigia Talarico

La otra



Los martes, luego de mis cuatro intensas horas laborales en la oficina de mi minúsculo y solitario departamento, debo ir a visitar a mi madre, lo que hago con gusto, es el único familiar que tengo y me recuerda que existo, pero me gustaría verla cualquier día, y quizás dos veces por semana, como hace años, o tres, como hace diez, pero no, solo puedo verla los martes y siempre a la misma hora, son las reglas que se establecieron debido a los virus y plagas que arrastraron con los viejos. Dicen que todos los problemas serios empezaron por ahí por el dos mil veinte con una serie de plagas que yo no vivi pero que me contó mi madre que las vivió; yo nací en el dos mil treinta cinco siete. Los problemas económicos y sociales en los que yo me crié son los que conozco, la desaparición de los Estados en el sentido democrático de los que mi madre hasta hace poco hablaba, fueron cayendo debido a la corrupción y las guerras de desinformación.

Hace un tiempo descubrí que en la ruta hacia donde mi madre, una residencia para adultos sin retorno, desde mi aeromovil, hay interferencia y no captan mi control, control de movimientos y actitudes en cabina, uno que todos cargamos. Cada vez que voy, por treinta minutos, tengo la suerte de poder dejarme ir en mis pensamientos, me cuido de que sean veinticinco para que no hayan errores, estaría en graves problemas si descubren que no declaré esto como desperfecto.

Hace treinta y ocho años, cuando yo tenía dieciocho y me invitaron al programa, era un privilegio, y también la posibilidad de salir de la miseria. Mi madre no quería que aceptara ser parte de ningún experimento, yo esgrimí los mejores argumentos y ni aún así no logré convencerla, pero tuvo que aguantarse y reconocer que fue un alivio económico importante y un cambio de status.

El procedimiento no fue largo y nada me molestó, los beneficios hicieron que me olvidara del asunto por veinte años, pero desde entonces, pienso seguido en ello y cada vez más, lo que también me produce miedo, cuestionarse un poco sobre la sociedad y los programas es permitido, pero no más de lo necesario pues se vuelve peligroso

Pienso en cuanto me gustaría encontrarla, he pasado parte de mi vida pensándolo aún sabiendo que es casi imposible. Saber como piensa, lo que hace, lo que le gusta, y hasta si vive todavía. Cuando me vienen esos pensamientos, trato de evadirlos, negarlos, de aferrarme a la esperanza de que esté viva y encontrarla. El domingo estamos libres de control, seguido en el tiempo en que tengo para revisar catálogos para encuentros de pareja o para juegos en línea, , paso el tiempo pensando en ubicarla, en como conseguir información, lo que es totalmente imposible, alguna vez seguí a alguien que podría parecerse, pero al hablarles, me miraron como si estuviera mal de la cabeza, yo misma me sentía mal porque no tenían nada que ver conmigo.

Lo que detonó esto como verdadero problema, fue que en ese tiempo tuve un pretendiente de forma espontánea, lo que era era muy raro ya entonces, porque normalmente se consiguen en línea; estaba feliz y creo que él también. Fue mi madre la que me sugirió abrir mi alma con él si sería mi pareja, a mi me pareció que todo lo que tenía para contarle era lo del programa y lo hice, de todas maneras, ya estaban colectivizando el chip y me pareció que debía hacerlo. Eso no solo lo alejó completamente, sino que me trajo otros problemas, pues desde entonces, me pusieron en un programa de terapia de interacción le llaman, haces parte de un grupo de personas que fueron parte de alguno de los programas, en realidad es para que hablemos entre nosotros, si tienes la suerte de formar pareja, puedes dejar la terapia.

Pero es extraño, todos pensamos que hay algunos pares espías entre nosotros, entonces no logramos lazos de amistad, menos aún otro tipo de relaciones, las seis parejas que se formaron en todos estos años, salieron de los grupos de terapia y no volvimos a verlos más.

Somos pocos en terapia, nos detectan por los controles, solo estamos obligados a ingresar los que hablamos del programa por algún error. Casi nadie quiere encontrarse con su par, para qué quisieran verlos, reconocerse o crear lazos, mejor si ya fueron utilizados en experimentos de cualquier tipo y ya desaparecieron. solo hablan cuando el programa se los pide. Entre los de terapia, que somos pocos, casi nadie quiere tampoco tener algún clón y menos buscarlo, es peligroso, podrías ser tú al que hagan desaparecer. Cuando mencioné mi curiosidad por encontrarla, me tildaron de loca y nació en ellos la desconfianza; pero no me importa, simplemente no lo mencioné nunca más y sigo pensando que en cualquier momento nos encontraremos. A veces, por este vacío de mi alma, hasta tengo la impresión de que ya me desaparecieron y de que soy ella, que ya tomó mi lugar. La mano ya tan débil de mi madre buscando la mía, me tranquiliza.





Homero Carvalho Oliva

Del tiempo y sus impertinencias



Del tempo y sus impertinencias

Homero Carvalho Oliva

Hoy he sentido, con más fuerza que los días anteriores, que alguien ha estado usando mi nombre, cambiándose mis anteojos, peinando mis bigotes y que ha llegado, incluso, a desempolvar mi único terno y a rogar anuden la corbata marrón que me regalaron el día que mi hermana decidió casarse por tercera vez. Con todo este abuso ya no he podido mantenerme indiferente y me he propuesto seguir los movimientos del impostor, revelar sus intenciones y denunciarlo en público al menor indicio de querer sobrepasar mi límite.

Con la esperanza de obtener una explicación que me persuada de que sólo es una jugada del tiempo y sus dimensiones, de que se trata de una superposición finita de imágenes en la que se confunden espacio, movimiento y tiempo, he estado clandestinamente observándolo. El parecido físico es imposible: o él soy yo o no me conozco y creo que así debo ser. Sonríe tan ampliamente como lo hago cuando me gusta alguna mujer. Saca el cuerpo de los problemas tan disimuladamente que el otro día, confundiéndome con el simulador, casi me atrapan distraído por observar su representación. Miente con la misma facilidad con la que enamora y hasta le he escuchado decir que mentir es un arte sólo para iniciados y si no fuera tan miope como yo lo soy, me hubiese descubierto en el instante mismo de hacerle señas a una de sus conquistas.

Sin embargo, y pese a que llegué a creer que me conocía aún antes de nacer, no pasa de ser un primitivo hombre de oficina, instintivo en el manejo cotidiano de la burocracia, pendiente de la obsesión de que su salario mensual depende única y exclusivamente de la eficacia de su labor; incapaz de molestar a alguien por motivo alguno y tan débil de carácter que si por ahí nacía mujer ya hubiese tenido la

escalera de hijos. Promete tanto que ni él se sospecha haciendo lo contrario. Es entonces que me dejo penetrar por la voz apagada de la ira y se suscita en mí un movimiento tendiente a decir algo, mientras se insinúa en mi interior el deseo de no dejar en silencio lo que mis gestos y las colillas apagadas hacen intuir, dificultades que no me son ahorradas y que soslayo como puedo, hablando del tiempo y sus imperfecciones.

Reprimiendo lo que cada mueca o cada ademán suyo levanta en mí de ese mundo turbulento y complejo de las emociones, lo he visto juntarse con mis amigos y los otros, regalar mis únicos libros, utilizar mis puntabolas para dedicarlos, plagiar mis mejores frases y pretender imitar a los clásicos como ni yo mismo lo haría. A veces abandono la persecución y trampolileo entre los cuentos de Bradbury, todo por miedo a que me encuentre acechándolo. No sé ni conozco de él como él sabe de mí, temo me deje en ridículo ante gente que aprecia su manera de vivir por mí, que festeja la naturaleza interior de su actitud y su gran capacidad de consumir alcohol los viernes, sin pareja.

Al fin... descubrí una falla en su rutina, no pudo calcarme íntegramente. Falló en lo más elemental de mis características, no usa mi primer nombre, nomás el segundo. Estuve hojeando sus papeles de sin oficio detrás de escritorio y en ninguno de ellos figura Homero, firma Antonio Carvalho Oliva y ha alcanzado el nivel supremo de los "cobra cheques" de empleado público: encargar su sello y sus tarjetas personales con el recién adquirido nombramiento de jefe.

Abierto este frágil flanco en su personalidad me introduciré en él, veladamente, para destruirlo. Porque ya estoy consciente de que soy parte de una mentira y de que se me va algo más que la sonrisa en ello.

Sin embargo, su actitud de estos últimos días me hace desconfiar, por la naturalidad con que viste mis sacos; por la seguridad con que expresa sus sentimientos, se me ocurre que lo hace a propósito, es

como si esperara que yo haga justo lo que pienso hacer. Pero todo eso tampoco me resulta suficiente y, tímidamente, queriendo avanzar en la solución a esta atrevida y cínica posesión de mis hábitos, podría decir que es mi única salida, lo que equivale a la única puerta posible para mi otro nombre.

Por ello, con el riesgo de quedar expuesto a graves cargos por lo que no hice, sin posibilidad verificable de probar ahora lo que no hice entonces, que estando aquí no estuve allí, que en ese tiempo ocupé tal espacio y viceversa, en resguardo de mi integridad física, o por lo menos psíquica, no vayan a creer si en el periódico o en una revista ven un cuento firmado con mi nombre.

(Do livro de contos *Biografía de un otoño*, 1983, Editorial Pasquín, La Paz, Bolivia)





Janaína Moreno Matias

Dupla delicadeza



Dupla delicadeza

Janaína Moreno Matias

Em algum tempo pré pandêmico aconteceu uma doidice na minha vida, eu nem sei se posso chamar assim, mais enquanto penso numa palavra que nomeia o fato, vai ser doidice mesmo. Vez por outra eu tenho por obrigação prazerosa de ir ao centro da cidade e ficar curiando a vida que acontece tão fervorosa e tão pungente como em todo centro urbano. Caminhei alguns passos, sempre observando o movimento - fomos criados para o movimento - e nada escapava ao meu olhar, ainda que eu o fizesse de soslaio. Um ou outro detalhe que aos outros parecia sem nenhuma importância, para mim, era constituinte vivo de minhas observações.

Um calor de lascar o quengo, o sol batendo a pino e, no horizonte do destino, só um lugar me atraía com azougue atraindo prego: Delícia do Mate. Lugar simples, acolhedor, umas cadeirinhas lindas, os enfeitezinhos tudo combinando com as paredes, até a tabela de preço era animadora. Um paraíso degustativo e descalorificante. Entrei, sentei e recebi de agrado uma ruma de vento das “turbinas” pregadas nas pilastras; ainda bem, porque se fossem ventiladores pequenos num espantava nem as moscas, mesmo que estas fossem pouquíssimas por lá.

Refestelada na cadeira, pedi o lanche de sempre: mate guaraná e pão de queijo. Tudo parecia correr na maior tranquilidade, parecia. O inesperado chegou. Levantei a vista e meus olhos bateram de frente com uma moça na mesa quase em frente à minha. Uma moça bem trajada, toda maquiada, arrumada da cabeça aos pés, sapatos graciosos e com alguns pacotes na cadeira ao lado da sua. O meu espanto não estava na descrição, ele estava na cara, e na cara da moça. A dita cuja era a minha imagem e semelhança.

Literalmente eu gelei, fiquei pasma; num fiquei branca não, fiquei colorida de tanto me arrepiar. Como pode ser isso? Eu e eu mesma existirem? Apesar de todos os remédios que eu tomo pra organizar a parte poema do meu cérebro, desconfio que a parte poesia começou a exorbitar. Nisso, parei de comer e fiquei olhando e maquinando um jeito de aproximar-me e falar com ela, saber se era uma pessoa real, de verdade ou eu estava tendo uma ilusão de ótica, ou surto psicótico, ou um ataque psicotrópico, ou um delírio, ou até uma alucinação climática.

Sem mais delongas, levantei com a caneca de chá e fui em direção à vítima, digo isso porque fazia parte da ideia derramar o conteúdo da caneca na minha “réplica”, digo, na moça que era talqualmente à minha pessoa. Executei o plano. A elegante moça olhou para mim, assim como quem queria dizer uma carrada de impropérios e mais uns caixotes de tantos outros só para descarregar a raiva. Nossos olhos se encontraram neste burburinho todo, senti que ela também foi impactada pela nossa semelhança e levantou-se com olhos ainda fitos em mim. Pode ser que achou tudo aquilo muito estranho, no entanto, desdenhou de mim e antipaticamente educada pegou um guardanapo e começou a limpar-se.

Pedi mil desculpas pelo incidente e na tentativa de ajudá-la, ofereci-lhe mais guardanapos e nisso criei coragem de falar mais diretamente: - Moça, veja só como somos parecidas. Notou? Tomada pela coincidência de nossa aparência, a então agora [*eu mesma*] toda encharcada de mate guaraná parecia estar bem mais preocupada com as suas vestes e aparência do que a infeliz coincidência de parecer com uma pessoa que lhe deu um banho de mate gelado. Então olhou para mim com os olhos de jararaca e disse em tom peremptório: - Preste atenção ao que está fazendo, que coisa desagradável, patética.

Escutei aquilo achando ruim e com a natureza fraca, baixei a vista e veio uma vontade quase que desenfreada de quebrar a caneca do mate na cabeça dela; refuguei e emendei: — Não fiz por maldade, foi

o destino. Esse nosso encontro, hoje, com hora e data marcada por ele para nos conhecermos aqui, neste lugar que, ao que parece, nós duas temos o gosto meio parecido, além de nossa aparência completamente igual. A moça enfurecida, replicou: - Destino? Acaso? Seja lá o nome que você dê a quem planejou ou permitiu tal acontecimento, saiba que não foi nada agradável e que não estou nada feliz em conhecer uma pessoa que se diz parecida comigo e que ainda por cima é uma completa desastrada e inconveniente, me sujou com todo esse chá.

Procurei a caneca de vidro e remói o pensamento de que como é difícil privar o outro da nossa agressão; minha gente, é difícil, difícil, difícil mesmo. Deixe a caneca pra lá, e disse para mim mesma, sem ser a outra molhada de chá. Eu acho que nasci de 'trevesa', eu numa maior felicidade por encontrar uma outra de mim nesse mundão de meu Deus, uma alegria tamanha por poder ver uma quase eu mesma de um outro ângulo axiológico. Taí! A excomungada vem pra cima de mim com uma arrogância maior do mundo, me desqualificando, me descompondo em público, somente por causa de um pingo de chá mate que molhou a roupa dela num quase sem querer meu. Eu mereço. Confesso que tive de dar uma mãozinha ao destino, mas a moça, sem ver e nem pra quê, deu um chique desses, tenha santa paciência.

Quer saber? De santa eu não tenho nada, e de paciência perdi o resto. Olhei pra moça, pedi-lhe que esperasse um pouco, fui ao balcão, pedi uma garrafinha de água e paguei a conta. Enquanto isso ela ficou resmungando e se limpando, ajeitando as sacolas, arrumando os cabelos e se enxugando toda, em canto até onde num foi molhado. Toda cheia de trejeitos, mugangas e não me toques. Sentou-se e ficou procurando o celular. Como é que pode uma outra de mim ser tão besta? Como é que pode uma outra de mim dar importância a coisa tão banal? Voltei com a garrafa na mão, tirei a tampa, olhei para a moça e disse: — Ei, moça, me desculpe viu, mas ainda não completei a minha "delicadeza". Derramei a água todinha na cabeça dela e desejei-lhe um bom dia!





Márcia Batista Ramos

La última semana



La última semana

Márcia Batista Ramos

Los dos hombres estaban un poco nerviosos. Una especie de malestar se percibía en el aire. Frente a frente, repitiendo las expresiones faciales uno del otro, era como mirarse al espejo ya que eran idénticos y en ese momento, trataban de esclarecer lo que les había ocurrido.

No sabían desde cuándo estaban juntos en la misma casa y con las vidas mezcladas, qué había pasado y porqué; decidieron recordar los sucesos de la última semana:

— La luz del día lunes traspasó las cortinas. Abrí el ojo izquierdo, tomé conciencia del nuevo despertar y luego abrí el ojo derecho. El día estaba frío bajo el cielo azul de esmalte fundido de Oruro. El control remoto de la televisión al alcance de mi mano, apreté el botón para empezar la nueva jornada. Parece que el control de la tele es quien me controla cada día, ya que siempre hago todo en la casa con la tele prendida.

— *De domingo para lunes yo no dormí toda la noche. No entiendo desde cuándo estamos juntos... La verdad no me gusta la televisión, siento que ella al igual que tú, invade mi espacio. Las imágenes, el cambio de colores, el sonido aumentando automáticamente, todo, me perturba. Y para ser sincero, tú me perturbas más.*

— Agua chorreando... Yo estaba dándome una duchada rápida, casi mecánica... A fuera la bocina del radio taxi que recorre el vecino a cada mañana. Casi nunca me encuentro con el vecino, pero, sé que está vivo porque escucho el bocinazo del móvil que le recorre a la misma hora día tras día.

— *Me gusta bañarme con agua muy caliente, durante 45 minutos a una hora por lo menos y eso hice lunes por la mañana. Entiendo que la vida tiene muchos ruidos, pero no puedo identificar mis vecinos, por*

eso. Yo no podría garantizar que el vecino sale a la misma hora porque un taxi le recoge y bocina. Puede ser que el taxi recoge la enfermera que le cuidó toda la noche. El hombre puede estar enfermo a mucho tiempo, tal vez, lisiado... Eres idéntico a mí, pero no percibimos el mundo de la misma manera.

— El vecino es un hombre solitario y triste, de extraño mirar. Es solterón y tiene una empresa de algo relacionado con minerales, trabaja mucho, dicen que tiene mucho dinero, cuando muera sus sobrinos van a aprovechar. De seguro vendrán de La Paz, para pelear por la herencia, ahora no aparecen para visitar al hombre que está avanzado en los años y seguramente se siente solo. Es siempre así, la gente se mueve por la herencia, parece que ya no existe cariño.

— *No sé porque insistes que el vecino está solo, que nadie lo visita. Tú no lo ves y pretendes saber sobre su vida. Tal vez, y es muy probable, que sus sobrinos le estén acompañado, que él ya no trabaje por el avanzado de los años y algún sobrino esté atendiendo la empresa y salga temprano en el radio taxi. ¿De dónde saliste? Por favor, dímelo.*

— Es de lógica que las herencias tienen importancia. Acortan el camino, proporcionan bienestar sin sacrificio. Es bueno avanzar sobre ruedas en los largos caminos de la vida, sin el esfuerzo que experimentan los desdichados que no son herederos de nadie.

— *Hasta donde recuerdo fui desheredado. Eso no me hizo inválido, supe trabajar y forjar mis bienes... Y ahora estás aquí, pretendiendo vivir mi vida.*

— ¡Mi vida! Si fuéramos cubanos y viviéramos en la isla, estaríamos arruinados. Nada que heredar de nadie. Todo del Estado. El trabajo sudado de toda la vida que no alcanza para comprar nada y la propaganda que dice que trabajar hace feliz al hombre. Es tanta propaganda que muchos creen. Por lo menos allá, no existen las peleas judiciales por las herencias. Vaya, vaya... ¡Complicado ese mundo cruel!

— *Hablas en plural, como si fuéramos hermanos, parientes, siameses... No entiendo, de dónde surges. ¿Por qué la profunda similitud y cercanía? Hurgué tus bolsillos mientras dormías el sueño de los justos, vi tus documentos...son los míos. No hay ninguna diferencia.*

— Recuerdo el agua hirviendo, día lunes... El hervidor eléctrico chino, reemplaza la antigua caldera, mientras el Estado hace conexiones de gas domiciliario para que todos ahorren energía, son las contradicciones del cotidiano. Los productos chinos invaden nuestras vidas. Todas las semanas los camiones entran con la mercadería de contrabando, por los caminos antes polvorientos, ahora asfaltados, de la frontera con Chile. Existe "charle" para que la mercadería ilegal ingrese en los días martes y jueves, también para los días lunes y miércoles, sábados y viernes. Domingos no entran camiones en caravana trayendo contrabando desde el puerto chileno, porque en los días domingo no hay "charle". Domingo se respecta... Domingo es día del Señor.

— *¡Te dije que no sé de dónde surges!*

Y me hablas de contrabando. De la frontera y del asfalto. Cambie el tema, por gentileza.

— Pretendes usurparme la vida y quieres que sea en tus términos. La vida de por sí es melancólica, pero, en la tele parece ser más emocionante, la muerte se mezcla a un bloqueo y a otras desgracias, mientras las propagandas prometen felicidad que uno puede comprar y beber. Es tanta propaganda que muchos creen. En el mercado de la vida no se puede comprar felicidad... O se es feliz o no. No existen medias tintas en ese negocio de felicidad. No se trata de destapar la botella y caer en un mar de felicidad. Definitivamente ser feliz es otra cosa. Y a mí no me importa de dónde vienes. Pero, te irás.

— *Me explico, no sé quién eres. Tampoco sé, que hacemos aquí juntos. No te conozco. Además, no entiendo la similitud que tenemos. Estás metido en mi casa, en mi trabajo... en mi vida.*

— Salí para mi trabajo casi como un autómatas... Afuera de la casa el agua que goteaba en el jardín, se congeló formando figuras. La escarcha, había plateado el pasto del jardín. El frío está fuerte, la Virgen blanca sobre el cerro contrasta con el cielo azul de esmalte fundido. Es bonito. Parece que la imagen de la Virgen bendice a todos. Por eso, seguramente, el encargado de la crónica roja del periódico local, no lava sus manos con la sangre ajena y solamente escribe sobre la tragicomedia de los pequeños equívocos de los vecinos. Ojalá la Virgen siga bendiciendo a nuestra tierra y a nuestra gente.

— *Por favor, no me hables de la Virgen o de los vecinos, hálame de nosotros. Yo no sé desde cuándo estamos ocupando el mismo espacio... No recuerdo cuando llegué o cuándo llegaste. Tampoco, no sé de dónde vine o viniste o vinimos. Te miro y es cómo se me mirase a mí mismo. Pero, hablas demasiado de cosas que no me dicen respecto... Yo no pienso como tú.*

— El mundo está cambiando para peor. Todo anda mal, hasta el clima ha cambiado. Los desórdenes climáticos cobran protagonismo en el noticiero, haciendo competencia con la lucha anticorrupción que asombra a propios y extraños.

— *¿Ves, me hablas todo lo que quieres sin escuchar lo que estoy diciéndote? Acordamos que haríamos un recuento de la última semana, para esclarecer nuestra situación y ahora, tratas de evadir con información televisiva. ¿Por qué no escuchas?*

— Te escucho, pero en la oficina el día se desarrolló como siempre, todos muy silenciosos atentos a sus ordenadores, con mucho trabajo mezclado a los mensajes en Facebook. Pedí permiso para la cita con el médico a las cuatro porque tú la marcaste sin avisarme.

— *Por lo menos escuchas... No estás sordo. No tengo porque avisarte nada. ¿Dime tu nombre real?*

— El Facebook representa la mitad de la vida que faltaba a muchos. La vida movida, con estilo y muchos amigos. Todos dirigiéndose a un invisible auditorio, celebrando con cacareos sus propias y misteriosas ocurrencias. La tecnología disminuyendo la brecha entre el ser humano y la soledad. Puesto que la tecnología proporciona la ilusión de que todo anda bien en el mundo de las apariencias disminuyendo en gran medida los momentos lúcidos, aniquilando los abrazos verdaderos. Yo soy tú. Así de simple. Soy tú lado más lúcido.

— *Por hablar en lucidez, dime: ¿qué me pasa, porque no quieres hablar de lo que nos pasa?*

— En la pared de la antesala del médico había una propaganda de un laboratorio. En la antesala del médico todos hurgando sus celulares chinos con wi-fi. Acceso al face con mirada ceñuda, como invisibles merodeadores del firmamento. El wi-fi es el acceso a la ilusión de que los miles de amigos sienten algo por ellos. También, para muchos, representa la posibilidad de caza. Cazar un momento de sexo o una pareja para ahogar la soledad. También representa el resultado de una mano mayor que planificó la vida robotizada para los seres humanos: los sacó del campo y los encerró en jaulas (los departamentos), ahora los adiestra para no salir de esos espacios...

— *No entiendo el motivo para que no respondas. Eres un usurpador.*

— El médico tenía ojos grises de mirar lento; me atendió con mucha atención. Tanta atención en su trabajo para distraerse de sus propios miedos. Ya me comentaron, sin que yo hubiera preguntado algo, sobre la vida personal de mi médico. Sé que no es feliz... Es que, de alguna manera, sobradamente, todos nos conocemos, en una ciudad chica el infierno es grande... El médico frunció los labios como si fuera a silbar pensativamente, después, alzó los ojos bruscamente y me pidió varios estudios, necesitare dos días de permiso de mi trabajo para hacerlos. Tú eres el usurpador.

Después, de la consulta vine directo a la casita. En el camino, por la calle 6 de agosto, me saludó Paula, la amiga del colegio; ella se examinó las manicuradas uñas varias veces mientras paró para hablar un poquito. Está muy demacrada. Los años no pasan en vano, para nadie. Pero, para ella pasaron siglos bajo el firmamento, esculpiendo una máscara en su rostro.

Paula, siempre fue muy alhaja. Creo que todos los que la conocimos no olvidaremos su belleza y los que no la conocieron en sus buenos tiempos, no podrán imaginársela. Hace un par de años el marido la dejó por otra y eso la torturó al inicio, ahora es la decisión de encontrar a un nuevo marido el motivo que la tortura. Anda estresada buscando pareja online. Comentó que tiene algo que comienza a roerle los nervios. A veces se despierta en medio de la noche, sobresaltada, y se sienta en la cama tratando de detectar la causa que la ha arrancado de los sueños para trasladarla, a través de una nube de horribles pesadillas, al estado de vigilia. Le sugerí que visité a nuestro psiquiatra. Tal vez ella no asimila que la vida es una sucesión de altibajos, que no hay que dar mucha importancia ya que acabará de cualquier manera.

— *¡Por Dios! ¿Qué te pasa? Hablas de Paula, ¿Mi compañera de clases, mi amiga? ¿Qué te pasa? ¿Te apropias de mi vida? ¿Qué pretendes?*

— Mucha gente se conoce vía online, después marcan citas y terminan juntas. Ese espacio de encuentros se está tornando cada vez más importante. Prefiero el encuentro personal, mirarse a los ojos, sonreír y esas cosas que pasan desapercibidas en un encuentro por internet, como sudar la mano.

— *¡Por favor, escúchame! ¡Resolveremos eso! Uno no puede ser el otro. Existe alguna equivocación. Tenemos que aclarar, debe ser un mal entendido.*

— El stress de Paula, quizás sea por falta de conversación personal... Demasiado chat y pocas palabras matan lentamente. El stress mata. Es un veneno en el alma que destruye el cuerpo. Te escucho, estás estresado... No quieres admitir que somos el mismo, que, de alguna

manera, por algún motivo, ajeno a los dos, nos desdoblamos en algún momento. Lo único que espero, es que volvamos a unirnos, porque para mí tú representas una carga insoportable. No eres normal.

Nuestra sociedad, en su conjunto, sufre por el stress económico, en la búsqueda de mayor calidad de vida. Todos quieren adquirir los bienes, que, según las propagadas, mejora sus vidas y el mercado de consumo es inmenso, cada día tiene nuevas propuestas, por otra parte, el dinero no alcanza para todo, eso genera frustraciones. Las frustraciones generan stress y el círculo vicioso se incrementa como una espiral y no para. La propaganda invadiendo las mentes modernas, creando necesidades y frustraciones en sus vidas. Tú no sabes cómo lidiar conmigo y eso te estresa. No sabes que podemos seguir la vida con normalidad, porque somos el doble uno del otro. Siempre estoy en mi soliloquio, mismo cuando hablo contigo porque tú estás empecinado en querer saber cuándo surgimos sin disfrutar de mi presencia y compañía.

¡Estás loco!

— *¡No estoy loco!*

— No, no estás loco. Tienes sueño no dormiste a noche. Piensas mucho. Descansa, después hablaremos. Te miraré.

...

— *¿Sigues ahí? ¿Puedes recordar el día martes? Algo, ocultan los días, vamos encontrar la clave para dilucidar nuestro problema.*

— Dormí de un solo tirón. Un goteo irritante en el grifo del lavaplatos me despertó en la mañana, era martes que parecía envuelto en una luz extraña... No quiero contar el tiempo, pero, el tiempo se viene sobre mí. El goteo irritante me despertó y me obligó a levantar para cerrar el grifo. Mi culpa. No cerré bien el grifo por la noche. Tu jamás siente culpa. Porque no te sientes responsable por nada. Entonces yo asumo todo.

El doctor Silva, el psiquiatra, me dijo que no me culpe, ni por los grandes, ni por los pequeños errores. Habló que debo extirpar la expresión “mi culpa” del vocabulario. Que debo entender y aceptar mis decisiones de cada momento, ya que soy sumamente libre para decidir, asumiendo las consecuencias de mis decisiones, ya que cualquier cosa que yo elija conlleva a una consecuencia. Entonces pienso que no puse atención al cerrar el grifo del lavaplatos por la noche y por eso se quedó goteando, como la tele estaba encendida no escuché el tac- tac irritante, en la cocina. O tal vez aumentó la presión del agua por la mañana y... ¿Qué importa? No es mi culpa. Sucede. Estamos bien. Eso es lo que importa. Estamos bien... como suele decir el doctor.

— *Estamos mal. Tenme en cuenta. Estamos mal...*

— Día martes salí de la ducha al laboratorio sin desayunar, arranqué una pizca de aire y la mordisqueé melancólicamente; era temprano y era difícil parquear la movilidad en las calles del centro, en todo lugar es prohibido estacionar. Igual parqueé el auto frente a una placa de prohibido estacionar. La asistente laboratorista me preguntó con lenguaje suave y trato halagador los síntomas que me llevarán al médico. El silencio de la salita aumentó, por el interés de los presentes en mis posibles explicaciones. Me enojé. Lo que realmente me molestó fue el hecho de que preguntara cosas privadas en público, siendo que a ella realmente no le importa. Ni le hace falta saber para realizar los análisis. Le dije que la consulta ya la hice con el médico y que tenga la gentileza de remitirse al requerimiento médico y hacer su trabajo.

La falta de ética profesional es algo bárbaro. La falta de ética profesional responde al estado de anarquía en que se vive actualmente. Todos piensan que sus derechos están sobre el otro. Se vive sin respeto. Eso es indigno e indignante.

— *Por favor, empiezo a pensar que tú eres un reflejo paranoide de mi propia mente. No puede haber un doble, además, tan intenso que entre a mi casa, que vaya a mi trabajo y mi a cita médica, mientras yo me quedo mirando al techo en busca de respuestas a esa situación tan embarazosa.*

— Me encuentro en cada circunstancia embarazosa, solamente porque existo. Existir presupone relacionarse. Tropiezo con la indiscreción ajena y las ansias que tienen de interiorizarse en mi vida. No creo que yo ejerza algún fascino particular. Se trata sencillamente de llenar sus vidas vacías con asuntos referentes a otros. No es por mí el interés real. No soy yo. Son ellos y sus huecos... Pero, contestando a tus insistentes interrogantes: uno es el doble del otro. No puedo recordar desde cuando estamos juntos y no sé qué hacer con alguien tan deprimente a mi lado, que solo piensa y habla sobre lo mismo; logras mirar al techo día y noche con la incógnita shakesperiana: ser o no ser. Mientras la vida pasa, irremediamente. Tal vez, somos clones. Tal vez, somos resultado de un experimento genético para producir personas idénticas. Tal vez, estamos siendo vigilados, todo el tiempo monitoreados... Solo, tal vez...

— *¡Por Dios! Si no eres sordo cuéntame tu sueño de la noche del martes, luego contaré el mío. Sé objetivo, por una vez, solo una.*

— Por supuesto, empecé a pensar en nuestra familia y dormí profundamente. En mí sueño estuve cruzando un río de aguas turbias justo a la mitad, desperté y era día miércoles. A las once debía estar en la clínica. Pero no importa. Fui a la casa de Marina primero, para que me diga el significado de mi sueño mirando en los naipes. Tal vez ella podía evitar que me pase algo malo. Sus cartas son diferentes, parecen hechas para un juego de niños, pero siempre sorprenden. Pensé en la espera ritual que hay que hacer en su puerta, mismo siendo puntual. Es igual que ir al dentista. Uno espera ansioso... La diferencia es que la antesala es la acera bajo el sol, con polvo, carros, perros del vecindario; y los conocidos que se

incomodan por saber que sabemos que ellos también creen en esas cosas de videncia y otros mundos. Quien no cae en casa de Marina, resbala... Yo la visito con asiduidad, no lo hago más a menudo, porque ella desaparece de vez en cuando, como se si evaporara. Se queda incomunicada. Tal vez, viaje a otra dimensión o algo parecido. Ella no debe ser de ese planeta... ¿Qué soñaste?

— *Soñé que me quedé sin pareja después de tantos experimentos. Eso es insólito. No pensé que sería así. Siempre consideré que encontraría a alguien más. Pude comprobar tangiblemente que no siempre existe una sandalia vieja que se ajuste a un pie chueco. En mi sueño yo tenía una mano en el control de la tele. Tomaba duchada rápida, veía al hervidor chino con la luz encendida, luego apagada, tomaba desayuno mezclado al noticiero... Al despertar, preparé jugo de toronja para los dos. Tu parte está en la jarra.*

— Sabes, todo es ilusión. No sé para qué compraste tanta cal y apilaste en el jardín.

— *Todo es ilusión, pero la nuestra está durando demasiado. Pretendo verter la cal al pozo séptico que está inutilizado en el jardín. Cuéntame del día jueves, por favor.*

— Probaré tu jugo de toronja, nunca haces nada para mí. Después, me contarás tu versión de la última semana. Te cuento que jueves amaneció con paraguas. Un día gris. Lluvecita menuda y fría penetrando hasta los huesos, hasta el alma. Levanté, desperezándome. En medio a tanta propaganda las noticias sobre el agua: agua corriendo en los techos y aceras; aguacero inundando a muchos lugares; sequía en otros. Es el agua marcando el compás de la vida. La lluvia enfriaba más el aire, normalmente frío. Era una húmeda mañana fría como en invierno. ¡Carácter! Quería quedarme en cama, pero, yo debía volver a la oficina. No siempre hacemos lo que queremos. Normalmente hacemos lo que podemos y eso es horrible. Lo que queremos, independiente de lo que se trate o a cuál aspecto de nuestra vida corresponda se queda postergado de alguna manera y tenemos que lidiar con la frustración una y otra vez irremediabilmente.

El viernes la bocina de un radio móvil me despertó de un susto, precisamente cuando soñaba que subía unas gradas miraba más arriba y veía una mujer que me decía algo. No logré retener lo que ella me decía, me advertía de algo. Sentí caerme en mi propio cuerpo. Que feo despertar así. Afuera el día viernes extendido sobre la ciudad, produciendo la sensación de serenidad y calma. Hoy sábado, hay sol y cielo azul, alguien dijo que no existe sábado sin sol. ¿Qué colocaste en el jugo de toronja? Me siento algo extraño...

....

— *Agua hirviendo en la cocina. Un ojo puesto en la jalea de ciruelos, otro en el queso. Oídos atentos a las noticias de la tele. Nadie se dará cuenta que ya no estás. El pozo séptico en desuso en el jardín, es una excelente tumba.*





Nathaniel Diggory

Meus olhos alaranjados



Meus olhos alaranjados

Nathaniel Diggory

Minha mãe me contava uma história. Quando eu era pequenino, um bebê de colo que só sabia mamar, chorar, dormir e fazer cocô, apareceu uma raposa em nosso quintal.

Ela não estava sozinha. Uma trilha de filhotes a seguia, mamando sempre que a fêmea parava. A raposa andou pelo quintal, cheirando alguns brinquedos dos meus irmãos espalhados pela grama. Ela se abaixou para fazer xixi, mas os filhotes não se afastaram.

Minha mãe observava a cena do pequeno deck de madeira do lado de fora da cozinha. A plataforma era estreita, mas cabiam duas cadeiras para observar as crianças brincando no quintal. Se alguém caísse, era só descer alguns poucos degraus para prestar socorro.

Minha mãe ficou imóvel. Ela estava sentada em uma das cadeiras (a da direita, ela lembra, a mais próxima da escada), me dando de mamar. Quando a mãe raposa percebeu a presença dos dois humanos no quintal, ficou bem parada, analisando quão perigosos éramos para ela e seus filhotes. As crias imediatamente se jogaram embaixo dela em busca do leite, e minha mãe observou um filhote menor, atrasado, lutando por uma teta.

Mulher e raposa travaram olhares, cada uma amamentando a própria cria, e pareceu que chegaram a um entendimento silencioso. O animal foi embora junto com os filhotes, e minha mãe continuou sentada.

Ela nunca deixou meus irmãos terem um cachorro. Ela queria que nosso quintal fosse um porto seguro para os pequenos canídeos vermelhos. Honramos seu desejo até depois de sua morte.

•

Meu pai me contava uma história. Era uma história em que meus irmãos, ambos mais velhos e mais agitados do que eu, perderam o interesse rapidamente.

Éramos crianças. Eu era o menor, o mais fraco, o mais lento. Ainda assim, eu lutava com afinco pela atenção dos mais velhos, a quem eu via como deuses na terra. Eles eram tão *legais*, comiam mais do que eu, iam em aventuras com os amigos da escola, e simplesmente eram mais altos.

Meu pai sempre supervisionava nossas brincadeiras no quintal, exatamente porque ele sabia que os dois filhos mais velhos podiam, em um momento de crueldade infantil, se virar contra o menor e começar a judiá-lo.

E lá estávamos os três, correndo pelo quintal, nosso pai observando tudo da cadeira no deck. Começamos no pega-pega, mas no meio do caminho meus irmãos viraram vilão e mocinho, mocinho e mocinho, vilão e vilão, monstros radioativos, lutando de mentirinha entre si e contra outras coisas (o muro, uma bicicleta virada, o cesto de roupas vazio). Já eu, fui renegado ao escudeiro irritante e fiquei tentando acompanhá-los em suas correrias pelo quintal. Só tinham dois cabos de vassoura que serviam de espada, porrete, lança, bandeira da pátria. Eu ficava balançando as mãos atrás deles, tentando participar, mas meus infelizes esforços físicos não eram o suficiente para quebrar a barreira de idade entre nós.

E assim, de repente, nosso pai se levantou da cadeira, que arrastou no chão de madeira atrás dele com um barulho tão súbito que meus irmãos pararam de rugir como animais e olharam para ele. Nosso pai estendeu o braço para a frente, indicando que não nos mexêssemos, e colocou o dedo indicador da outra mão na boca, para ficarmos quietos. E se virou para a cerca.

Três raposas estavam em um montinho perto de uma tábua fora do lugar da cerca. Elas eram um embolado de pelos vermelhos, patas para todo lado, focinhos e dentes. Em um pulo, as três se separaram e começaram a correr uma atrás da outra.

Elas estavam brincando. Eu e meus irmãos ficamos juntos, de pé, olhando os animais. Duas das raposas dispararam na frente, perseguindo uma à outra. A que ficou para trás era visivelmente menor, e soltou um latido para as outras. Depois de ser ignorada, começou a perseguir as outras duas, mas não conseguiu alcançar os dois borrões ruivos.

O animal tentava cortar caminho para alcançar a dupla, mas não conseguiu chegar perto. Ele era muito pequeno e magrelo comparado aos outros, mas nunca desistiu. Até que, tão rápido quanto surgiram, as duas grandes raposas sumiram pelo mesmo buraco na cerca. A menor deu mais um latido e olhou em volta, desorientada, percebendo que estava sozinha.

Seguramos a respiração. Ela era um animal selvagem, por isso, imprevisível para nós. Não queríamos assustá-la e separá-la das outras. Então, ouvimos um chamado. Dois latidos finos, alternados, e então duas cabeças rubras apareceram no buraco que nunca seria consertado. A pequena raposa deu um pinote, correu atrás dos irmãos, e sumiu no buraco.

Tudo acabou tão rápido quanto começou, e eu e meus irmãos falamos das raposas por três dias sem parar.

•

Meu irmão gostava de contar uma história toda vez que saíamos juntos, normalmente na presença de outras pessoas, normalmente em um bar.

Eu sempre fui um garoto franzino; menor, mais quieto, e mais educado do que os outros da minha idade. Então, quando entrei no fundamental II, não foi surpresa que fui o primeiro a apanhar dos valentões. Eu tentei fazer amizade com eles logo no primeiro dia de aula e os garotos grandes até me deixaram ficar no grupo, mas assim que saímos do prédio no final do dia, fui chamado de “veadinho” e jogado no chão.

Não posso dizer que, como o irmão mais novo de três, nunca tinha apanhado. Mas os garotos da minha turma fizeram um verdadeiro estrago, e eu já estava chorando antes mesmo de os garotos se afastarem. Isso me rendeu uma nova surra e novos xingamentos.

Quando os meninos finalmente se afastaram, deram de cara com meus irmãos, que estavam me procurando e resolveram ir até algum lugar mais vazio em busca do pobre irmão mais novo. Eles me viram estirado no chão, chorando, a mochila aberta e os conteúdos espalhados. E quatro garotos se afastando, rindo.

Nenhum garoto de 12 anos é páreo para alunos do ensino médio. Então, quando meus irmãos seguraram um garoto pela frente do uniforme em cada mão, os agressores começaram a se debater e gritar desculpas e que, na verdade, eles não tinham me enchido de porrada, era tudo um engano.

Eu não parava de chorar. Meus irmãos já tinham aprendido, muito tempo antes, que uma vez que as lágrimas começavam a cair, elas não acabavam. Meus irmãos gritavam com os garotos, exigindo explicações e cuspiendo ameaças (porque, afinal, só eles tinham o direito de bater em mim). De repente, eles se calaram. Meus colegas de sala continuaram a se debater e resmungar, mas os mais velhos sibilaram para que eles calassem a boca.

Um deles chamou meu nome. Levantei a cabeça devagar, e vi todos aqueles meninos me olhando com atenção. Olhei para o lado. Ali, deitada no chão, uma raposa se lambia.

Ela parecia um pouco acabada. O pelo rubro estava molhado e um pouco sangrento, um pequeno pedaço da orelha faltava, e ela lambia uma articulação da pata da frente. Congelei. Apesar de ouvir as histórias da família, aquela era a primeira vez que eu me lembrava de encontrar uma raposa. E ela estava lá, ao alcance da mão. Mas fiquei imóvel, uma habilidade comparável a qualquer fotógrafo do Natural Geographic, enraizada na minha mente por minha mãe. Meus irmãos também sabiam o que estavam fazendo. Não íamos perturbar a raposa.

Ela estava ocupada lambendo as feridas. Parecia recém-saída de uma briga. Seria por causa de uma fêmea? Ou seria porque aquela pequena raposa irritou uma raposa maior ou mais velha, que decidiu ensinar-lhe uma lição? De qualquer jeito, ficamos a observá-la. Minhas lágrimas lentamente pararam de jorrar.

Perdi a noção do tempo vendo o animal se limpando, logo ao alcance da minha mão. Por um momento, ela virou o rosto na minha direção e olhou em meus olhos com grandes írises alaranjadas. Encarei seus olhos inteligentes que pareciam querer me dizer alguma coisa. O feitiço foi quebrado quando uma candidata a namorada de meu irmão apareceu e chamou pelo nome dele. A raposa se levantou e saiu correndo.

Ela virou uma esquina e desapareceu.

Meus irmãos deixaram os garotos todos roxos e não fui mais incomodado.

•

Minhas filhas gostavam de ouvir uma história quando eram pequenas. Eu a contava assim:

“A sua mãe era uma pessoa muito difícil. Eu fazia tudo o que podia pra ela me dar bola, mas ela gostava de brincar de gato e sapato.”

Era nesse momento que minha esposa me interrompia e falava: “eu precisava saber se você estava falando sério, você não passava muita firmeza na época!”

Eu a ignorava e continuava a história: “daquela vez, estávamos em um parque. Eu estava quase *perseguido*, literalmente *correndo atrás* da sua mãe, que andava com aquelas pernonas dela tão rápido que era impossível de acompanhar. Naquele dia, eu estava preparado, levei até um buquê de flores para ela, para provar que eu estava sério sobre minhas intenções de namorá-la.”

“Depois de muito insistir e implorar, eu finalmente alcancei sua mãe e começamos a andar lado a lado! Mal sabia eu, mas ela já tinha caído no meu charme irresistível!”

Minha esposa cruzava os braços e protestava: “também não é assim, eu fiquei com pena de você, todo esbaforido! Você era tão magrinho, vai que a sua pressão caía lá no meio do parque!”

Eu piscava para as crianças e sussurrava: “charme irresistível!”

Elas caíam na gargalhada e repetiam: “charme irresistível! Charme irresistível! Charme irresistível!”

Eu chamava a atenção delas, rindo, e voltava a contar: “e então... assim... de repente... sozinhos no parque... BUM! Duas raposas passam correndo pela gente!”

E as duas arregalavam os olhos e sacudiam as mãos no ar, agindo como se não me pedissem essa história dia sim, dia não: “duas raposas, papai! Duas raposas! E o que elas fizeram? O quê? O quê?”

Eu fazia suspense, apesar da minha mulher reclamar que deixava as meninas agitadas: “elas apareceram... correndo... e... continuaram correndo! Tá bom, não era uma corrida, de fato, mas uma perseguiu a outra! A fêmea, na frente, fazia xixi aqui e ali, e o que corria atrás dela, o macho, saía correndo para cheirar qualquer cheiro dela! Aquilo, meninas, nada mais era do que um encontro de raposas! O macho estava mostrando suas intenções, indo atrás da fêmea, cheirando o xixi dela, fazendo xixi para ela cheirar... tudo pelo amor! Ele queria uma companheira para o resto da vida, e ela queria um bom pai para os seus bebês raposas! E assim eles continuaram, nessa dança de cheiros, de olhares, e eu sabia, eu repito, eu *sabia* que a fêmea ia aceitar aquele macho! Por quê? Porque quando ela olhou para trás, para o animal de pelo tão vermelho quanto o dela, ela pareceu sorrir e em seus olhos brilharam: *ele é meu. E eu sou dele*. Há! E sua mãe fala que eu não sou romântico!”

As meninas agarravam meus braços com rostos aflitos: “e então, papai? O que aconteceu depois?”

Elas já sabiam essa parte da história, mas era a favorita delas: “e então, tão rápido quanto apareceram, elas foram embora. Se enfiaram no mato para continuar com seus assuntos românticos de raposas. Mas, logo antes de sumir, o macho se virou para trás, e ele não tinha um pedacinho da orelha. Ele me olhou com seus grandes olhos alaranjados por um momento, e nós sabíamos! Estávamos na mesma situação, eu e ele. Correndo atrás das mulheres das nossas vidas, sendo testados por elas, mas sem nunca desistir...”

•

Tenho uma história que é contada apenas raramente. As meninas já estavam um pouco maiores, e resolveram brincar de “chá da tarde”. A presença de todos no quintal era obrigatória.

Brinquedos estavam espalhados por tudo, mas os mais queridos (assim como os seres humanos) se sentavam em cima da toalha de piquenique, comendo bolinhos imaginários e bebendo chá de mentira. Engajávamos em uma conversa sobre a alta sociedade com os ursos de pelúcia, uma família de nobres com grandes ligações (genéticas e de amizade) com a Rainha da Inglaterra.

O papo era sério, e variava entre fofocas e elogios à comida. Claro, eu e minha esposa não ousávamos rir, mas tenho que admitir que toda a situação era divertida, um momento em família que se tornaria mais raro conforme o tempo passaria.

Ouvimos os latidos e ganidos antes de vê-las. Imediatamente congelei, porque minha mãe me ensinou bem. Minha esposa, que sabia das histórias, chamou as meninas para perto dela. Sentaram-se as três, bem quietas.

As raposas vieram como pequenos furacões rubros. Eram cinco: uma pequena ninhada de três filhotes que corriam e atacavam um ao outro, o macho e a fêmea. Os pais supervisionavam a ninhada, parados perto do buraco da cerca por onde entraram. Os filhotes, agitados, latiam uns para os outros e pulavam nas costas do mais próximo, brincando de brigar.

A mãe não parecia mais dar leite, mas observava a nós e à cria com um olhar feroz. Já o pai...

Olhava diretamente para mim. Seus olhos alaranjados deixavam escapar a sinistra sabedoria dos animais selvagens, que reconhecem a sua existência como a espécie dominante do planeta, mas que sabem que são espiritualmente superiores a nós. O animal era um pouco magro, e lhe faltava um pedaço da orelha. Mas seus olhos eram poços de mel sangrento, mais escuros que o pelo. Inteligentes, severos, tão cientes da situação quanto eu.

Uma das meninas espirrou. A fêmea gritou para os filhotes e correu na direção deles. Minhas crianças estão em perigo. Ela apressou-os para o buraco por onde entraram enquanto os protegia com o próprio corpo. O macho se virou e saiu correndo na frente.

E foram embora.

•

Tenho uma história que não será contada a ninguém, porque já não há ninguém do meu lado.

Minha respiração falha, rasa, e o barulho dos equipamentos grudados em mim é o que me acompanha dia e noite. UTI humanizada, até parece. A essa altura, é a tecnologia que cuida de mim.

Tenho um pequeno vislumbre do mundo exterior pela janela à direita. Hoje, o dia está ensolarado, o céu tão azul que dói a vista. Algumas nuvens gordas e brancas passam, vagarosas.

O quarto é estéril, feio, simples, branco e bege e amarelo pastel. Não há flores na mesa de cabeceira. Aqui dentro, sou a única coisa que não pertence ao hospital. Por pouco tempo. Porque ele se aproxima.

Um movimento na janela. E o vermelho corta o céu azul.

Sentada no parapeito da janela, a raposa olha para dentro do quarto. Para mim. Sempre mais magro, menor do que os outros. Ainda assim, bem-sucedido nas coisas da vida. Passo os olhos pelo pedaço que falta da orelha e me fixo nos olhos alaranjados.

Minha raposa. A que me acompanhou toda a vida. O macho está com os pelos da face brancos e tem rugas perto da boca. Em questão de aparência, tenho certeza de que estou pior do que ele. O pelo continua vermelho. Os olhos alaranjados ainda me prendem em um abismo inescapável, que me faz ficar imóvel e em completo silêncio na presença dele. O homem preso à vida por fios me dá pena.

Ele está aqui. Sozinho. Cansado. Ele sempre veio até mim, e dessa vez não seria diferente. Não, não agora. Não hoje.

Não a última vez.

Continuamos presos um nos olhos do outro. Será que sempre foi isso? Será que ele sempre foi tão atraído por mim quanto eu fui por ele? Será que ele também buscava meus olhos em busca de uma conexão? Uma conexão irracional, perigosa, improvável.

É isso o que chamam de destino?

Ele levanta a pata e a apoia no vidro. Olho aquela raposa, aquele pequeno animal, aquele magro macho. Seus olhos alaranjados me encaram e provam que ele não é irracional. Nunca foi. Talvez ele não consiga entender a atração. Mas compreende, assim como eu e meu limitado cérebro humano, o motivo.

Este é o adeus.

Estendo minha mão macilenta na direção dele. Não. Não quero. Não pode ser. Não quero que acabe aqui.

A raposa respira fundo. É inevitável. Era por isso que eu sabia que ele vinha. E ele veio. Tudo em nossas vidas, até aqui, foi inevitável. Irresistível. Somos compelidos por uma força maior, mas não sabemos o que ela é.

Ele retira a pata da janela e minha mão cai na cama, inerte. Estou olhando em seus olhos alaranjados e me sinto triste, ainda sabendo que não deveria. Sinto algo mais. Estou solene.

A raposa se vira e desce do parapeito. Vai embora. Súbito.

Como sempre foi. E sempre será.

Obrigado e adeus, velho amigo.



Rafael Senra Coelho

Um Casanova de conhece pelo Uísque



Um Casanova se conhece pelo Uísque

Rafael Senra Coelho

Existe um teste muito eficiente para saber se o sujeito tem ou não a consciência tranquila: passar no raio x do aeroporto sem um fio de cabelo de preocupação. No fundo, aquilo ali é igual o leão do imposto de renda: mesmo os honestíssimos temem que podem ser abocanhados um dia.

Murilo Augusto do Rosário é uma dessas pessoas. É um corretor de imóveis de 40 anos e se considera honesto. Dorme tranquilo à noite. Mas não pode negar que já colou nas provas aos 15 anos, furou um sinal vermelho aos 22, negou uma esmola de bolso cheio em uma primavera dos seus 33, e tinha 36 quando estacionou em uma vaga para deficientes (ele só notou na saída, contudo).

Mas nada se compara a seu principal crime: há dois anos, dois meses e vinte dias atrás, Murilo roubou um beijo de Maria Vitória. Poderia ter sido uma gafe imperdoável, mas a moça sorriu de volta e, dali para o namoro, foi um pulo. Agora, ambos estavam já casados (estão de volta da lua de mel, inclusive) e prestes a passar pelo raio x do aeroporto e alcançar a área de embarque.

É quando alguns homens da Polícia Federal abordam Murilo de maneira intimidante, apontando para um corredor pouco iluminado à direita. Se o problema fosse no raio x, pelo menos ele teria ideia do que se tratava. Murilo já se esforçava para equilibrar a mala de rodinha com suas duas outras bagagens de mão, mas com os braços tremendo, a tarefa se tornou ainda mais difícil.

Maria Vitória foi orientada a esperar por ele, e o espanto de sua esposa era bem previsível. Afinal, quando fizeram a viagem de ida, Murilo também foi interceptado pela Polícia Federal. Na verdade, o

corretor não quis contar para a mulher, mas, em outras viagens internacionais, o pessoal da PF sempre vinha ter com ele. O roteiro se repetia: o levavam para uma sala anexa, faziam perguntas por quinze minutos, e depois o liberavam.

Dessa vez, porém, havia algo de sinistro no ar, ou, sendo mais específico, na sala para onde o levaram: um cubículo escuro, com apenas uma cadeira. Murilo sentia-se réu de algum crime gravíssimo, sobre o qual tudo desconhecia. Apesar de saber-se honesto, o pobre e trêmulo homem começou a pensar o que poderia ter feito para, mais uma vez, estar em uma situação daquelas. De fato, ele teve tempo para pensar, pois foi um chá de cadeira de mais de uma hora.

O silêncio e o breu foram repentinamente quebrados pelo delegado da Polícia Federal adentrando escandalosamente o cubículo, acompanhado de cerca de dez homens. Eles estavam armados com carabinas, pistolas e revólveres. Murilo saltou da cadeira num pulo, e a reação óbvia da polícia foi a de lhe apontar as armas. O delegado deu um berro, mas engana-se quem pensa que o alvo da repreensão foram os policiais.

— O que foi que eu fiz?

— Eu é que quero saber!

Seguiram-se alguns bons minutos de conversas atravessadas que não chegavam muito longe. Em dado momento, o corretor deixou a tensão subir-lhe a cabeça e soltou:

— Droga! Eu só quero saber por que sou parado pela polícia em todas as viagens internacionais que faço! É sempre assim, toda vez! Estou cansado disso!!

— Espere um pouco... – o delegado o encarou – como é que você *não sabe* o motivo disso?

— Não sei!!

O delegado olhou para seus homens, e um embaraço nítido tomou conta de todos. Na verdade, ninguém sabia explicar ao certo o que acontecia. O delegado respirou fundo, pegou uma pasta repleta de papeis e começou a folhear.

— Murilo Augusto do Rosário, nasceu em 18 de maio de 1980, correto?

— Isso mesmo.

— Certo. Mas... oh!

— O que foi??

De um modo meio agressivo e impaciente, o delegado aponta o conteúdo da pasta na direção de Murilo, que, espantado, se depara com a ficha criminal de uma pessoa.

— Murilo Augusto... ei! Esse cara tem o mesmo...

A foto exibia um homem de mandíbula quadrada, uma cabeleira vasta e negra, olhos verdes, e uma expressão que poderia ser lida como sombria ou sedutora – talvez por estar em uma ficha criminal, a primeira opção prevaleceria. Nas informações, Murilo se viu boquiaberto quando notou que o nome e a data de nascimento eram idênticos aos dele.

O delegado se afastou alguns metros, e cochichou com outros policiais. Ele parecia tão surpreso quanto o próprio Murilo. Depois de vinte minutos de conversas indecifráveis, ele se aproximou de Murilo e disse:

— Me diga... você tem algum avô ou avó que tenha nascido em outro país?

— Meu avô paterno... ele nasceu na Itália.

— Certo. Então faça o seguinte: acrescente o sobrenome do seu avô ao seu. Porque esse cara aqui – apontou para a pasta – é um bandido

procurado internacionalmente, está na lista da Interpol e do FBI. E você deu o azar de nascer com o mesmo nome e a mesma data de nascimento dele.

— Caramba...

— Faça o que eu te disse, e nunca mais será barrado nos aeroportos – após dar um tapa nos ombros de Murilo com a parte de trás das mãos, o delegado deu um giro e disse bem alto – o rapaz está liberado. Abram espaço para ele passar, pessoal.

*

Um intervalo de dois anos, três meses e sete dias separava o dia do incidente do aeroporto daquele dia em que o telefone da casa de Murilo tocou.

— Alô? Ah, sim. Só um momento. Murilo, é para você – disse Maria Vitória ao lhe entregar o telefone.

— Alô?

— Você é... Murilo Augusto do Rosário Beneventi? – A voz de mulher no outro lado da linha não soava familiar.

— Sim, eu mesmo. Em que posso ser útil?

— Na verdade, querido... sou *eu* quem gostaria de ser útil. Se é que você me entende.

Murilo se arrepiou, ainda que ele não entendesse de modo algum o que estava acontecendo. A voz da mulher era rouca, meio caricata, até. Parecia que ela interpretava um tipo de personagem.

— Não sei se entendi... você está precisando de um corretor de imóveis?

— Querido, eu preciso de uma massagem, uma jacuzzi, um bom uísque, e... preciso de *você*.

A última palavra dita por ela não deixava dúvidas, mas a entonação usada pela misteriosa interlocutora tentou reforçar o que já era óbvio. Agora, Murilo claramente entendia a intenção dessa mulher. Ele só não sabia por que isso estava acontecendo *com ele*.

Sua reação imediata foi desligar o telefone. Disse para a esposa que foi engano, e subiu para tomar um banho. Enquanto se ensaboava debaixo do chuveiro, a mente fervilhava. O estranho episódio no telefone lhe provocou uma espiral de pensamentos sobre seu casamento. Foram vários altos e baixos nesses dois anos com Maria Vitória. Murilo fez as contas rapidamente, e constatou algo curioso: por poucos dias de diferença, seu tempo de casado começava a superar o tempo de namoro. Antes do enlace oficial, tudo era mais leve e fascinante. Mas a vida a dois começava a cobrar seu preço. Maria Vitória interferia demais nas escolhas de Murilo, e, de certa maneira, vários hábitos que ela tinha antes do casamento (que vão desde os assuntos das conversas até seu jeito de vestir) mudaram bastante nesse meio tempo – e ele não apreciava tanto suas novas escolhas.

Apesar das dificuldades, Murilo se sentia privilegiado. Viu amigos que se divorciaram antes mesmo de completar um ano. E, diferente de muitas pessoas que conhecia, ele não sentia necessidade de se envolver em casos extra-conjugais. Sua relação não estava em uma fase das mais inspiradas, mas, no geral, ele conseguia fazer um balanço positivo de seu casamento. A situação da mulher ao telefone pareceu intrigante, curiosa até, e Murilo sentia que seria falso dizer para si mesmo que não estava nem aí. Entretanto, ele foi firme quando decidiu que não levaria isso adiante sob nenhuma circunstância.

De todo modo, parecia prudente esconder o fato de Maria Vitória. Durante dois dias, nada de estranho aconteceu. Até que, em um dia normal de semana, relativamente ensolarado e até meio parado de movimento na imobiliária, a secretária ligou para o escritório de Murilo, avisando que uma cliente iria entrar.

— Senhor Murilo, está chegando a senhorita Edna, que marcou horário ontem.

— Ok.

Era um dia absolutamente normal no escritório, e Murilo até poderia dizer que estava entediado. Tudo mudou quando ele, lá dentro da sala, sentiu o aroma de um perfume vindo do lado de fora. Era o indício de que movimentações misteriosas do destino se operavam.

E quando a porta se abriu, ah, ele não teve dúvidas.

— Olá, Murilo.

Ele não sabia o que dizer. Mulheres como aquela sempre o intimidaram, desde os tempos da escola. Contudo, não bastava que ela fosse tão linda quanto uma modelo de revista, mas estava vestida de um modo arrebatador. O vestido exibia escancaradamente as curvas que deixariam qualquer pista de fórmula 1 no chinelo.

— S-senhorita... Edna?

— A seu dispor!

— Nós... nos conhecemos?

— Não. Você deve estar pensando isso porque não usei o pronome “senhor” ao lhe cumprimentar. É que... acho que poderíamos pular as formalidades, não é? Gosto de intimidade. – disse ela, com um sorriso acolhedor demais para ser verdade.

— Escute... foi você que me ligou outro dia, não foi?

— Sim, eu liguei ontem para agendar a...

— Não, não. Eu digo... que me ligou em casa. Na minha casa.

— Não, Murilo... posso me sentar? Deve haver um engano. Só tenho o telefone do seu escritório. Apesar de que espero muito que você me informe seu telefone pessoal o quanto antes, não é?

Murilo não estava mais entediado. Porém, parecia atônito, como se um caminhão tivesse passado em cima dele por várias vezes, não no corpo (pois não sentia nenhum mal estar físico) e sim em sua percepção. Ele parecia tonto.

— O que você quer? Precisa de um corretor? Quer alugar ou comprar?

— Bem... oficialmente... estamos em um escritório de imobiliária, não é? Mas... penso que isso é apenas uma formalidade. Com mais alguns minutos de conversa, eu terei o maior prazer em lhe dizer do que preciso. — seu olhar deixava claro que esses minutos poderiam ser *segundos*, se ele quisesse.

— Não estou entendendo... — Murilo olhava para os lados, como se cogitasse maneiras de pedir ajuda. Como se ele não estivesse sozinho na sala com aquela capa de revista sentada em sua frente.

— Ora, eu é que não estou entendendo! Imagino que você deve receber muitas visitas como eu, não é?

— Sinceramente? De maneira alguma!!

A mulher espremeu os olhos, como se olhasse contra a luz forte, ou como se tentasse enxergar algo que não estava muito bem delineado. Ela sorria, num misto de intriga e descrença.

— Eu estou diante de Murilo Beneventi, correto?

— Sim.

— O *tal* Murilo Beneventi.

— *Tal??*

— *Aquele* Murilo!

— Hã?

— Não é você?

— Não sou eu o que?

Subitamente, a senhorita Edna se levantou, forçando Murilo a se levantar também. Ela parecia visivelmente constrangida. Em um tom de voz e uma postura completamente diferentes de outrora, a belíssima mulher se resumiu a dizer:

— Passar bem.

E foi embora como um raio.

Murilo se sentou, desconsolado com a situação. Era a segunda vez em poucos dias que lhe surgia um assédio assim tão fulminante. Da outra vez, fora apenas uma mera ligação. Agora, porém, surgiu uma mulher de carne e osso, bem na sua frente... e ela era estonteante. Murilo teve que desabotoar os botões de sua camisa para ver se suava menos. “Ela era meu número”, pensou Murilo, antes de reprimir mentalmente o próprio pensamento.

Essa história tinha passado do limite. Murilo nem conseguiu se concentrar muito bem quando esteve com os clientes ao longo de todo aquele dia. Ele tomou uma decisão: iria contar para a esposa tudo que aconteceu, e, em seguida, os dois procurariam ajuda profissional.

Ao chegar em casa, por volta de dezenove horas, chamou:

— Maria Vitória? Precisamos conversar. Cadê você?

Não encontrou sua esposa; contudo, havia um bilhete em cima da cama.

“Murilo,

Pelas minhas contas, hoje devo ter recebido cerca de vinte e três ligações de mulheres te procurando. O tom de voz delas não era normal. Acho que você entendeu o que quis dizer. Depois da décima, comecei a fazer perguntas, e foi só depois da ligação de número

dezessete que comecei a fingir que era sua secretária. As mulheres seguintes foram mais sinceras, e disseram que estavam a procura do 'Murilão', do 'Murilo conquistador', do 'tigre da corretagem', e outras bobagens desse tipo.

Eu estou indo para a casa da minha mãe, e não sei o que vou fazer. Te aconselho a procurar um advogado para discutirmos o processo de divórcio.

Maria Vitória”.

Murilo se deitou na cama, ou, melhor dizendo, despencou. A mensagem de sua esposa era sóbria, mas ele sabia que ela não estava bem: a umidade na ponta do papel que ela escrevera era, definitivamente, gotas de lágrimas.

Desesperado, atendeu o telefone em tempo recorde quando o ouviu tocar:

— Maria?

— Não, meu gato... — era, novamente, uma voz sensual e desconhecida de mulher.

— Escuta, o que você quer?

— Você, gostosão!

— Por que vocês estão me ligando??

— Porque você é o deus do sexo que toda mulher quer em sua cama!
— a mulher ronronava enquanto dizia.

— Deus do sexo? Sou só um corretor barrigudo que passa raiva no trânsito! Eu sou uma pessoa normal! O que está acontecendo?

— Como ele é modesto, gente... fico ainda mais excitada, sabia?

— Eu vou chamar a polícia, moça!

— Ah, adorei! Uma das minhas fantasias preferidas! Tenho uma farda aqui. Também tenho roupa de enfermeira, se você preferir...

Murilo desligou, e correu para pegar seu paletó. Iria à polícia imediatamente.

O telefone tocou, e ele atendeu com o sangue fervendo.

— O que você quer, sirigaita??

— Alô?

Dessa vez, era uma voz de homem. Murilo ficou atônito.

— Quem é?

—Você é Murilo Augusto do Rosário Beneventi?

— Sou...

— Que mora na Rua José Gomes, número 129?

— Como você sabe...?

— É que estou na porta da sua casa.

Murilo deve ter demorado mais de um minuto apenas para botar o telefone no gancho. Ele olhou da janela do segundo andar, e conseguiu distinguir por trás dos arbustos do galho da mangueira que havia, de fato, alguém parado na frente da porta. E era um homem.

Ele caminhou trêmulo até o andar de baixo, e cada passo em direção da porta ampliava sua noção de pesadelo. Instintivamente, pegou uma vassoura, pensando em se defender caso o homem estivesse armado. Quando abriu a porta, a reação do outro lado impressionou Murilo – era uma calma que contrastava com o pânico do dono da casa.

— Olá, Murilo. Posso entrar?

Aquele homem de sobretudo parecia um estrangeiro, tinha um ar exótico, como um ator de cinema. Na verdade, Murilo sentiu que o conhecia de algum lugar.

— Bem, farei as honras. Acho que você está muito assustado.

Murilo viu o homem entrar em sua casa e sentar-se no sofá, sem muita cerimônia. O corretor não tirava os olhos dele.

— Deixe essa vassoura em algum lugar, você parece muito deselegante com isso nas mãos.

Murilo o obedeceu sem muitos questionamentos. O tom de voz e a postura do homem de sobretudo impunham um certo respeito, tinham uma aura pesada de quem sabe o que diz. Murilo se sentou no sofá ao lado, mas não teve coragem de dizer nada.

— Você é Murilo Augusto do Rosário Beneventi, e nasceu dia 18 de maio de 1980?

— Sim.

— Eu também.

Murilo se lembrou num lampejo: era o homem da foto da ficha policial que viu no aeroporto, anos atrás, quando o delegado o aconselhou a acrescentar um novo sobrenome.

— Sei quem é você! É o homem procurado pelo FBI!

— E pela Interpol também – ao dizer isso, o “outro” Murilo parecia ainda mais a vontade, sorrindo e se debruçando no sofá.

— O que está fazendo aqui?

— Estou... – ele olhou para os lados antes de responder – procurando algo.

O “Murilo” de sobretudo encarava o Murilo corretor, como se aguardasse que sua posse fosse devolvida. Era como se nada mais precisasse ser dito.

— Estou confuso – disse Murilo – não sei do que você está falando.

— Claro que sabe.

— Não sei não.

— Olhe – era impressionante como o homem de sobretudo conseguia se manter calmo, e mesmo assim parecia tão imponente – quanto mais rápido você me entregar, mais rápido sairei da sua vida.

— Se você me disser o que é, e onde está, mais rápido eu posso tentar te ajudar, mas... eu estou é confuso com tudo isso!

— Bem, a sua casa não é muito grande, não é? Para um corretor, me parece uma casa até muito modesta, inclusive. Mas... não quero entrar nesse mérito. Só me diga onde *ela* está.

— Ela?

“Murilo” de sobretudo respirou fundo, e se recompôs, ainda sentado no sofá.

— Acho que você realmente não sabe de nada! Hah! Como ela é esperta...

— Então me explique.

— Você não tem um bom uísque?

— Anda! Fale logo!

— Eu não falo de boca seca, “xará”. Traga um uísque para mim.

Murilo não sabia explicar se era a voz, o olhar, ou a pose geral daquele sujeito. Mas cada pedido dele parecia impossível de se negar. É como se ele tivesse *direito* a ser bem servido. Enquanto ia até sua adega de MDF e colocava uísque no copo, Murilo olhava enviesado para o outro Murilo, que passava a mão em sua vasta cabeleira lisa, que lhe fazia parecer um dândi. Os olhos azuis daquele homem tinham as pálpebras meio caídas, o que lhe conferia uma aura ainda mais soturna. Era o típico “olhar de peixe morto” atribuído à galãs de filmes antigos e romances.

O Murilo corretor serviu o uísque para o Murilo de sobretudo. Este bebeu e fez uma careta.

— White Horse? Sério? Rapaz, você precisa dar um jeito nessa sua carreira de corretor!

Murilo percebeu que só um *bon vivant* genuíno poderia adivinhar dessa maneira qual a marca do uísque apenas ao bebê-lo. Ele se sentou, e aguardou pelas revelações que seu misterioso visitante poderia revelar.

— É o seguinte – o Murilo de sobretudo segurava o copo com as duas mãos, o que fazia destacar seu anel estilo art nouveau no dedo indicador – você sabe da minha existência há um tempo, pelo visto. Já deve ter tido incidentes nos aeroportos, imagino. Bem... eu na verdade sequer imaginei que existia um “homônimo” de mim mesmo. Viajei com identidades falsas ao longo de muitos anos, e só usava o nome verdadeiro para divulgar meus serviços.

— Serviços?

— Eu trabalho como amante profissional – Murilo de sobretudo disse sem delongas – e minha clientela costumava ser bem rica. Socialites e esposas de milionários. Não foi meu primeiro emprego. Antes disso, eu ganhava algum trocado na bolsa de valores. Mas a carreira de amante me trouxe regalias interessantes. Dinheiro e outras coisas. Contatos, e a abertura para um mundo novo. Na verdade, eu entrei no topo deste mundo, sabe como é? Conheci pessoalmente as pessoas que todos conhecem apenas da tela dos telefones celulares. Celebidades.

Ele deu um bom gole no uísque, fez uma careta e prosseguiu:

— Foram anos maravilhosos. A casa caiu mesmo foi quando me relacionei com uma mulher... não posso te dizer o nome dela. É esposa de um dos homens mais ricos do Brasil. Ele tem fazendas onde caberia a Suíça inteira dentro... e, talvez, Luxemburgo também. Bem, a esposa desse cara, obviamente, me pagava bem

demais para que eu pudesse recusar seus chamados. Foi a melhor cliente que já tive. Mas, não sou bobo nem nada, e sabia que, se algo desse errado, aquela família teria poder para me aniquilar.

— Imagino.

— O que eu não esperava é que minha dor de cabeça viria de dentro da própria família. Meu caro, acredita que a *filha* dela quis me contratar? Pois é. E você já deve ter percebido que eu tenho a alma pacata, sabe, não gosto de problemas. O pagamento que aquela senhora me concedia era muito generoso já. Estar com sua filha só iria atrapalhar o esquema.

Já meio tonto ao ouvir tudo aquilo, Murilo não teve escolha: começou a beber o White Horse também.

— O negócio é que resolvi dar um tempo. Com a grana toda que recebi, resolvi ir passar uns quinze dias na ilha de Hydra, na Grécia. Foi só lá dentro do avião que notei quem estava do meu lado: a menina. A filha da minha cliente. Imagina. A guria se apaixonou e resolveu me seguir na cara dura. Para piorar, ela era menor de idade, e estava viajando com uma identidade falsa. Dali para meu nome entrar nas listas do FBI e Interpol foi um pulo.

— Então... é por isso que você é procurado?

— Sim. Ser amante profissional não é crime no Brasil. O problema todo foi essa pirralha.

— Imaginei que você fosse um traficante, ou assassino... ou coisa pior.

— Não, meu caro. Sou um *Casanova* da era capitalista.

— Mas... porque tantas mulheres estão achando, do nada, que *eu* é que sou o conquistador aqui?

— Vou te explicar. Só que, antes, você precisa botar gelo nisso que chama de uísque, antes que eu tenha uma diarreia.

Murilo foi até a cozinha e jogou a forma de gelo inteira no copo do sujeito.

— Não precisava de tanto, agora parece que estou bebendo a Groenlândia suja de barro. Mas tudo bem. Vou te dizer logo o que houve. É o seguinte... você é corretor, xará. Então sabe que estamos numa crise danada. Aluguéis caros, casas milionárias, apartamentos mofando...

— Nem me fale. Não vendo um imóvel faz quase seis meses.

— Pois é, o bicho tá pegando. E minha profissão sofre muito com esses altos e baixos da economia. Esse povo do andar de cima gasta bastante quando estamos nas vacas gordas; mas, em períodos de crise, eles cismam de cortar supérfluos. Os miseráveis têm dinheiro para não precisar trabalhar por cinco gerações ou mais, não sei porque as crises os assustam tanto! Nessas épocas, em vez de viajar para as Bahamas ou para a Riviera Francesa, acabam indo para Miami ou Punta del Este. Dizem que é mais em conta, sabe? Economia porca. E decidem também que amantes profissionais caros como eu terão que esperar até a próxima temporada.

— E o que você fez?

- Bem, eu preciso trabalhar. Gasto quase todas as minhas economias com pensões. Tenho filhos em mais da metade dos países do mundo. E quando você precisa pagar pensão em euro ou dólar, sabe, o rendimento não pode ser modesto. Preciso trabalhar. E a única solução que encontrei foi... fazer uma conta no Tinder.

— Sério?

— Pois é. Agora, meu nicho atual é de clientes de classe média alta.

— Que loucura!

— Nem tanto. Elas são boas de cama também.

— E onde eu entro nessa história?

— Bem, minha fama me precede. Isso ajuda bastante, pois só o Tinder não basta. As mulheres falam de mim por aí. Só que, quando fui inserir foto naquele aplicativo, ocorreu um erro, e meu perfil está sem imagem. Por causa disso, as mulheres estão todas na minha cola, mas, como nunca atendi não-ricos antes, elas não sabem quem eu sou. E, ao resolverem pesquisar por conta própria, ou com a ajuda de detetives... chegam em você, que tem o mesmo nome e a mesma data de nascimento que eu!

— Isso não faz sentido! Você não tem contas em outras redes sociais? Não tem fotos suas na internet?

— O Tinder foi minha primeira rede social. E só ele já me dá muito trabalho. Eu não tenho secretária, entende? É complicado administrar todas essas moças.

— Acho que eu te entendo. Eu administro apenas *uma* moça, e ela me dá bastante trabalho. E olha que nem tenho filhos. E, talvez, diante de tudo que tem acontecido... nem esposa eu terei mais.

— Não se preocupe. Vou sair da sua vida em poucos minutos. Só preciso encontrar o que procuro.

— E o que é?

— Lembra da guria que te falei? Que me seguiu para Hydra? A filha do milionário. Suíça e Luxemburgo... pois é. Ela está *aqui*.

— Aqui onde? Na minha casa?

— Sim. Ela acha que é a *minha* casa. Tem porão aqui?

Os dois Murilos descem a escada que leva ao porão da casa. Lá, encontram um colchonete, e, ao lado, uma bolsa Louis Vuitton, um telefone celular importado, e joias que poderiam comprar todo aquele quarteirão.

— Então é aqui que ela esteve acampada esse tempo todo... – sussurrou Murilo. O do sobretudo.

— Mas... os pais dela não deram por falta da filha? – perguntou o Murilo corretor.

— Deram sim. Ela está sendo procurada pela Polícia Federal. Ei, está ouvindo? – as sirenes das viaturas ficavam cada vez mais altas – eles encontraram o QG dela. Preciso ir embora.

— Espere! Onde ela está?

— Deve ter saído para comprar alguma coisa. Daqui a pouco ela volta. Explique tudo para os tiras, certo? Adeus.

— Ei! Não vá!!

Por já ter um mandato, a PF entrou na casa de Murilo sem sequer tocar a campainha. Foi bem na hora que a mocinha tentava voltar para o porão. Os policiais levaram ela e Murilo para a delegacia, e o simpático (porém atordoado) corretor acabou passando uns dias entre a cadeia e a sala de depoimentos.

Depois de responder a inúmeras perguntas proferidas por tantos homens fardados, Murilo estava esgotado, mas percebeu que sentia algo parecido com o que lhe ocorreu ao conhecer o outro Murilo: aquele homem que organizava o oitavo interrogatório do dia parecia familiar.

— Ei! Você é o delegado do aeroporto, não é?

Era o próprio delegado que deixou Murilo esperando na sala da alfândega por quase uma hora.

— Rapaz, me lembro de você! Pelo visto, você não seguiu meu conselho para mudar de nome, hein?

— Mas eu *mudei*! Acrescentei o Beneventi do meu avô!

— Está brincando! Justo esse sobrenome, Beneventi??

— Como assim?

— Ora, nosso procurado acrescentou *o mesmo sobrenome*, e na mesma época que você!

— Eu não acredito? Por que ele fez isso?

— Bem, meu jovem, você não era o único querendo despistar as autoridades, não é?

A coincidência dos novos sobrenomes foi o que fez Murilo passar todos aqueles dias na cadeia. Mas sua inocência foi logo comprovada, e ele não demorou a voltar para casa. Toda a história chegou aos ouvidos de Maria Vitória, que voltou para casa não apenas aliviada, mas também satisfeita: soube que seu amado permaneceu fiel mesmo diante dos assédios de mulheres tão belas.

Por fim, toda a aventura tinha terminado. Quanto a ele, percebeu que estava cansado de ser confundido. Ele não queria ver aquele homem bonito e charmoso nunca mais na sua vida. A solução foi acrescentar todos os sobrenomes de todos os seus avós: não queria arriscar que o “Casanova” das socialites solitárias anexasse um ou outro sobrenome idêntico novamente. Agora, depois de tantos percalços, Murilo Augusto do Rosário Beneventi Antunes dos Remédios Silva e Silva Ferreira dos Anjos Malatesta finalmente consegue dormir tranquilo.



Rosângela Trajano

Meu duplo gosta de gatos e eu de galinhas



Meu duplo gosta de gatos e eu de galinhas

Rosângela Trajano

Faz alguns anos que encontrei meu duplo, ou seja, meu outro eu. No físico somos bem diferentes uma da outra, enquanto ela é galega dos olhos azuis eu sou negra dos olhos escuros. A vida nos colocou frente a frente numa tarde meio ansiosa para mim. Sim, foi numa tarde de verão que a conheci meio exigente, meio “risca e faz tudo de novo porque não gostei disso”, meio palavras doces e alguns risinhos tímidos iguais aos meus, foram nesses risinhos que uma luzinha acendeu na minha cabeça e me disse: “ela é igual a tu”. Sim, ela é igual a mim em tudo.

Ainda insisti para esquecer aquele “ela é igual a tu”, mas meu orientador veio me dizer que ela é apaixonada por literatura infantil. Como pode isso? De repente, eu estava de frente para o meu outro eu e não conseguia mais saber qual das duas era eu de verdade. A galega meio tímida ou a negra meio tímida e assustada com o encontro do seu duplo, quando jamais imaginou que isso pudesse acontecer além de um espelho quebrado no seu quarto sem janelas e com goteiras no telhado. Foi a partir desse instante que tudo mudou em mim... eu comecei a sentir que as minhas mãos ora se mexiam sozinhas e começavam a pintar, fotografar, escrever, cozinhar e tantas coisas mais que nunca tinha percebido porque fazia por fazer, hoje faço porque esse outro eu vem lá de longe me pedir para não ficar parada, “faz, Rô”. Eu faço, sim. Eu faço. Espera um pouquinho só.

O meu outro eu gosta de publicar livros iguais a mim e adora um ISBN e uma ficha catalográfica. Tem uma lista enorme de livros publicados, já deve ter perdido a conta de quantos. Eu também gosto de fazer isso. A luzinha cresceu mais um pouco na minha cabeça. Ela também gosta de pintar! Nossa! Ela gosta de fotografar!

Uauuuuu, gente! Como ela se parece comigo! Por que não dizer que ela é o meu duplo que mora há algumas horas de distância de mim, mas é como se estivesse ao meu lado a todo instante, como se fosse o meu outro eu que desperta vez por outra na madrugada para criar algo antes que a ideia fuja?!

Parece uma coisa meio estranha escrever sobre o nosso duplo, porque é como se não estivéssemos falando de outra pessoa, mas de nós. Ela gosta de criar gatos que são bichinhos que eu também amo, mas como não posso criá-los, porque não tenho espaço, decidi criar galinhas. Não! Não, eu quero um gato também! De repente, pedi o dela emprestado por uns tempos. Sim, ela me emprestou, mas apenas no mundo da imaginação. E nesse mundo o gato dela recebeu nome e personalidade diferentes. De Petit para Cenoura, os nossos gatinhos correm a casa inteira fazendo a nossa alegria o dia todo, a noite toda, nunca passamos madrugadas sozinhas com esses bichanos que tanto amamos.

O meu gato Cenoura é rebelde, o dela é comportado. Cenoura só existe em desenho, o dela tem muitas fotos. Gosto do meu outro eu, porque a gente fica horas conversando coisas das quais uma fica ensinando a outra, assim compartilhamos conhecimento e sabedoria. Aprendemos todos os dias a sermos melhor para nós mesmas e para o mundo. Vivemos sonhando. Os mesmos sonhos, vocês podem nos perguntar? Sim! Sonhamos iguais porque somos uma só pessoa em dois corpos. Tudo é possível ao humano que se veste de poesia e sai para conversar com os sapos na beira de um rio à tardinha.

Ela só é mais velha do que eu alguns anos, poucos anos. Talvez ela tenha se realizado profissionalmente e assim eu realizei-me também. Tudo o que ela faz é como se eu fizesse. Às vezes, do nada, fico cansada mesmo estando deitada em minha caminha, depois descubro que ela passou o dia limpando os livros e a casa. Às vezes, do nada, me dá uma vontade enorme de aprontar na cozinha e depois fico sabendo que ela fez um strogonoff de palmito.

Há algum tempo ela morou na mesma cidade que eu e lecionou na mesma universidade onde estudo há mais de vinte e um anos. Bem lá no fundo, quando andava pelos corredores da minha universidade, sentia como se algo me seguisse, como se outra coisa quisesse tomar conta de mim, algo que, no meio da aula, pedia para eu escrever um poema e surgia aquela perfeição de escrito entre equações e dízimas periódicas. Era coisa dessa nossa alma que se hospeda num corpo e noutro vez em quando. Saber que ela faz um bocado de coisas não me espanta mais, porque eu também faço um bocado de coisas ao mesmo tempo. Saber que ela pinta flores já não me soa como se ela tivesse roubado a minha ideia! Porque ela sou eu e vice-versa.

Ela com seus gatos, eu, com minhas galinhas, que, aliás, andam miando de vez em quando! Será que isso pega?





Sheila Senes
Dupla sorte



Dupla sorte

Sheila Senes

Finalmente as férias tinham chegado, e ela iria aproveitar para descansar e sair do estresse dos últimos meses. Pandemia de dois anos, e muitas perdas. Tinha terminado um casamento de 8 anos, e o trabalho lhe exigiu muito. Não pôde se queixar do retorno financeiro. Todavia, o desgaste físico e emocional foi grande.

Ultimamente, talvez pelo cansaço mental, estava sonhando muito com a casa de uma tia, onde ela se via em frente a um espelho, e seu reflexo vinha ao seu encontro. Possivelmente, seu inconsciente estava tentando se comunicar e se libertar. Não tinha certeza.

Estava pronta para escolher seu destino de férias, até que se lembrou que não havia ainda aberto suas correspondências. A maioria delas eram contas a pagar. Porém, havia duas cartas seladas cujos carimbos eram da mesma cidade. Postados em dias diferentes. Eram de Luau de Moxiko. Cidade natal de seus pais. Na Região dos Lagos e praias do seu Estado. Tinha passado sua infância e parte da adolescência lá. Uma tia – aquela cuja casa aparecia no sonho – morava ainda lá, mas há muito não tinha notícias dela. Será que as cartas falavam algo dela? Resolveu abrir as cartas antes de continuar seus planos de férias.

A primeira carta era de um advogado que informava o falecimento de sua tia e a convocava para uma reunião para a leitura do testamento. Ficou triste com a notícia, e logo vieram algumas recordações das grandes festas que reuniam toda a família, amigos e vizinhança. Eram bem animadas, e todos se divertiam. Muita comida e muita bebida.

A outra carta achou meio enigmática. O remetente não colocava explicitamente o nome. Só assinava D. Rodrigues. E falava que ele

e sua parceira tinham assuntos muito sérios e do seu interesse. Aparentemente, o D. Rodrigues sabia da reunião com o advogado sobre o testamento, pois disse, nas poucas linhas de seu texto, que se reuniria depois daquele encontro.

Bem, o encontro com o advogado seria nessa semana. Então, mudando o plano de férias, buscou uma pousada em Luau de Moxiko e comprou passagens de ônibus para lá.

Era uma região de praias, e talvez tivesse tempo para se bronzear um pouco e dar uma nadada nas águas salgadas e quentes da Lagoa de Moxiko.

No dia seguinte, foi para a Rodoviária. Apesar de a pandemia já ter acabado há alguns meses, a recomendação era de continuar usando a máscara de proteção. Principalmente em viagens intermunicipais, interestaduais e internacionais. E, chegando ao destino, devia se continuar usando por, pelo menos, mais uma semana.

Depois de cerca de duas horas de viagem, chegou à cidade. Há muito não ia lá. E estava bem diferente da época quando criança. Contudo, ainda parecia manter uma característica do passado: nenhuma construção tinha mais do que 4 andares, o que dava ao local um ar de um vilarejo do interior. E uma coisa pode observar: quase todas as construções tinham energia solar. Viam-se no telhado as placas receptoras. Era uma contradição ver algumas casas antigas, pelo menos na estética, e ainda assim, ter um ar de moderno com o uso dessas energias alternativas e limpas.

Chegando à pousada, se apresentou, e se registrou. Clara Clemente. Pronto. Foi para seu quarto. Pousada bem simples. Não havia elevador. Só escadas. Via-se claramente que tinha sido uma casa, que foi aumentando com o passar dos tempos. Instalou-se e desceu para fazer um lanche. As pessoas da pousada a olharam com cara de espanto quando tirou a máscara para comer. Talvez porque não estivesse na alta temporada. Não sabia. Alguns a olhavam com um sorriso tímido e como se fossem velhos conhecidos.

Depois do lanche, subiu para se aconchegar. Tomou um banho, trocou sua roupa. Ligou o ventilador de teto, leu uma revista e adormeceu. A imagem de seu reflexo saindo do espelho surgiu novamente em seu sonho. Mas, agora, as imagens eram da Clara adulta. E, as duas, Clara e seu reflexo estavam de mãos dadas e felizes.

De manhã, depois de um bom café da manhã, ela se preparou para a tal reunião. Vestiu-se, colocou a máscara de proteção e saiu. O encontro com o advogado e todos os outros interessados seria na antiga casa da falecida. Durante o trajeto, Clara recebia acenos e sorrisos. Definitivamente, seus olhos não eram estranhos para a comunidade de Luau de Moxico.

Chegando à casa da tia, muita coisa estava mudada. Os muros agora eram de pedra e mais altos, e os portões de ferro estavam recém pintados. Não havia mais árvores naquele quintal acanhado. E, o jardim, outrora abundante, se limitava a pequenos canteiros e em grandes vasos marajoaras com cactos e espadas de são Jorge. O chão, que era de terra batida, agora estava cimentado e com lajotas cor de tijolo postas cuidadosamente. Percebia-se que havia uma caseira que cuidava de toda a casa, seja na parte externa como na interna. Teve boas lembranças. A caseira abriu a porta e a direcionou para a sala. Era uma sala pequena. E lá havia uma mesa, que Clara reconheceu. Era de madeira maciça e com gavetas que as crianças gostavam de abrir, pois havia uma pata de onça lá. Abriu a gaveta, e lá estava a garra felina. Dizia a lenda que seus bisavôs, que eram do pantanal, vieram para essa parte do país, e trouxeram esse talismã como lembrança. Além dessa mesa, nas paredes havia uma boa coleção de varas e apetrechos de pesca. Dos mais simples, de bambu, aos mais sofisticados. Os ancestrais fizeram da pesca sua primeira profissão. E mesmo quando as gerações arrumavam outros trabalhos, a pesca ainda ficava como hobby. Havia, na parede, um espaço vazio, onde deveriam estar duas ou mais varas.

O homem que a recebeu, tinha mais ou menos a idade de Clara. Vestia roupa social e máscara de proteção. Clara achou que se estivessem em outra situação, ele bem que poderia ser paquerado por ela, mas não estava no clima, e nem no momento para isso. Ele se apresentou como H. P. Silveira. Pelo que ela entendeu, ele era da capital, contudo, tinha um contato com a tia de Clara. Minutos depois, chegou um outro homem. Representante da outra interessada. Ele se apresentou como David Rodrigues. Pelo nome, Clara percebeu que fora ele o remetente da outra carta que tinha recebido.

O documento foi lido. A tia Arlinda Clemente deixava uma renda vitalícia para a caseira, Elizabeth Belizário, e a casa, os terrenos (escrituras e registros a serem ainda achados), que se desconhecia onde ficavam, e tudo que estivesse dentro, fora, abaixo e acima da casa e terrenos para as sobrinhas Clara Dias Clemente e Gabriela Clemente Rodrigues. Uma observação enigmática aparecia no final daquela declaração da Sra. Arlinda: "Atenção às varas douradas 'Sumax nitro'. O que importa é o interior. E não deixem as flores e plantas morrerem. O vaso é sua casa." Terminada a leitura do papel, mais perguntas do que respostas pairavam no ar.

Clara não se lembrava dessa prima, Gabriela. E, além disso, não entendeu o enigma, e muito menos sabia onde achar as escrituras dos tais terrenos.

Quem quebrou o silêncio foi o David Rodrigues. Ele se apresentou não só como procurador de Gabriela, mas como também seu esposo. Ele disse também que era fiscal do trabalho, e sua esposa era fiscal de rendas. Dividiam suas vidas entre a capital e Luau de Moxiko. E que a Sra. Arlinda contratou o advogado H. P. Silveira por bons motivos. Sabendo que ele fora policial civil e detetive. H. P. Silveira confirmou, mas disse que não era mais servidor público. Era agora advogado e detetive particular, nas horas vagas.

Clara, cada vez mais, ficava com os olhos arregalados, e ia se vendo numa trama que sabia que ainda estava no início. Ficou calada, e foi ouvindo os dois homens.

David disse que chegaram a frequentar a casa de Dona Arlinda, mas perceberam que duas varas de pesca caras, douradas, que ficavam na parede como decoração, tinham sido roubadas. Ele e a esposa tinham desconfiança de uma pessoa. E, para desvendar vários incidentes da pequena cidade, eles pretendiam contar com a ajuda de Clara e de Silveira.

David adiantou algumas de suas desconfianças, mas queria entrar em detalhes, só no dia seguinte, quando sua esposa voltaria da capital. Ele disse que havia um novo político, um vereador recém-eleito, que já tinha fama de inescrupuloso. Tinha um comércio de roupas cujos preços não tinham competição. Havia muitas dúvidas sobre a manufatura dessas peças. E, para completar, esse mesmo sujeito, estava de olho nos terrenos de Arlinda Clemente. Enfim, muitas coisas para se conversar e tudo, ou quase tudo, dava no vigarista Fripon. Manuel Fripon era o nome dele.

Combinaram de se encontrar para um jantar na casa dos Rodrigues no dia seguinte. Clara perguntou ao Silveira qual era o seu primeiro nome. O que H.P. representava. Ele disse que seu nome completo era Hércules Porró da Silveira. Clara riu, e perguntou se o nome da mãe dele era Agatha Christie. Ele falou que não, rindo também. O nome era Agatha Porró Silveira. Clara fez uma cara gozada de espanto e riso ao mesmo tempo. Despediram-se, e Hércules levou Clara até a pousada.

Clara queria rever toda a cidade, mas o excesso de informação a cansou. E preferiu ficar no quarto, matutando tudo. Quem era Gabriela? Não se lembrava dessa prima. Seria prima de segundo grau? Bem, no dia seguinte, teria algumas respostas.

No dia seguinte, Hércules convidou Clara para almoçar e para dar uma volta na cidade. Clara foi. Conversaram sobre essa insistente

vontade de Fripon em comprar os terrenos de Arlinda, que não ia com a cara dele, e ela tinha planos para que o local fosse destinado à produção de energia limpa. Solar e Eólica. Hércules sabia que os terrenos eram perto da antiga estrada de ferro, mas não tinha a posição certa. Uma das coisas que teriam que fazer seria buscar a localização das escrituras. Depois da refeição e de um papo sem pretensões, andaram pela areia da praia, e enfim, cada um foi para sua pousada.

Clara estava ansiosa pelo jantar. Enfim conheceria esta prima. Assim como saberia sobre essas complicações que vieram com a leitura do testamento. Deitou-se na cama e adormeceu. Estava sonhando com sua imagem refletida no espelho, quando seu reflexo ia falar alguma coisa, um sino e um trovão a acordaram. Na verdade não era trovão, mas o som de uma pedreira, ao longe. Quando viu o relógio do celular, estava quase escurecendo, e foi rapidamente fechar as janelas para os mosquitos não entrarem. Ligou o ventilador no teto, e ainda ficou na cama estirada. Foi tomar banho e se vestir para o jantar. A casa dos Rodrigues era bem perto. Mas, queria sair cedo para passar na frente da loja do tal Fruton. Não. O nome não era Fruton, e sim Fripon. Manuel Fripon. Ele era dono daquela loja de roupas e de outras tantas. Parece que o pequeno negociante não tinha vez em Moxiko. Fripon, com seus preços lá embaixo, não dava chance para os artesãos e comerciantes. E muitas das pequenas vendas, fechavam, por não aguentar a concorrência. Assim falou Hércules durante o almoço.

Clara foi andando devagar pela rua. Ainda com sua máscara de proteção. Chegou à loja do Fripon. Parecia uma loja de luxo. Não combinava com aquele lugar bucólico. E, os preços? Baratos. Como conseguia?

Chegando à casa dos Rodrigues, David a recebeu. Hércules já havia chegado. Mas, Gabriela não estava. A sala era grande, e a mesa bem comprida. David sugeriu que se eles quisessem tirar as máscaras, por estarem longe um do outro, não haveria problema. Clara e Hércules

aceitaram. Guardaram suas máscaras e ficaram conversando e bebendo. Uns vinte minutos depois, a chave roda na porta, e uma mulher loura, com máscara protetora, chega. Faz um cumprimento, e vai direto à toalete. Quando volta, está sem máscara e com o cabelo preso. Clara olha e quase desmaia. Espantada. Era ela. Ou melhor, era o seu reflexo, era idêntica a ela. Hércules e David estavam curiosos pelo encontro das duas. Certamente já sabiam dessa semelhança.

Gabriela, sorrindo, começou a falar. Ela informou à Clara que eram gêmeas. E que Gabriela foi criada por um casal de tios sem filhos. Quando adolescente, Gabi ficou sabendo que não era filha dos dois. Os tios também falaram da existência da gêmea Clara, que vivia na capital com os verdadeiros pais. A separação parece que foi feita por conta de um padrão do pai das gêmeas, que não admitia que os empregados tivessem mais de um filho. Uma arbitrariedade e maldade, mas que o humilde pai, José Clemente, obedeceu, e ocultou a outra filha naquela pequena cidade. Assim que Gabi ficou sabendo, os pais reais começaram a ter contato com a filha, clandestinamente, o que fez suprir o tempo perdido. Queriam ter contado à Clara, mas a morte precoce de ambos os pais impediu e atrasou a revelação. Há pouco tempo se conheceu o nome desse chefe de José Clemente: Era Manuel Fripon Senior. Pai do Fripon de Moxiko.

Clara ouviu tudo incrédula. E, como uma luz, ela lembrou: no sonho que estava tendo, não era um reflexo no espelho, era sua gêmea. Ela agora estava se lembrando de alguns raros encontros com Gabi na infância. Clara disse que teria muito a conversar com Gabi, para conhecer melhor sua gêmea. E assim ficou combinado.

Depois desse trato entre as irmãs, o grupo queria conversar sobre o testamento e tudo que ficou pendente. Gabi e David começaram a enumerar algumas informações que teriam que investigar. Primeiro, teriam que reaver os caniços dourados. Há algumas câmeras de segurança na vizinhança, com o conhecimento de Hércules, eles

poderiam ter acesso às imagens. Achavam que as varas de pesca seriam as primeiras pistas para saberem sobre os terrenos. Segundo, havia, em Moxiko, um sumiço de pessoas vindo de outras cidades. Os parentes tinham certeza de que esses indivíduos estavam vindo para a cidade. E simplesmente sumiram. Terceiro, o vereador Fripon está com discrepância em seu imposto de renda. A polícia estadual e federal está há muito tempo de olho nele, mas ainda não conseguiu provas para prendê-lo. E, por fim, há uma grande possibilidade de haver trabalho irregular com a loja e fábrica de Fripon.

A diarista de uma parenta viu, na casa do Fripon, num quatinho perto da sala principal, umas varas douradas. Acredito que sejam as da tia Arlinda. Precisavam de alguém de fora para visitar Manuel e observar se aquelas varas estariam com o nome Clemente no cabo. Perguntaram se Hércules faria esse favor. Ele topou. Pediu referências da casa do vereador. Fizeram um mapa da residência dele, apontando onde poderiam estar as varas. Antes, iriam à polícia para ver se conseguiam os vídeos do roubo das varas.

No dia seguinte, de manhã, os quatro foram à delegacia e pediram as imagens. Apenas em uma delas se viu bem o ladrão que entrou na casa da falecida. Gabi e David reconheceram como um dos empregados do vereador. Então, colocaram a outra tática em andamento. Hércules iria visitar o vereador com a desculpa de estar oferecendo seus serviços advocatícios.

O senhor Fripon não desconfiou de nada. Quando deu tempo, Hércules entrou no tal quatinho, identificou as Sulmax Nitro douradas, e olhou no cabo. Estava escrito Clemente. Havia combinado com os outros três que tentaria passar as varas pela janela lateral, que dava para a rua. Jogou as duas varas, e Clara conseguiu pegar. Ao pular o muro para a casa vizinha, os três saíram da vista da casa de Fripon. Hércules voltou rapidamente para a sala. E, quando o vereador voltou com um cartão de apresentação, Hércules deu o seu contato, e pediu que o procurasse quando precisasse. Saiu da casa sem que ninguém percebesse nada.

Os quatro correram para a casa de Arlinda, para achar alguma pista nos caniços. Cada um puxava, empurrava, e nada acontecia. Até que Clara e Gabi, como se estivessem ensaiadas, cada uma com uma vara, apertaram, ao mesmo tempo, um símbolo escuro na parte dourada. E os caniços se dividiram. Elas acharam que haviam quebrado os objetos, mas não. As partes de baixo das varas se soltaram, e o que foi visto foram três papéis em cada vara. Cinco escrituras de terrenos e um mapa. Ficaram radiantes. Todos se abraçaram e, no frenesi dos acontecimentos, Clara e Hércules acabaram se beijando. Quando perceberam o que tinham feito, se afastaram timidamente.

O próximo passo seria conhecer os terrenos. Mas David foi cauteloso. Vamos ver na prefeitura quem são os vizinhos. Olhando os arquivos e os registros, David viu um terreno com uma casa perto da pedreira. Era um imóvel suspeito, e achou por bem avisar seus colegas auditores de trabalho sobre o local e sobre a visita que faria com os amigos.

Os quatro foram de carro. David avisou aos três, que poderia ser perigoso, e que ficassem atentos. Ao chegarem nos terrenos de Arlinda, viram terras enormes. Pareciam sítios. E estavam bem cuidados. Havia uma pequena casa com um casal e uma criança. Os caseiros tinham sido beneficiados por Arlinda Clemente, ainda em vida, com uma renda vitalícia, e com o direito de fazer plantações orgânicas para consumo próprio e para a venda. Essas pessoas cuidavam dos terrenos, e tinham autonomia para contratarem outros empregados, caso precisassem. Queixaram-se do vizinho que fazia muitas explosões na pedreira. Achavam que estavam poluindo o rio que os abastecia. Havia no terreno vizinho, um grande galpão, sem janelas, e que sempre ficava fechado. Diziam que lá não havia coisa boa não.

David, como fiscal do trabalho, identificou o tal galpão como um local padrão esconderijo de trabalhadores irregulares. Antes de ir, falou ao celular alguma coisa que os outros não conseguiram ouvir.

Os quatro foram ao terreno vizinho. Entraram, não havia ninguém. No galpão, Hércules forçou a fechadura, e conseguiram entrar. Aparentemente estava vazio, com algumas máquinas de costura abandonadas. Até que Gabi pisou no que parecia ser uma porta para um porão. Estava fechado com chave. Hércules e David usaram algumas ferramentas, que haviam levado, e conseguiram abrir. Para espanto e terror deles, quinze pessoas, dentre jovens e adultos estavam trabalhando em máquinas de costura. Num ambiente fétido, sem janelas, e com pouco ar. Eram escravos da fábrica de roupas do Fripon. Eram aqueles quinze que tinham sumido. O quarteto os liberou. E, pouco a pouco, numa emoção, eles iam subindo as escadas para a liberdade.

Quando estavam todos para sair do galpão, chegaram dois capatazes armados de fuzil. Eles os ameaçaram, e falaram que se alguém se mexesse ganhava chumbo. E gritaram para que voltassem ao porão. O grupo chegou a levantar o braço, quando chegaram quatro carros da polícia federal, outros tantos da polícia civil. Havia cercado o local. Prenderam os dois capatazes. Ao mesmo tempo, no centro de Moxiko, Manuel Fripon também recebia voz de prisão, por uso de trabalho análogo ao escravo, assim como, por poluição ambiental e destruição das pedreiras.

As gêmeas ofereceram dar parte dos terrenos aos quinze sofridos imigrantes para terem suas casas e fazerem uma plantação de orgânicos. Elas lhes dariam ajuda para que cada um fizesse uma casinha decente e informação de como fazer sua agricultura limpa. Todos gostaram da ideia e os quinze aceitaram a oferta.

Voltando para a casa de Arlinda, ainda estavam com dúvida do último enigma. “ não deixem as flores e plantas morrerem. O vaso é sua casa.” O vaso é sua casa. Lembraram que na casa havia alguns grandes jarros com plantas. Foram olhar. Tiraram as plantas cuidadosamente. E para surpresa geral, no fundo de cada vaso havia um pacote plástico. Dentro desse pacote havia pedras. Pedras preciosas e ouro que tinham pertencido aos bisavôs, quando tinham

vindo do pantanal para fundar Luau de Moxiko. No final do século XIX.

As meninas, meses depois, reverteriam as pedras e o ouro em recursos financeiros para instalarem turbinas eólicas em seus terrenos, bem como painéis para captação de energia solar. Assim, os novos 15 moradores e a família que lá já habitava teriam energia para o que quisessem, e, na medida em que a produção fosse crescendo, conduziriam essa nova tecnologia para toda Luau de Moxiko. Arlinda Clemente se sentiria feliz, onde quer que estivesse.

Clara combinou com a gêmea Gabi que viajariam juntas para compartilhar os momentos a partir de agora. Clara comprou sua passagem de ônibus e se despediu do casal. Queria voltar para casa para escrever toda aventura. Clara era escritora nas horas vagas. Entrou no ônibus e sentou-se. Até que se lembrou de Hércules. Não tinha se despedido dele e nem pegara seu contato. Bem, sua irmã com certeza teria. Depois pediria para ela. Ficou meio triste, pois achou que poderia começar algo com ele. Ok. O ônibus começou a andar. Um pouco mais à frente, na estrada, ainda em Moxiko, o veículo parou para pegar mais passageiros. Para alegria de Clara, quem subiu? Hércules Porró Silveira. E onde ele se sentou? Ao lado de Clara. O que aconteceu depois? Isso é outra história. Podemos dizer que Clara teve sorte. Uma dupla sorte. Ou será tripla sorte?





Tania Werneck

Quem disse que estrelas brilham somente à noite?



Quem disse que estrelas brilham somente a noite?

Tania Werneck

E lá estava ela, a me observar silenciosa. Às vezes me surpreendia com sua imagem e me assustava. Eu me sentia incomodada com sua presença, acolhida por seu afeto, criticada por seu olhar, incentivada por sua coragem, garra e muita fé!

Tínhamos diariamente momentos especiais, nos intervalos das tarefas de casa, dos cuidados com agenda médica. E quando me dirigia ao banheiro para refrescar meu rosto, tomada por pensamentos, decisões, ainda conseguia vê-la!

E de imediato, mesmo que por um relance, ao fitar seus olhos, reconhecia, no seu brilho intenso, uma menina que lembrava ter conhecido na infância e que cantava baixinho ou alto, dependendo da intensidade da esperança daquele olhar.

Às vezes me parecia cabisbaixa, pensativa, muitas das vezes o semblante sério me incomodava, e, de imediato, a aconselhava a buscar memórias afetivas que a fizessem sorrir. Quase sempre me ouvia e soltava uma sonora risada. Eu, hein, parece doida!!!

Ontem, mais uma vez, eu a vi chorando. Fiquei sabendo que busca dentro de si força e esperança, mas o que faz parte de suas orações noturnas são as súplicas por nunca lhe faltar amor e doçura para com sua mãe.

Compreensível! Quem poderia não amar e venerar essa incrível guerreira, a pequenina, gigante, pitonisa Eloá?

Não é hora de autopiedade, logo se cobra, lava o rosto, respira, bota um sorriso no rosto, escuta-se para analisar o tom de sua voz, sabe que tem que passar alegria, esperança, segurança e acima de tudo companheirismo. Isto posto, então, vamos em frente!!!

Volta a se apresentar ao seu amor maior, saltitante, nem parece aquela que estava toda caidinha no banheiro. É lá que ela se esconde e se refaz, quando a força lhe falta! Liga o chuveiro, a pia do banheiro e desanda num berreiro sentido...

A tarde chega tranquila, mais um dia que segue necessitando cuidado e oferecendo aprendizados. O calor exige mais idas ao lavabo, então, com maior frequência a observo.

Continua ensimesmada, a analisar e tecer algumas críticas sobre todos os acontecimentos em sua vida! Então, embates de sentimentos contraditórios seguem e fazem com que se sinta perdida e machucada, nesta constante necessidade de auto cobrança. Caramba, bem que podia aprender a ser menos!

Talvez, assim, apareçam mais evidentes as camadas submersas que eu tanto gosto! Ela é sarcástica, brincalhona, densa, suave, até romântica! Adora praia, simplicidade, cervejinha, roda de cantoria, falar bobagens, filmes engraçados, acolher, cuidar e... Ufa! Quantas coisas me dei conta de que sei sobre ela!

Não preciso nem dizer o quanto me irrita, mas me encanta! Seus sentimentos e vivências me soam tão íntimos! Tenho a impressão de que se transforma, se adequa e não sai da minha cabeça.

As noites eram mágicas, preenchidas por conversas, carinho, comentários sobre as novelas, os filmes e quando a lua tomava conta do quarto, aumentava o sentimento de gratidão pela vida e a oportunidade única de estarem juntas por mais um dia.

As manhãs eram impregnadas de afazeres e conversas, o banho matinal, a mesa do café, a escolha de programas de entretenimento, a arrumação da casa, o preparo do almoço, tudo para ela tinha um significado.

O que dava sentido ao tempo e a vida, o que explicava também por que se divertia em criar situações que arrancavam sorrisos, afagos e muito amor entre elas e observar que seu rosto em meio ao cansaço refletia uma alegria infinita.

Ontem, contemplava o céu tão carregado de nuvens quanto seu coração, o que a levou a refletir sobre a necessidade de instituir datas, prazos para ser ou expressar afetos.

Foi impulsionada a pensar o quanto isto não é relevante, e que a falta dessa compreensão acaba com a legitimidade da mais genuína e pura forma de vivermos toda a extensão de nossa humanidade!

Grossas lágrimas emolduraram seu rosto, o vazio a envolvia de uma forma absurda, com a noite, o sentimento de orfandade, foi insuportável, já não precisava esconder o medo e a dor logo o vento das lembranças, como um afago materno e amoroso, as dissipou!

Nos dias subsequentes, ela sabia que teria que seguir em frente, que já não teria mais ninguém lado a lado que a lembrasse o quanto era fundamental, útil e dedicada por quem a amava incondicionalmente, fazendo com que as feridas que trazia em sua alma sangrassem.

Em uma de suas entregas ao luto, uma imagem embaçada com lágrimas e água, voltou a acusar sua presença. E lá estava ela, a me observar silenciosa, às vezes me surpreendia com sua imagem, até que nesta situação dolorosa resolveu se apresentar!

Hoje, mais uma vez, lá estava ela, continuava interagindo com minha aguçada curiosidade. Afinal, quem é ela?!!

A partir daí, era eu quem a espreitava. O que me intrigava era que, quanto mais eu a observava, mais me identificava com ela! Como se, ao analisá-la, conseguisse enxergar minha essência.

É instigante, assustador e fortalecedor escrever sobre sua subjetividade, quando você exercita o olhar externo para apropriar-se de uma imagem que reflete o seu interior.

Agora que já sei quem ela é, e nela me reconheço. Tenho voltado meus olhos para as janelas e, com ela, busco perceber que lacunas precisam ser preenchidas por fragilidades, medos, amor, alegria, tristeza, insegurança e esperança, exigindo garra.

E, neste nosso novo cotidiano, a rua permanece quieta, o sol beija as árvores e borda mensagens nas paredes da sala, a enchendo de paz, amor e luz, trazendo um acalanto para a ausência da presença física e carinhosa de quem dava sentido aos dias.

É neste novo caminho, de uma tão necessária reconstrução, que me vejo arrebatada a reflexões, buscando compreender algumas respostas para enfrentar mais uma vez o desconhecido.

Era assim que, ao contemplar o céu, quando menina, sobre meus afetos, me sentia. E, agora, com a visita inesperada de um beija-flor e a revoada de borboletas em minha janela, tenho os sinais do quão privilegiada sou por receber afagos e acolhimentos de longe, que, de tão verdadeiros e únicos, consigo senti-los, logo aqui!

Enquanto derramo nestas páginas meus sentimentos, sou capaz, sim, de estar envolta nesta mais verdadeira e misericordiosa força!

Conectada ao universo, sentindo a brisa morna do cair da tarde, ouço a suave voz da menina que habita meu eu, que se apresenta e, amorosamente, me indaga: **Quem disse que as estrelas brilham somente à noite?**



W. J. Solha

Se Jesus foi a luz do mundo, Virgulino era Lampião



Se Jesus foi a luz do mundo, Virgulino era Lampião

W. J. Solha

Pois se deu que, um mês antes de o Padre Martinho tentar o suicídio, Maria Grande, sentada num dos degraus do alpendre da casa-sede, gozando o espetáculo da sutil fusão do céu ainda azul com a visão das primeiras estrelas da tarde, tomava um refresco de mangaba, depois do banho, quando olhou para Maria do Meio, que fumava na enorme rede ao lado; para Maria Pequena, que – sentada num tamborete, atrás dela – beliscava macaxeira frita; e para Martinho, que – na sua cadeira de balanço – aparava as unhas do pé direito. E disse:

— Esta noite sonhei que o Padre se matava....

Ele não parou o que fazia.

— Foi mesmo, Grande? E como isso se deu?

— Você danou um tiro no peito, dentro da camioneta, de noite, na Rua Nova.

— E por quê? Ah, deixa pra lá.

Maria do Meio se voltou na rede, perguntando, com a fumaça da baforada tornando sua expiração – parcelada pelas palavras – visível:

— Nunca tiveste aviso de nada em sonho, não, Padre?

Martinho se lembra – relatou-me por e-mail – de que uns dias antes de minha palestra sobre o Evangelho como plágio de Platão, sonhara que, ao soprar o pó que havia na enorme e arcaica Bíblia aberta no altar da velha igreja do Rosário, para lê-la com mais clareza durante a missa, assustara-se ao ver aquele mundo de letras... sumir.

— Às vezes – Maria do Meio prossegue – o alerta vem confirmado pela Natureza. Cruzei com uma raposa, hoje, e Virgulino dizia que isso é sinal de más notícias. E depois vi uma latomia sem propósito lá pelos lados da Porcina de Donária, e me lembrei de que Lampião ensinava que se um dos cachorros uivava, ou um bando deles fazia uma latideira agoniada, a coisa seria pior ainda.

Maria Pequena mastiga uma farpa de macaxeira, olha para os jarros de antúrios, no jardim, que ela mesma plantou, acrescenta, ao ver Martinho negar com a cabeça, fazendo “Ts ts ts ts!”

— Não acredita? Pois certa vez um sabiá desceu bem perto de Lampião e levantou cisco, alvoroçando-se, todo arrupiado, e isso bastou pra que o Capitão reunisse os capangas e fugisse, minutos antes que a polícia fechasse o lugar.

Maria Grande complementa:

— Num foi graças a isso que ele chegou a chefe, Padre? Quando o bando entrou numa casa da fazenda Forquilha, o dito Nhô Sebastião Pereira, então no comando da corriola, mal chegou foi logo se esparramando numa rede, mas Virgulino deu o aviso: Compadre, beba água e vamos furar pra diante, que os ‘macacos’ vêm aí! Pereira tomou o rapaz por nervoso, ao que Lampião disse Ah, é? Pois então se prepare que vamos levar tiro já e já. E foi só no que deu. Já em Souza do Ceará, o grupo desce pra uma fazenda onde só há milho para comer, Virgulino cisma e alerta: A gente vai comer é pipoco de bala e muito, se ficar aqui mais cinco minutos. Dito e feito. Daí por diante, com fama de adivinho, mandingueiro, e capaz até de ficar invisível, é ele quem passa a decidir onde e quando se deve ficar, fugir ou atacar. E de pajé a cacique passou, sem que ninguém sentisse.

— Mas se Virgulino tinha esse dom, – Martinho provoca, aparando a unha do dedo menor – por que, depois de passar a perna na polícia de sete estados, durante cerca de vinte anos, foi esconder-se num beco sem saída, como a Grota dos Angicos?

— Talvez porque ele sentisse que a hora dele estava chegando, – diz Do Meio – e a Grota parece o Horto em que Jesus suou sangue e foi preso.

Martinho larga a tesoura:

— Você já esteve lá?

— E eu não sou de lá, criatura? Nasci, me criei e me perdi na fazenda de dona Gilda Correia Nunes, em que fica a Grota, a cento e quarenta quilômetros de Aracaju. Dona Gilda era uma mulé danada, que sustentava doze filhos com a venda de peixe surubim e de doces feitos de cabeça-de-frade (o cactozinho dá muito por lá). Meu pai chamava a gente – os filhos dele – de suas quatro bocas, como as dos fogão. Mas num tinha terra, como a maioria num tem até hoje, daí o lugar, agora, estar infestado de MST. E foi o jeito ele botar as meninas na vida.

Pequena diz:

— Tudo, no fim de Lampião, foi muito esquisito.

— E no começo também – diz a Grande.

*Nunca botaste teu tino
em que era José o pai de Lampião
e Maria, a mãe de Virgulino?*

*Nunca botaste teu tino
na família a fugir sem destino,
levando de tudo – até os bodes –
que só se tivesse nos mocotós outro Herodes,
mudando,
que coincidência, pra Vila de Nazaré?*

*No entanto, é tudo verdade
e dou fé.*

*O mais danado, entretanto
é que o povo desse lugar
tinha fama de tão valente,
que o meu Capitão Virgulino,
por derradeiro inocente,
dizia, já em pequeno:
"Procedo de Vila Bela
mas não digo mais que sou dela,
porém que sou Nazareno!"*

Maria Grande, Do Meio e a outra veem que o patrão está... pasmo. E ele diz:

— E o que foi que houve de tão estranho no final, Pequena?

— Muita coisa. Pra começo de conversa, Zé Sereno bem que insistiu no dito de Corisco de que coito de uma só saída – a Grotá, no caso – é cova de defunto, ainda mais que tinha visto nas rolhas das garrafas de cachaça, fornecidas pelo coiteiro, furos de agulhas de injeção, sinal de que as bebidas trazidas por ele estavam envenenadas. E ainda teve mais: Mané Félix chegou de Piranhas dizendo que o sargento Aniceto tinha botado o vaqueiro Joca Bernardes no canto da parede, e conseguido, dele, a informação de que Pedro de Cândido sabia de Lampião! Por que não fugir, escapar de uma vez?

Maria Grande acrescenta:

— Virgulino alegou que estava esperando Corisco pro dia seguinte. Que daria tempo...

— O pior – diz Maria do Meio – é que, alguns dias antes de morrer, Lampião chegou muito abalado junto de seus cabras, e contou que estava na margem do grande rio, quando o Nêgo do São Francisco lhe apareceu e ficou parado, olhando pra ele, assim, ó, coisa de fazer medo. Isso num lembra a visão do anjo no Jardim das Oliveiras?

Do Meio continua:

— Depois disso, dizem que Virgulino ficou parecendo tísico. Mofino o tempo todo, falou que precisava de um retraimento, pra ver se podia viver mais uns dias. *Tô morto* – resmungava. – *Não sou mais homem pra essa vida.*

— Conheço uns versos dele que dizem assim – garante Maria Grande – ...

— Dele quem? – diz o Padre.

— Virgulino. Pois o diabo não era poeta de primeira? Ele escreveu, pra ser cantado na Mulé Rendera:

E ela canta:

*Eu estando mais meu mano,
Meu mano estando mais eu,
Só penso que o céu é perto
E o largo do mundo é meu.
Eu agora me lembrei
Do meu irmão Ferreirinha,
A minha rede era dele,
A rede dele era minha,
Eu rezava o Padre-Nosso,
E ele a Salve-Rainha.*

— Ô beleza! – Do Meio vibra.

E Martinho:

— E o que foi que ele versejou sobre a própria morte?

— Isto:

*Estou bem perto do fim
que ele bom não pode ser.
Mato João, Pedro e Martim
e onde vou comparecer?
Já fiz tudo que queria
que me importa viver?*

— Parece que ele estava entregando os pontos.

— Lampião morreu em 38, – diz Do Meio – com o mundo, lá fora, à beira da grande guerra, o que (como você me disse, Martinho) iria dar num grande progresso da ciência e da... e da tecnologia, que ele acompanhou pelas revistas O Cruzeiro,... Fon-Fon, ... A Noite Ilustrada.... Vai daí que, quando Virgulino, mais o bando, atravessam o São Francisco pra chegar à Grotá, cruzam com um jazz-band que, noutra barcaça, viaja de Traipu para Pão-de-Açúcar. Virgulino paga cinquenta mil réis pra cada músico e eles tocam... música americana.

Martinho confere depois, nos livros. Sim: fox-blues de Cole Porter. De Louis Armstrong, o repertório do Mahogany Hall Stomp, disco da Polydor, que o fanático Júlio Cortázar citaria em Rayuela e Jazzuela, e que disse ter comprado em Buenos Aires, em 1935.

Do Meio conta:

— Maria Bonita estava ranzinza, bruta com Virgulino que, macambúzio, atinava que o tempo dele tinha passado: usava uma arma de 1908, recebida do Padrim Ciço em 1926 com a patente de capitão, um fuzil transformado em mosquetão-máuser pelo amigo Mestre Né, mas assim mesmo capenga, em vista das metralhadoras belgas de vinte tiros, Hotchkiss de trinta disparos, com que a polícia vinha.

Maria Grande, sorrindo:

— Vixe, Do Meio: parece até que tu foi cangaceira!

— Ouço essas histórias desde que me entendo de gente, lá no Sergipe, lá em Juazeiro do Padre Ciço – pra onde já fui em romaria nove vezes – e lá em Governador Dix-Sept Rosado, no Rio Grande do Norte, onde morei um bom tempo. Não tinha um jornal chamando *France Soá*, Padre, lá nas Oropa?

France Soir, ele digere: — Tinha. Por quê?

— Porque no dia seguinte ao da morte de Virgulino, isso saiu estampado na primeira página dele: *Morreu o Rei Vesgo do Sertão*. Em Neviorque o fato também foi manchete, e na Alemanha, quando se tomou conhecimento da degola do cadáver, pediu-se ao Brasil a cabeça do cangaceiro, para lhe estudar o gênio! Já pensaste? Num parece a placa escrita em três línguas, no alto da cruz?

— É impressionante! – Martinho diz. – E esse homem, esgotado, com mil contos de réis, ouro que dava para encher com gosto duas bacias de rosto, não só não deixa o cangaço, como teima em não sair da Grotá. Por quê?

— É como o senhor, que num deixa a batina e se casa com uma moça bonita feito a dona Corrinha, nem que o rabo arranque.

O sertanejo – ele me escreve, logo após essa conversa e muita leitura – *sempre foi místico, esquisito, capaz de associações mentais quase inacreditáveis. A Juazeiro dos tempos do Padre Cícero repetia o episódio da adoração do Boi Ápis, nas rezas e bajulações em torno do Boi Mansinho, do Beato Zé Lourenço, por causa da mentalidade do homem num meio semelhante. Os flagícios a que os penitentes se impunham não passavam de repetição de cenas da Idade Média na Europa, provocadas pelo ambiente do Cariri, semelhantemente medieval. Mas tudo isso é bem menos esdrúxulo do que mais de seiscentos penitentes cantando e se disciplinando na Serra do Horto, perto daquela cidade – ainda nos seus primórdios – certos de que ali se encontravam os chamados Lugares Santos do Evangelho. A um quilômetro dali, no lugar conhecido como Veado Frio, havia umas pedras onde se dizia estar a sepultura de Jesus. O fenômeno se devia a uma litografia, nos diplomas da Irmandade do Santo Sepulcro, onde se via a semelhança entre o Juazeiro, Rio Salgadinho e a Serra do Horto, com Jerusalém, o Rio Jordão e Monte Calvário. Dizem que um doente, ao se banhar no Salgadinho, tomando-o pelo Jordão, ficara curado.*

— Recapitulando – Martinho avalia, no alpendre da casa-sede. – Virgulino era filho de José Ferreira da Silva e de Maria Selene da Purificação, nasceu em Vila Bela (quase Belém) mas, pela herodiana

situação da família, perseguida por um inimigo poderoso, criou-se na Vila de Nazaré. Este povo era tão valente, que Virgulino, orgulhoso por dali proceder, dizia ser... nazareno.

A frase seguinte de Do Meio quase mata Martinho do coração:

— Lampião ganhou, certa vez, um livro famoso sobre Jesus, que você tem aqui em casa. Lembra-se de que o Rubens Bentancur lhe mandou esse presente, num aniversário seu? Ah, que nada, você nem abriu as páginas antigas, ainda pregadas umas nas outras!

Ela vai buscar o volume para ele, que lê na capa: História de Cristo, de Giovanni Papini, e vê Do Meio comentar:

— Eu num sei de Lampião ter lido outro livro na vida, além dos que teve na escola, mas aí dentro você vai ver – e Martinho vê, solta entre as páginas – uma foto de Virgulino com a tal da História nas mãos.

A presença daquela obra ali parece-lhe esclarecer tudo na vida do cangaceiro. A razão, por exemplo, de seu companheiro dileto se chamar Luiz *Pedro*, cabra que, numa brincadeira, sem querer, matara-lhe Ferreirinha, irmão muito querido, aquele, da Mulé Rendera. O perdão do chefe cala tão fundo no assassino involuntário, que ele nunca mais cortará os cabelos nem as unhas, além do que jura que morrerá aos pés do seu comandante, o que, de fato, cumpre na Grotá.

— É, o Luís Pedro, na hora H, bem no meio do fuzuê... se mandou! – diz Do Meio - Mas logo caiu em si e... acabou por morrer cheio de balas, aos pés de Virgulino.

— Vixe! – diz Maria Grande – É direitinho aquele filme que a gente vê quase todo ano aqui em casa, na Semana Santa. Martinho confirma:

— *O Quo Vadis*.

— É. São Pedro tá fugindo de Roma, quando tem uma visão em que Jesus arrasta a cruz, pelo que o apóstolo lhe pergunta *Pra onde, danado, tu já vai com essa cruz outra vez, Senhor?*

— O outro Pedro, esse de Cândido... — Do Meio prossegue — trai o chefe! Você veja, Padre, que ele é o coiteiro fiel, o que faz todas as compras de munição de boca e de armas pro bando.

— Um tesoureiro, tal e qual Judas! — Pequena comenta.

— Num é? Não foi à toa que Zabelê versejou depois:

*Ninguém no mundo se livra
do golpe duma traição.
Até Jesus foi traído
por um judeu sem ação
e morreu crucificado
sexta-feira da paixão.*

*Lá na Grota dos Angicos
no meio da escuridão
cercado de todo lado
ferido de supetão
foi pego, foi traído
o gigante do sertão.*

Do Meio toma alguns goles de refresco, prossegue:

— Quando Mané Félix chega na Grota, nota logo uma coisa estranha no bando e pergunta se tinham dançado, viajado toda a noite e o dia, para estarem daquele jeito, mal sentando e já dormindo.

Martinho, extasiado:

— É a cena exata do Horto das Oliveiras!

— Depois!

O Padre me diz ter-se assombrado ao ler no livro de Papini:

*Os apóstolos tinham-se deixado vencer pelo sono. Os temores dos
últimos dias, a torturante melancolia de um jantar que terminara*

com palavras tão graves e com tão lúgubres pressentimentos, tantas emoções repetidas, fizeram com que caíssem numa espécie de sonolência mais parecida com torpor do que com o sono natural.

— Pois Zé Sereno sempre achou que aquela sonolência vinha de bebidas *batizadas* e que a polícia só conseguiu apanhar Lampião porque ele estava envenenado ou grogue.

Martinho se arrepia dos pés à cabeça. Lê, em Papini:

lá embaixo, através dos arbustos que margeiam o caminho, luzes vermelhas aparecem e desaparecem na noite. São homens de Caifás, que sobem atrás de Judas.

— *Meu Deus!* – escreve-me, lembrando-se do relato da Do Meio – *Pedro de Cândido chega no escuro, trazendo a volante. O Tenente João Bezerra, sem poder enxergar o caminho, acende sua lanterna, que é vermelha, pelo que leva uma bronca do coiteiro: "Oxente, hóm: tu quer que Lampião veja a gente de longe, é?"*

Aí Do Meio declama os versos de cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante, num arremate sublime:

*Lampião foi no inferno
Ao depois no céu chegou.
São Pedro estava na porta,
Lampião então falou:
Meu velho, não tenha medo,
Me diga quem é São Pedro
E logo o rifle puxou.*

— *Jesus existiu!* – o Padre me escreve, chocado, *pelo messenger*, depois de me falar sobre essa conversa com as três Marias. – *Rubens*, – ele diz, para meu alívio – *você está errado!*

* Esse texto é parte do romance *Relato de Prócula* (Prêmio de Incentivo à Literatura, da Funarte em 2007, e Prêmio João Fagundes de Menezes, da UBE-Rio, 2010)



Willian Elói

Homens são iguais



Homens são iguais

Willian Elói

Estava aguardando o momento no carro, a uma distância em que não fosse percebida. De repente, apareceu. Celular na mão, olhando para os lados, em frente a um restaurante discreto, pouco iluminado. Canalha! No mínimo trocou de roupa no trabalho pra tentar disfarçar. Mas a gente sabe reconhecer o que nos pertence. Não sabe? Não demorou muito até que *ela* chegasse. Eu te avisei, minha filha, *ele tem duas caras*. Tânia olhou para as mãos trêmulas postas sobre o volante. O celular vibrava em sua bolsa. No mínimo o filho da puta estava ligando pra dizer que tava ocupado no trabalho e ia chegar tarde em casa. Colocou a bolsa no ombro e foi até lá. À medida que ia se aproximando, aumentava o tremor em suas mãos, que abriam a bolsa com dificuldade. Jorge nunca admitiu suas infidelidades. Toda vez que o viam com alguma mulher e a história chegava aos ouvidos dela, era sempre alguém muito *parecido com ele*, mas nunca *era ele*.

“Meu anjo, você não deve dar ouvidos aos outros. Deixar que fiquem colocando minhocas em sua cabeça. Juro, por tudo que é mais sagrado, que não era eu! Como eu poderia tá a essa hora na praia se eu tava na casa do Toninho?”

Aguentou aquilo por muitos anos. Estava cansada de sofrer. Mas hoje daria um basta!

Há apenas uma chance em cento e trinta e cinco de encontramos alguém exatamente idêntico a nós andando por aí. Mas quem se importa com isso, se os homens são todos iguais? Ele a traia. Vieram dar naquele fim de mundo – largando tudo para recomeçarem vida nova, *longe das fofocas*, segundo Jorge – e, mesmo assim, ele continuava com suas mentiras! Os mesmos telefonemas mudos do outro lado da linha. As mesmas desculpas esfarrapadas. Agora

voltava a sair todos os dias, deixando-a só com o bebê. Quem não te conhece que te compre, Jorge. Claro, era parte do seu plano. E depois a paranoica sou eu. Vendo *coisas* onde não existem. Quem é você, Jorge, que só se mostra pela metade?

O detetive havia-lhe mostrado as fotos. O bar em que sempre se encontravam antes de pedirem um uber. Para irem a um motel? Provavelmente!

Por favor, calma! – pediu a Tânia, que ficou com a arma apontada em direção aos dois.

Calma? Covarde, cínico, filho da puta! Eu te dei várias chances! E você faz isso comigo de novo!

Peraí, moça, não tenho nada a ver. Isso aqui é só trabalho!

Seja lá o que isso possa parecer, não é o que você está pensando... Eu posso explicar... Calma... Você está enganada...

Calaboca! – dizendo isso, escalou o revólver.

Eu não aguento mais! O único engano aqui é você! VOCÊ!

Disparos foram ouvidos pelos clientes do restaurante. Tânia, ainda absorta com os dois corpos sob seus pés, de repente saiu do transe. O celular ainda tocava em sua bolsa.

A-Alô?

Alô? Tânia? O que aconteceu? Cadê você, pelo amor de Deus! Estou te ligando há horas! Você saiu daqui e deixou o Jorginho sozinho! Sozinho! Tá maluca? O que foi que aconteceu? Tânia? Alô! Alô! Por que você não me responde?

Sobre os/as autores/as

Ailezz Silva

Sou Ailezz, nasci Zélia, cresci Zelinha. Muito cedo encontrei meu amor de vida e com ele me tornei mãe, avó e bisa. Ando de caso com a arte desde a época em que fazia muita arte nas brincadeiras de criança em Própria. Arte na alquimia culinária, arte na costura, arte em driblar as artimanhas da vida. Comecei a pintar aos cinquenta e oito anos, depois vieram as esculturas e depois a escrita. Minhas telas e livros já voaram para muitos lugares no Brasil e no exterior. Alguns dos meus livros são adotados em escolas públicas e privadas. Eu me reinvento diariamente na arte de fazer arte. Invento heterônimos, o primeiro foi Flora Liz, e estou florescendo outros... invento causos, invento projetos, o mais novo é meu canal no YouTube chamado A bisa Ailezz contando histórias! Sinto-me muito feliz com o carinho e o acolhimento dos meus leitores e sou muito grata a algumas pessoas mais que especiais que são como anjos, porto, farol, barcos e astrolábios que tornam possíveis as viagens que empreendo neste oceano das artes. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Ana de Santana

Doutora em Estudos da Linguagem, professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e membro correspondente da Academia Maranhense de Letras. Além das atividades de ensino (presencial e a distância), acumula experiência, na condição de colaboradora ou coordenadora, no campo da pesquisa, da extensão e da gestão. Os temas de interesse são: ensino de língua portuguesa e literatura, leitura, crítica literária, formação de professores, diversidade, feminismo interseccional e decolonial e processos de formação humana integral. Além de capítulos e artigos na área de literatura é autora dos livros de crítica literária *A nação guesa de Sousândrade* (2008), *Adélia Prado e a poética do falanjo* (2009), e dos livros de poesia *Danaides* (2005), *Em nome da pele* (2008) e *À unha* (2016). Em 2021, publicou, por meio da Lei Aldir Blanc, os livros *Bicicletas para descer ladeiras à noite* (poesia) e *As faxineiras sabem de tudo* (romance). Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Antonio Marcos dos Santos Trindade

Professor de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe - SEED-SE, mestre em Estudos Literários pelo PPGL/UFS - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe e doutorando na mesma instituição. Publicou também em 2015, pela NEA (Novas Edições Acadêmicas), o livro *Agonia Severina: dominação masculina no Romanceiro Sergipano*. E-mail: antonio.marcostrindade@gmail.com. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Araceli Otamendi

Escritora e jornalista. Nasceu na cidade de Quilmes, Província de Buenos Aires, Argentina. Diretora das revistas digitais *Archivos del Sur* e *Barco de papel* (infantil) fundadas por ela em 2002. Graduada em Análise de Sistemas pela Universidad Tecnológica Nacional - Facultad Regional Buenos Aires. Publicou o romance policial *Pájaros debajo de la piel y cerveza*, que ganhou o premio Fundación El Libro-Edenor em 1994. Em 2013 publicou, em revista digital, o romance policial *Extraños en la noche de lemanjá*, que atualmente não está on-line, mas que será publicado em papel em breve. Parte de sua obra (contos, ensaios, fragmentos de romances, entrevistas) foi publicada em diversas revistas culturais e acadêmicas, sites, jornais argentinos e de outros países. Ela escreveu três romances policiais, um deles inédito e atualmente está escrevendo outro romance policial. Como jornalista, trabalhou em diferentes meios de comunicação na Argentina: revistas *La Maga*, *El Grito*, *Cultura Segunda Época*, outras revistas culturais e um jornal. Também foi colunista e produtora geral de um programa de cultura na Radio del Plata. Em 2000, sua antologia *Imágenes de New York*, seleção de textos de autores hispano-americanos, foi parcialmente traduzida para o inglês por James Fernández e apresentada no Centro Español Juan Carlos I da New York University (NY) para acompanhar a mostra fotográfica com mesmo título. Participou de diversas antologias de autores argentinos e de outros países. Atualmente colabora em diversos meios de comunicação na Argentina e no exterior e coordena oficinas literárias de contos, romances e romances policiais.

Geóz Rodrigues de Melo

Nasceu na cidade pernambucana de Águas Belas, onde ainda reside. Leciona no Ensino Fundamental há mais de 20 anos. Adentrou no universo da leitura desde pequeno. Passa essa paixão para seus alunos. Em momentos de descontração escreve contos, poemas e uma fábula. Está se aventurando em crônicas. Possui um livro infantojuvenil ainda não publicado. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Gigia Talarico

Poeta e ficcionista, nasceu em Santiago, Chile, e estudou Arte (França), Literatura (Suécia) e Educação Universitária (EUA). Viveu vários anos na Bolívia, onde publicou oito livros de histórias infantis e um romance para jovens. Nessa categoria ganhou o *Premio Nacional de la Reforma Educativa*, (1997), publicou um romance em 2010 e em 2012 publicou *El espíritu de la palabra* (Proa - Argentina) e colaborou com aquela revista argentina por 8 anos. É responsável por algumas antologias do gênero e sua obra é lida em escolas, faculdades e universidades. Publicou os livros de poemas, *Ángeles de fuego* (2001), *Púrpura* (PLURAL 2008), com os quais obteve algumas menções (Itália, Argentina e Junín País), *La manzana dorada* (PLURAL 2013), com o qual ganhou o *Primer Premio Municipal de Poesía 2013* e o *Premio Único Nacional Dante Alighieri versión Poesía 2014*. (Melhor livro de poesia publicado naquele ano no país), e *Grietas del tiempo* (2020), que é uma coedição de Prosa, da Argentina e de Andesground, Chile. Está presente em várias antologias de poesia na Bolívia, Argentina e Chile, e também em antologias narrativas e algumas de microficção (Breviarius, Lilian Elphic, Microficcionistas Bolivianos, Microficcionistas pandemics). Tem um livro de poemas ainda inédito. Recentemente, junto com um grupo de amigos, criou a página de poesia *Poetas del Mar Interior de América*. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Homero Carvalho Oliva

Nasceu em Benin, na Bolívia, em 1957. Escritor e poeta, obteve diversos prêmios em contos, poesia e romance em nível nacional e internacional, como o *Premio Latinoamericano de Cuento* no México, 1981, e *Latin American Writer's* de New York, USA, 1998, e duas vezes o *Premio Nacional de Novela* com *Memoria de los espejos* y *La maquinaria de los secretos*. Sua obra literária foi publicada em outros países e traduzida em várias línguas. É autor de antologias de poesia boliviana também publicadas em vários países e participou de antologias nacionais e internacionais de contos, como *Antología del cuento boliviano contemporáneo*, *The fatman from La Paz*, *El nuevo cuento latinoamericano*; *Profundidad de la memoria*; *Antología del microrrelato* e *Se habla español*; de poemas, como *Nueva Poesía Hispanoamericana*; *Memoria del XX Festival Internacional de Poesía de Medellín*; *Festival de Poesía de Lima*; *Poetas del Oriente boliviano*. Entre seus livros de poemas se destacam *Los Reinos Dorados* e *El cazador de sueños*, inspirados nas tradições, lendas e cosmogonias dos povos amazônicos da Bolívia, e *Quipus*, nas tradições e lendas andinas. Em 2012 obteve o *Premio Nacional de Poesía* com *Inventario Nocturno* e em 2013 publicou a *Antología de Poesía Amazónica de Bolivia* e a *Antología Bolivia. Tu voz habla en el viento*, que reúne cinquenta e cinco autores, entre eles três Prêmios Nobel de Literatura, falando da Bolívia. É autor da *Antología de poesía del siglo XX en Bolivia*, publicada pela prestigiosa editora Visor de España. Em 2017, a editora El Ángel, de Quito, Ecuador, publicou seu livro de poemas *¿De qué día es esta noche?*; em 2019, a editora New York Poetry, de Estados Unidos, sua antología poética pessoal *Memoria incendiada*. Em 2020, lançou *Reconstrucción del vuelo* e *Dimensión del milagro*, antología poética personal e as editoras Cintra e ARC de Brasil publicaram a edição bilingue español/portugués de *Los Reinos Dorados*. Também no Brasil, participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Janaína Moreno Matias

Nascida em solo candango (Brasília/DF) e crescida em solo alexandriense, sobrevivente dos atuais tempos pandêmicos, mora em Natal/RN, planta seus sonhos, trabalha para cultivar seu roçado onírico e crer colher seus frutos na realidade cronotópica. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009), especialização em Língua Portuguesa: Gramática, texto e discurso (2011), mestrado em Estudos da Linguagem (UFRN - 2012), e é doutoranda em Estudos da Linguagem (UFRN - 2018) cuja tese se alicerça nos poemas de Patativa do Assaré e em como os elementos de sua poética se arquitetam na perspectiva do Círculo de Bakhtin. Atualmente é professora permanente Nível V-F da Escola Estadual Cônego Luís Wanderley (SEEC/RN). Atuou no (EMI) Ensino Médio Inovador no Projeto: Acompanhamento Pedagógico como ministrante da oficina: Letramento: Gêneros discursivos e produção textual (2013-2014). É amante dos saberes telúricos do ser(tão) brasileiro. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Márcia Batista Ramos

Nasceu no Brasil. Licenciada em Filosofia. É gestora cultural, escritora, poeta e crítica literária. É colunista da Revista Inmediaciones, La Paz, Bolívia e no jornal binacional *Exilio*, México. Publicou: *Mi Ángel y Yo*; *La Muñeca Dolly*; *Consideraciones sobre la vida y los cuernos*; *Petty Barrón De Flores: La Mujer Chuquisaqueña Progresista Del Siglo XX*; *Tengo Prisa Por Vivir*; *Escala de Grises – Primer Movimiento*; *Rostros del Maltrato en Nuestra Sociedad*; *Dueto*; *Escritoras Cruceñas*, Caballero, Reck & Batista; *Escritoras Contemporáneas Bolivianas*, Caballero, Decker & Batista; *Caspa de Ángel - antología de cuentos, crónicas y testimonios del narcotráfico*, Batista-Ramos & Carvalho Oliva. É colaboradora em diversas revistas internacionais. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Nathaniel Diggory

Nathaniel Diggory escreveu seu primeiro romance aos 11 anos e ainda não desistiu dele. No segundo semestre de 2021, começará a estudar Escrita Criativa e Inglês na National University of Ireland, Galway. Fora da vida acadêmica, Nathaniel se concentrou em ler livros, falar de livros, fazer livros, cuidar de cães, apertar cães, e olhar cães, e ver animes japoneses que seus amigos não gostam. Por enquanto, vive em Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, com os pais e os cães. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Rafael Senra Coelho

professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Amapá. Atua principalmente com histórias em quadrinhos, literatura e música, além de alguns trabalhos na área de cinema. Publicou *Olhar de bicicleta* (crônicas e contos), em 2017. Organizou, com Christina Ramalho e Ítalo de Melo Ramalho, o livro de crônicas *Todas as águas* (2019). Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Rosângela Trajano

Poeta, escritora, ilustradora e fotógrafa. Licenciada e bacharel em filosofia pela UFRN e mestra em literatura comparada também pela UFRN. Atualmente, cursa História na UFRN. Com mais de 21 livros publicados para crianças, ministra cursos a distância de filosofia para crianças. Últimos livros: *Dia de céus*; *Vestes do cuidado* e *Na rua dos ninhos*, de 2020; *Pezinho da noite*; *Iracema, a linda* (2021) e *Poemas para Chris*, de 2021. É editora da Lucgraf Virtual que produz ebooks científicos e de ficção. Ministra um curso voluntário de Inglês para as crianças do seu bairro em Natal, Rio Grande do Norte. Desde 2008 vem fazendo um trabalho de leitura e produção de textos no Memorial Combatente Manoel Lino de Paiva na cidade de Martins, Rio Grande do Norte. De sua autoria conta com 10 (dez) desenhos animados para crianças e alguns videopoemas. Também trabalha com a criação de infopoesia. Ilustradora, cartunista e fotógrafa premiada pela Justiça Federal do Rio Grande do Norte em 2018 com o segundo e terceiro lugar. Participou do III Salão de Arte Potiguar Dorian Gray com a obra *Carrinho de mão*. Faz parte do CIMEEP – Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos tendo produzido o seu primeiro poema épico no ano de 2015 intitulado *O menino louro e o galo de ouro*. Escreve para os sites Fãs da Psicanálise e Nei Pies – Educação e Direitos Humanos. Editora da revista científica de Letras intitulada *Barbante* há mais de sete anos no mercado editorial. Criadora do projeto “Flores Partidas”, por meio do qual combate a violência contra a mulher com ilustrações e poesias da sua autoria participando de exposições em escolas de ensino médio e universidades. O que mais gosta de fazer é conversar com as estrelas e andar no meio da chuva. Seus sites para visitas são: rosangelatrajano.com.br e danda.com.br. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Sheila Senes

Natural da cidade do Rio de Janeiro. Graduada em dois cursos, sendo um deles Licenciatura em Letras (Português/Inglês). Pós-graduada Lato Sensu em Língua Portuguesa. Participou de 7 livros de coletâneas de Crônicas e Contos, de diversos autores. Foi professora de Inglês e Português em alguns cursos privados. Atualmente canta em três corais amadores e estuda na área de terapias alternativas e integrativas. Participou em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

Tania Werneck

Olá, me chamo Tania Werneck, mulher preta, 62 anos, rica em amor por cultura, arte, gente! Socialmente, oriunda de uma família clássica das favelas cariocas (grau de pobreza extrema, família numerosa, histórico de bebidas, lágrimas, risos, lutas e muita garra, também marra!). Guerreira, decidi, orientada por uma mulher sábia e analfabeta, caminhar com e pela Educação. Assim, me tornei Pedagoga, e Pós-graduada com especialização em Educação em uma universidade particular. Com muito trabalho, ingressei como estagiária para receber um percentual de desconto nas mensalidades, na mesma fui efetivada e lá permaneci durante 15 anos. Já aposentada, rumo a um desconhecido e fascinante futuro, cá estou, extremamente grata, abraçando mais este desafio ao me aventurar em fazer parte deste lindo projeto! Grata a todos! Ah, participei em 2020 do e-book *Ampulhet@, crônicas futuristas*.

W. J. Solha

Um dos motivos de o cineasta Kleber Mendonça Filho me contratar para fazer o empresário de Boa Viagem, Recife, numa de suas obras-primas - O SOM AO REDOR, de 2012, foi a semelhança que viu entre um de seus atores preferidos – Erland Josephson, de Bergman – e essa minha foto, tirada pela filha Andréia para minha HISTÓRIA UNIVERSAL DA ANGÚSTIA, ed. Bertrand Brasil, 2005. Usei essa semelhança no conto BRAINSTORMING – em que discuto a ideia de filmar Osman Lins, com meu superego: Erland, anos atrás. Meu romance RELATO DE PRÓCULA, de que faz parte este SE JESUS FOI A LUZ DO MUNDO, VIRGULINO ERA LAMPIÃO, é um... duplo de outro romance meu, A VERDADEIRA ESTÓRIA DE JESUS, em que os quatro hipotéticos evangelistas criam o messiânico mito. Foi a descoberta de tanta semelhança de Cristo com o cangaceiro – que existiu, embora também bastante mistificado – que me fez rever tudo. Grande ideia, essa, de Christina Ramalho. Faz a mente da gente ferver. Me lembrou não só esse lance com Erland Josephson, como da estranheza que senti ao me ver como o milionário do Kleber Mendonça, depois de - dez anos antes – ter feito um camponês sertanejo enlouquecido pela miséria em A CANGA, curta de Marcus Vilar, adaptado de um trecho de meu romance homônimo. Algo como Chaplin fazendo o papel do barbeiro judeu e da caricatura de Hitler, em O GRANDE DITADOR.

Willian Elói

William Eloi nasceu no litoral paulista (Guarujá) em 1978, sob o signo de aquário. É radicado em Natal desde 1984. Ex-membro da banda de rock *Electrilove* (1998-2002) com quem gravou o Ep *Strange thing called Electrilove*. Participou da extinta hq *Hollos*, como desenhista e argumentista. Estreitou em 2013 com o romance, *Notas Suicidas: uma novela experimental* (Multifoco, 2013). Hoje, descontinuado. Em 2018 teve uma de suas crônicas usadas como tema de redação da UFRN: Cartas que (ainda) te quero cartas. Participou com dois contos da antologia 2084 *Mundos Cyberpunks* (Lendari, 2019) e ainda em 2019 lançou *A Vertigem seguida da Náusea*, livro de contos, pela Sol Negro edições (Sol Negro, 2019). Neste momento está preparando uma coletânea de seus textos publicados em sites como Carta Potiguar, Substantivo Plural, JOL, e a revista digital Tamarina Literária, chamada *Crônicas do meio-fio*. William Eloi tem como principais influências literárias Henry Miller, Jean Genet e o grupo *Calçada Quatro*.

A photograph of a stone bridge over a river, with buildings and trees reflected in the water. The reflection is clear and detailed, showing the architecture of the buildings and the foliage of the trees. The text is overlaid on the lower part of the image.

o duplo

contos sobre os outros eus